



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA – PROF-FILO

**UMA PROPOSTA DO ENSINO DE FILOSOFIA
À LUZ DO CUIDADO DE SI, EM FOUCAULT**

JOSÉ JORGE SANTOS RODRIGUES

CAMPINA GRANDE – PB
2021

JOSÉ JORGE SANTOS RODRIGUES

**UMA PROPOSTA DO ENSINO DE FILOSOFIA
À LUZ DO CUIDADO DE SI, EM FOUCAULT**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Valter Ferreira Rodrigues
Coorientador: Prof. Dr. Flávio José de Carvalho

CAMPINA GRANDE – PB
2021

JOSÉ JORGE SANTOS RODRIGUES

**UMA PROPOSTA DO ENSINO DE FILOSOFIA
À LUZ DO CUIDADO DE SI, EM FOUCAULT**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia pelo Programa de Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, pela seguinte banca examinadora:

Aprovado em 30/ 09 / 2021.

Prof. Dr. Valter Ferreira Rodrigues
Orientador – PROF-FILO/UFCG

Prof. Dr. Flávio José de Carvalho
Coorientador – PROF-FILO/UFCG

Prof. Dr. Luciano da Silva
Avaliador Interno – PROF-FILO/UFCG

Prof. Dr. Marcos de Camargo Von Zuben
Avaliador Externo – PRO-FILO/UERN

A Antônia dos Santos Rodrigues, minha mãe, mulher que vive e ensina a arte do bem viver, fazendo do Cuidado de Si uma regra de vida.

Aos meus mestres e a todos aqueles que, em tempos tão difíceis, têm sido amor e resistência.

AGRADECIMENTOS

Aos meus alunos que motivaram o desenvolvimento desta pesquisa, pois, desde o ingresso no mestrado, pensava ser possível trazer, como produto dele, uma pequena colaboração que pudesse somar à minha prática de sala de aula, uma vez que os meus alunos me inspiram a desbravar outro caminho, pelo qual eles também possam vir a passar: o caminho do Cuidado de Si, no trilhar da Educação, no Ensino de Filosofia.

Ao professor Dr. Valter Ferreira Rodrigues pela orientação; por apresentar-se sempre como verdadeiro mestre e amigo que caminha e constrói junto; pelas palavras de apoio e dicas valiosas na construção deste trabalho; por ser um professor que inspira os seus alunos a buscarem sempre mais e a se doarem sempre mais no processo educativo, e por ser inspiração de verdade e honestidade na Educação pública do nosso país.

Ao professor Dr. Flávio José de Carvalho que foi coorientador, amigo e parceiro de jornada nas aulas de filosofia e na construção desta pesquisa, e que tanto me ensinou sobre Foucault e o seu denso pensar, indicando, com maestria, as rotas do ser sujeito de si mesmo, a partir do verdadeiro Cuidado de Si. Suas dicas de leituras, seu apoio nos momentos tensos, suas falas de encorajamento, suas correções cirúrgicas e necessárias deram cor e tom ao nosso trilhar pelas estradas foucaultianas, além do gosto pelo Ensino da Filosofia.

Ao professor Dr. Marcos de Camargo Von Zuben que, com olhar preciso e palavras acertadas, apontou caminhos seguros para o crescimento da nossa pesquisa, desde o exame da qualificação. Com certeza, as suas contribuições foram muito importantes para o despertar de um olhar mais atento para a escrita e para a vida, dentro e fora da sala de aula.

Aos professores do PROF-FILO/UFCG que apoiaram e incentivaram o nosso projeto e que se dedicam à formação contínua de outros professores, objetivando, sempre, melhorias para a Educação em nosso país. De modo especial, agradeço ao professor Dr. Luciano da Silva que leu criteriosamente esta dissertação, oferecendo sua generosa contribuição e acréscimos, além de apontar caminhos a serem percorridos no caminhar do Cuidado de Si.

Aos meus amigos/companheiros do mestrado por dividirem comigo este tempo de experiências e aprendizagens, crescimentos e incertezas. Levá-los-ei em meu coração e sentirei saudades dos

momentos de aprendizado, partilhas, convivência saudável e divertida. Meu abraço mais fraterno e carinhoso ao poeta e filósofo Genildo Santana; à filósofa Suelen Lopes; à filósofa Danilma Garcia; ao filósofo Beneilto da Silva; à filósofa Neuza Rodrigues, enfim, aos “Os Filósofos da Borborema”.

À minha mãe, Antônia dos Santos Rodrigues, e ao meu pai, José Rodrigues Filho (*in memoriam*), às minhas irmãs por serem porto seguro, apoiando as minhas partidas, acolhendo as minhas chegadas, compreendendo-me nas ausências e me amando em todos os momentos.

Aos caros amigos Adriel David da Silva Falcão e Anderson da Silva Pinto pela preocupação com as questões de formatação e organização das normas técnicas (ABNT), sempre me apoiando e ajudando na reta final do trabalho. De igual modo, agradeço a importantíssima e generosa colaboração da Profa. Ma. Euda Araújo Cordeiro, que gentilmente, aceitou realizar toda a correção ortográfica do trabalho e ofertou muitas dicas para o amadurecimento da pesquisa.

*“O cuidado de si: esse objetivo é a meta terminal da vida,
mas, ao mesmo tempo, uma forma rara da existência.”*

(MICHEL FOUCAULT).

RESUMO

Esta dissertação constitui *Uma proposta de Ensino de Filosofia à Luz do Cuidado de Si em Foucault*, ou seja, tem o objetivo de ser uma proposta de ensino aplicável a estudantes de Filosofia do Ensino Médio, de modo que, com base nela, eles possam sair do conhecimento de si para mergulhar na descoberta da importância de zelar por si mesmos, isto é, para o cuidado de si. Por isso, a partir do pensamento do filósofo Michel Foucault, aproximamo-nos, sobretudo, da categoria foucaultiana do Cuidado de Si (*epimeléia heautoû*), a qual é mais do que uma proposta pedagógica a ser trabalhada nas nossas salas de aula, mais do que uma teoria a ser aplicada com os nossos alunos, haja vista que se trata de um modo de viver, de uma conduta de vida, de um assumir verdadeiramente a si mesmo como sujeito, conhecendo-se e cuidando-se. Trata-se, portanto, de trilhar um caminho *psicagógico*, a partir de práticas críticas de si que possam permitir ao próprio sujeito – no caso, os estudantes – essa consciência do fazer-se, do cuidar-se, entendendo que ela é um caminho fundamental para que o indivíduo possa se tornar sujeito autêntico de si mesmo. A partir do pensamento de Foucault, apontamos, também, algumas aproximações com a Educação e suas implicações nela, destacando que a Educação deve ser caminho de verdadeira libertação para o sujeito, durante a formação da sua subjetividade, mediante práticas críticas de si mesmo. Sugerimos que, na Escola, a Educação deve ser um lugar privilegiado para a resistência do sujeito, a partir do Cuidado de si. Por fim, como caminho prático para a viabilização do que propomos, apresentamos o projeto de intervenção, o qual denominamos de “Filosofia de quinta”, com o intuito de ser aplicado no contexto pós-pandêmico, uma vez que estamos impossibilitados de realizá-lo nos dias atuais. Mas, deixamos explicitados todos os passos do referido projeto a serem seguidos. Desse modo, poderemos alcançar os resultados desejados, no momento da sua aplicação. Adotamos, também, *a escrita* foucaultiana *de si*, a fim de possibilitar ao estudante esse caminho de encontro e de cuidado consigo mesmo.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia. Práticas de Si. Cuidado de Si. Subjetividade.

ABSTRACT

This dissertation constitutes a proposal for Teaching Philosophy in the Light of Care for the Self in Foucault, that is, it aims to be a teaching proposal applicable to high school Philosophy students, based on which they can leave self-knowledge to immerse yourself in the discovery of taking care of yourself, that is, taking care of yourself. Therefore, from the thinking of philosopher Michel Foucault, approaching us, above all, to the Foucaultian category of Self Care (*epimeleia heautoû*), which is more than a pedagogical proposal to be worked on in our classrooms, more than that a theory to be applied with our students, given that it is a way of living, of a conduct of life, of truly assuming oneself as a subject, knowing oneself and taking care of oneself. It is about following a psychogogical path, from self-critical practices that can allow the subject - in this case, the students - this awareness of doing oneself, of taking care of oneself, understanding that it is a fundamental path for the individual can become an authentic subject of himself. Based on Foucault's thought, we also point out some approaches to Education and its implications in it, highlighting that Education must be a path of true liberation for the subject, during the formation of his subjectivity, through practices that are critical of himself. We suggest that Education, through the School's space, should be a privileged place for the subject's resistance, based on self-care. Finally, as a practical way to make what we propose possible, we present the intervention project, which we call "Fifth Philosophy", in order to be applied in the post-pandemic context, since we are unable to carry it out nowadays. But, we make explicit all the steps of the referred project to be followed. In this way, we will be able to achieve the desired results at the time of application. We also adopted the Foucaultian writing of the self, in order to allow the student this path of encounter and self-care.

Keywords: Teaching of Philosophy. Self practices. Self care. Subjectivity.

RÉSUMÉ

Cette dissertation constitue une Proposition d'Enseignement de Philosophie selon le Soins de Soi chez Foucault, c'est-à-dire, elle a le but d'être une proposition d'enseignement applicable aux étudiants de Philosophie de l'Enseignement Moyen, de façon que, basés sur elle, ils puissent sortir de la connaissance de soi pour plonger dans la découverte de l'importance de veiller par eux-mêmes, c'est-à-dire de prendre soin de soi. C'est pourquoi, à partir de la pensée du philosophe Michel Foucault, nous nous rapprochons surtout de la catégorie foucaultienne du Soins de Soi (épiméléia heautoû), qui est plus qu'une proposition pédagogique pouvant être travaillée dans nos salles, plus qu'une théorie qui sera appliquée à nos élèves, puisqu'il s'agit d'un mode de vie, d'une conduite de vie, d'assumer vraiment soi-même en tant que sujet qui se connaît et qui se prend en charge. Donc, il s'agit de suivre un chemin psychologique, à partir de pratiques critiques de soi-même pouvant permettre au sujet lui-même – dans ce cas, les étudiants – cette conscience de se faire, en comprenant qu'elle est un chemin fondamental permettant à l'individu de devenir un sujet authentique de lui-même. Basés sur la pensée de Foucault, nous montrons également quelques approximations avec l'Éducation et ses implications en elle, en soulignant que celle-ci doit être un chemin de vraie libération pour le sujet pendant la formation de sa subjectivité, au moyen de pratiques critiques de soi. Nous suggérons que, dans l'École, l'Éducation doit être un lieu privilégié pour la résistance du sujet, à partir du Soins de soi. Enfin, en tant que chemin pratique vers la viabilisation de ce que nous proposons, nous présentons le projet d'intervention, appelé "Philosophie de 'quinta'", en envisageant l'appliquer dans le contexte post-pandémique, puisque c'est impossible de le réaliser de nos jours. Mais nous expliquons toutes les étapes de ce projet à suivre. De cette manière, nous pourrions atteindre les résultats souhaités au moment de sa mise en oeuvre. Nous adoptons aussi l'écriture foucaultienne de soi, afin de permettre à l'étudiant ce chemin de rencontre et de soins avec lui-même.

Mots-clés: Enseignement de Philosophie. Pratiques de Soi. Soins de Soi. Subjectivité.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FOUCAULT E O CUIDADO DE SI	20
2.1 O Cuidado de Si como escolha de Vida	20
2.2 A questão do sujeito e da verdade: uma relação necessária	29
2.3 Parrhesía e psicagogia: a coragem da prática	39
2.4 Na possibilidade do fazer-se: as práticas de si	48
3 FOUCAULT E A EDUCAÇÃO: APROXIMAÇÕES E IMPLICAÇÕES.....	57
3.1 O pensamento foucaultiano e a Educação: caminhos que convergem.....	57
3.2 O sujeito e a Educação, na perspectiva das relações de poder	65
3.3 A Educação como meio de construção de subjetividades	74
3.4 O Cuidado de Si: um espaço para a resistência	81
4 PROPOSIÇÃO DIDÁTICA: O PROJETO "FILOSOFIA DE QUINTA" E A ESCRITA COMO CAMINHO DO CUIDADO DE SI.....	93
4.1 O que é o Projeto?	93
4.1.1. Público alvo do Projeto	97
4.2 Passos do Projeto	99
4.3 Roteiro didático-metodológico	101
4.3.1 Encontro 01: apresentação e orientações	101
4.3.2 Encontro 02: primeiro exercício de escrita	112
4.3.3 Encontro 03: segundo exercício de escrita	118
4.3.4 Encontro 04: terceiro exercício de escrita	121
4.3.5 Encontro 05: encerramento e avaliação	125
4.4 Referências para o Projeto	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
REFERÊNCIAS	136
ANEXO 1	139

1. INTRODUÇÃO

A área da Educação sempre nos chamou muito a atenção, sendo alvo do nosso interesse pessoal e profissional. Assim, desde muito cedo, temos esse desejo latente de conhecer e de transformar algumas realidades com base nos conhecimentos adquiridos, ajudando outros nesse caminho de descobertas. Nesse sentido, a filosofia foucaultiana tem sido chave que abre muitas portas para descobertas, inclusive, para a descoberta de si mesmo. Acreditamos que essas descobertas podem ser fonte de mudanças daqueles que estão envolvidos no processo educacional: professores, alunos e todo o corpo de agentes da escola. Depois do nosso ingresso no curso de Filosofia e, posteriormente, na sala de aula, aquilo que era apenas “impressão” foi se confirmando como certeza, como realidade e caminho que seria trilhado. Não deixamos de pensar nem de acreditar que os sujeitos podem se enxergar e agir de maneiras diferentes, com o auxílio da Educação, em um processo de ensino-aprendizagem, deixando de lado as obviedades que lhes são apresentadas como o “comum da vida”, como verdades irrefutáveis.

Como o Ensino de Filosofia também entrou na discussão, o que mudou foi a percepção acerca de como esse Ensino tem nos ajudado a oferecer frechas para que as ideias sejam mais vistas e compreendidas pelos nossos alunos, de maneira diferente. Por isso, a pesquisa desenvolvida tem ligação muito estreita com a realidade da sala de aula, uma vez que parte dessa realidade e para ela deve retornar. O nosso objetivo não é apenas teorizar sobre um dado assunto ou sobre um tema do universo da Filosofia, mas, sim, fazer da nossa prática de sala de aula um constante laboratório de Filosofia, por conseguinte, do Ensino de Filosofia. Nesse sentido, os filósofos dispostos a isso, ao longo da tradição, ajudam-nos a entender tanto esse processo que aconteceu no passado quanto o que acontece no presente, na nossa prática. Foucault chamou esse movimento de *ontologia do presente*, um exercício que acontece não apenas diante do indivíduo, haja vista que o envolve por completo e o transforma na sua maneira de pensar e agir, sobretudo, libertando-o dos olhares exteriores que o dominam, transformando-o verdadeiramente em sujeito de si.

Quando pensamos em abordar *O Ensino de Filosofia à luz do Cuidado de Si, em Foucault*, foi justamente por observar essa ligação que o mestrado profissional (PROF-FILO) tem com a realidade da sala de aula no Ensino Médio e, por conseguinte, pela necessidade de reflexão e atuação em nosso contexto de docência. Por isso, faremos essa aproximação por meio de um projeto didático-pedagógico, o qual denominamos de “*Filosofia de Quinta*”. Como filosofia de referência para a execução do projeto,

entendemos que o pensamento de Michel Foucault permite responder àquilo que estamos pesquisando e nos possibilita fazê-lo com o que encontramos em sala de aula. Existe, portanto, uma correspondência, uma ligação muito próxima, o que chamamos de *convergência*, no nosso texto. Não estamos afirmando que Foucault tratou de modo farto e denso o tema da Educação ou do Ensino de Filosofia. Sabemos que esse não foi o alvo principal de suas investigações e pesquisas. No entanto, entendemos que, de modo especial, entre as suas reflexões filosóficas, a categoria do *Cuidado de Si* traduz aquilo de que desejamos nos aproximar na nossa prática pedagógica, além da preocupação com o tema do sujeito e a sua relação com a verdade, mediante as práticas de si, das quais Foucault tratou em várias obras, sobretudo, em *A hermenêutica do sujeito*. Assim, é possível fazer as devidas associações e relações com o nosso projeto de intervenção. Essa ligação do Cuidado de Si com a sala de aula acontece justamente porque não se pode separar ensino-aprendizagem ou processo educativo da vida do dia a dia. Seria impossível falar da prática educativa sem falar daquilo que a compõe, sem tocar nas atividades que constituem o fazer de cada um, sem entrar pelos caminhos que compõem as trilhas de experiências que formam cada sujeito. Por isso, falar do Cuidado de Si foucaultiano e do Ensino de Filosofia é quase se confundir no buscar construir-se, conhecer-se e fazer-se cotidiano.

É importante ressaltar que, para Foucault, o Cuidado de Si não é apenas uma teoria ou categoria a ser ensinada ao sujeito, uma ideia a ser repassada, uma técnica a ser apreendida em sala de aula. Não é um complemento que pode ou não ser acrescentado no fazer de suas atividades, sobretudo, ao se tratar da Educação e do Ensino de Filosofia. O Cuidado de Si, proposto na filosofia foucaultiana, é, antes, uma exigência para o viver autêntico do sujeito livre. Não deve ser entendido como uma exigência exterior que o professor impõe ao estudante, mas uma exigência interna que leva o indivíduo a relacionar-se consigo mesmo, saindo do raso das relações impositivas e violentas para adentrar na esfera do conhecer-se, para cuidar-se e zelar por si mesmo, fazendo-se sujeito. O Cuidado de Si realiza-se a partir de práticas críticas de si mesmo, as quais permitem ao sujeito ter acesso a si mesmo, configurando-se, assim, como uma verdadeira hermenêutica da existência, uma arte do bem viver. O Cuidado de Si é entendido como um fazer-se a si mesmo, um construir-se a si mesmo e um elaborar-se. Não é simplesmente um esperar, um conhecer-se por meio de instrumentos externos que determinam o modo de viver que o sujeito deve ou não assumir, o modo como deve ou não agir. Assim, podemos afirmar que a vida sem o Cuidado de Si torna-se uma espécie

de sobrevida que mergulha o dia a dia do sujeito em um vazio opaco, sem brilho, sem possibilidade de sua autêntica realização. Portanto, o Cuidado de Si aparece como descoberta da luz própria que permite irradiar vida na própria vida e sentido ao fazer as coisas, até mesmo quando elas não são feitas, porque é válido o fato de o sujeito se reconhecer e se cuidar.

Nos tempos atuais, vivemos aturdidos com tantas atividades, com tantos afazeres. Na Educação, não é diferente, pois, ensinamos, aprendemos, questionamos e somos questionados constantemente. Encarregamo-nos de muitas ocupações, sobretudo, com a exagerada preocupação com a qualidade do ensino. Mas, existe algo de que precisamos nos dar conta, com certa urgência: precisamos não apenas aprender ou ensinar. Faz-se necessário e urgente descobrirmos a importância do cuidado de si mesmo, do olhar mais profundo para si mesmo, do despertar para um voltar-se para si, antes de voltar-se para os outros e para a resolução dos problemas externos, antes mesmo de nos voltarmos para a complexidade das relações que nosso tempo nos impõe. É preciso que a nossa Educação e o Ensino de Filosofia nos ajudem nesse movimento que não enxerga apenas a obrigatoriedade do fazer, mas do fazer-se, do permitir-se ser. Isso não significa egoísmo ou solipsismo absurdo: trata-se da verdadeira liberdade para podermos agir nas mais diversas situações, uma vez que, para poder opinar, discutir, falar e entender o mundo o sujeito precisa, antes de tudo, entender-se a si mesmo, conhecer-se a si mesmo, fazer-se cotidianamente.

Durante a realização deste trabalho de pesquisa, fomos nos convencendo de que os estudantes, a partir da experiência do conhece-te a ti mesmo (*gnóthi seautón*), poderão mergulhar na experiência do Cuidado de Si (*epimelía heautoû*), descobrindo que a vida é bem mais atrativa e provocante do que se tem mostrado em sala de aula, mais interessante do que cumprir ordens e horários, do que cumprir a ementa já planejada detalhadamente, seguindo todos os passos já definidos pela BNCC, pela secretaria de Educação, pela gestão escolar. O Cuidado de Si gera interesse pela própria realidade, desmascarando falsas alegrias e trazendo aos estudantes alegria autêntica com o desejo de construir-se e não de simplesmente completar-se com os outros. Entendemos, portanto, que o Ensino de Filosofia que segue as trilhas do Cuidado de Si torna-se um caminho seguro para a verdadeira prática crítica de si, para a descoberta de si mesmo. Por isso, o Cuidado de Si apresenta-se como uma possibilidade de superação da inércia, como um modo de vida na Escola – e fora dela – e não apenas como uma teoria, como categoria a ser estudada e aprendida, simplesmente. Trata-se de uma prática a ser vivenciada, pois a

Educação que cuida de si, que dá vida à própria vida e sentido ao fazer-se não tem como trazer infelicidade, não tem como levar a erro, não tem como não trazer bons resultados.

Por isso, a partir das experiências de sala de aula e dos conceitos da filosofia de Foucault e suas análises, sobretudo, do Cuidado de Si, objetivamos uma reflexão que possa despertar nos nossos alunos que a escola – a sala de aula – é um lugar privilegiado para o Cuidado de Si, haja vista que não acreditamos que apenas o-pensar ou mesmo o-fazer, sejam suficientes no processo de libertação do próprio sujeito. Já a partir da perspectiva do cultivar-se, sugerimos que podemos sair da experiência de si para o Cuidado de Si, que são categorias foucaultianas importantes discutidas ao longo deste trabalho. A partir da observação da realidade dos nossos alunos, da problemática identificada, trilhamos caminhos que sejam possíveis e úteis a um melhoramento da sala de aula como espaço privilegiado para o filosofar, isto é, não simplesmente para a transmissão de conteúdo, mas para abordar as questões que dizem respeito à nossa própria existência, àquilo que nos constitui como sujeitos¹.

Desejamos situar que o projeto de intervenção ou proposição didática do nosso trabalho de pesquisa será desenvolvido na E.E.E.F.M. Desembargador Arthur Virgínio de Moura, localizada do município de Matinhas-PB². Sem dúvidas, podemos afirmar que é uma escola de grandes potencialidades, graças às suas equipes e a seu alunado, uma vez que conta com professores que trabalham intensamente, todos os dias, pelo crescimento e pelas conquistas relacionadas ao ensino-aprendizagem. Entretanto, devemos afirmar também que é uma escola sem muitos recursos e sem uma boa estrutura, como a grande maioria das escolas públicas do nosso país. Essa escola necessita de melhores condições em seu espaço físico para acomodação das atividades estudantis, e de recursos materiais e humanos para que a Educação possa ser melhor desenvolvida, razão pela qual seus

¹ Faremos uma discussão mais elaborada durante o trabalho, mas vale a pena ressaltar que “o sujeito em Foucault tem uma abordagem diferente de alguns pressupostos antropológicos, os quais teriam caracteres humanistas. O mesmo autor acredita ser o sujeito um processo histórico de descontinuidades que é construído ao longo do tempo por meio de dispositivos de subjetividades, rompendo com a ideia de ser ele uma substância. Assim, esse mesmo sujeito substancial tende, nas teorias foucaultianas, a morrer, dando lugar a um homem constituído por ‘modos de subjetivação’”. (EDGARDO, 2009, p. 408).

² O município de Matinhas está localizado na Mesorregião do Agreste Paraibano e na Microrregião do Brejo Paraibano, com uma área de 38 Km² representando 0.0675% do Estado, a uma altitude média de 500m acima do nível do mar. Limita-se a norte com o município de Alagoa Nova, ao Sul com o município de Massaranduba, a Leste com o município de Alagoa Grande; a Oeste com os municípios de Lagoa Seca e São Sebastião de Lagoa de Roça. Matinhas encontra-se a 145 Km da capital do Estado – João Pessoa, e a 24 Km de Campina Grande, principal cidade da região do Compartimento da Borborema. A principal via de acesso da sede do município é através da BR-104 (sentido Campina Grande-Lagoa Seca), seguindo pela via estadual PB-097 que dá acesso ao município de Alagoa Nova – após percorrer 10 km desta via, segue à direita pela PB 101. (IBGE, 2012).

alunos e professores estão sempre buscando aperfeiçoar os espaços e materiais a serem utilizados. No entanto, muitas vezes isso é inviável para as atividades requeridas, pois se trata, na realidade, de condições de estruturas que independem do esforço e do empenho de discentes e docentes, necessitando, portanto, da intervenção do poder público com seus recursos. Ressaltamos, também, que o público ao qual atendemos (alunado) é oriundo, na grande maioria, da zona rural, algo que registramos como importante ao idealizar nosso projeto de pesquisa. No Ensino Médio, não existe uma grande procura por matrículas. De acordo com as nossas conversas com o alunado, colegas professores, pais que frequentam a escola, gestão escolar e a comunidade local, não existe um grande interesse de algumas famílias no sentido de manter seus filhos na escola e, posteriormente, ingressar na universidade. De igual modo, alguns adolescentes e jovens não demonstram interesse de continuar os seus estudos após o ensino fundamental, o que nos causa certa preocupação. Além disso, sabemos que existem muitos outros jovens em idade escolar que vivem nas redondezas e que não frequentam as escolas do município.

Ao acompanhar o processo do Ensino de Filosofia em turmas do Ensino Médio, na escola Desembargador Arthur Virgínio de Moura, observamos que a sala de aula é, de fato, espaço privilegiado para a vivência das experiências filosóficas, o que nos possibilita a transformação das estruturas que nos rodeiam, a partir da mudança de nós mesmos, do nosso modo de enxergar o mundo e como nos portamos diante dele, embora saibamos que isso não se constitui como tarefa simples e fácil. Todavia, será tomada como desafio para esse trilhar filosófico sobre Si mesmo e o mundo, sobre um cuidar-se filosófico. Desse modo, desenvolvemos uma proposta direcionada ao Ensino de Filosofia no Ensino Médio, com base na própria realidade dos alunos, a partir de conceitos da filosofia foucaultiana e de uma metodologia que proporcione maior valorização da sala de aula como espaço para o filosofar, isto é, do entendimento da filosofia que parte da própria realidade e atinge a vida cotidiana.

Assim, o nosso trabalho está estruturado em três partes principais, além dos elementos pré e pós textuais. No primeiro capítulo, buscamos apresentar uma parte mais conceitual, com fundamento nos escritos de Michel Foucault e nos comentadores de suas obras. Como a obra de Foucault é muito vasta, fizemos o garimpo dos conceitos e categorias que desejávamos trabalhar em algumas de suas obras. Por isso, utilizamos *A hermenêutica do sujeito*, como base de toda a parte do referencial teórico, buscando apoio, também, em outras obras: *História da sexualidade (o volume III: O cuidado de si)*; *Vigiar e punir*, e trechos de *Ditos e Escritos*.

No primeiro capítulo, abordamos a discussão do Cuidado de Si, no pensamento foucaultiano, desde a origem do termo, suas implicações e consequências para a vida do sujeito. Decidimos tratar do *Cuidado de Si como uma escolha de Vida*, pois consideramos que o Cuidado de Si, de fato, para a Educação, para quem vive mergulhado no processo educacional, precisa configurar-se como uma verdadeira escolha de vida, a qual implica se afastar das opiniões alheias, das verdades dogmatizadas que violentam o sujeito, impedindo-o de mergulhar em si mesmo, conhecendo-se, cuidando-se. Esse precisa ser o caminho daquele que faz a experiência do Cuidado de Si. Que, como dissemos anteriormente, não é uma imposição externa, mas, uma escolha. Esse cuidado não pode ser algo apenas ensinado teoricamente: deve ser uma opção estético-existencial, razão pela qual dizemos que é uma escolha que o sujeito deve fazer. Ainda no primeiro capítulo, falamos um pouco sobre a *questão do sujeito e da verdade*, como *uma relação necessária*, por entendermos que a formação de subjetividades e a sua ligação com a verdade são preocupações dos escritos de Foucault. Logo, com base nessa constatação, podemos fazer uma ligação dela com o Ensino da Filosofia, com o modo como a Filosofia tem sido trabalhada em sala de aula. Nessa mesma perspectiva do sujeito e da verdade, abrimos uma discussão sobre *Parrhesía e Psicagogia: a coragem da prática* como atitude do sujeito consciente de si mesmo, como atitude que deve acompanhar todo o processo educacional em nossas salas de aula, como práticas que, verdadeiramente, formam o sujeito livre dos outros e próximo de si mesmo. Finalizamos o primeiro capítulo apontando os riscos das práticas de si que não colaboram para o fazer-se do sujeito, bem como deixando os caminhos indicados por Foucault para as possibilidades do fazer-se a partir das verdadeiras práticas de si, isto é, das práticas críticas de si.

No segundo capítulo, continuamos trabalhando os conceitos e as categorias foucaultianas, recorrendo, também, a comentadores que se destacam no âmbito da Educação. Procuramos, nesse segundo momento do nosso trabalho, fazer aproximações entre Foucault e a Educação, razão pela qual o denominamos *Foucault e a Educação: aproximações e implicações*, uma vez que queremos mostrar ao nosso leitor que é possível uma aproximação entre conceitos e categorias foucaultianas e a Educação. Nesse sentido, vale salientar que, mesmo Foucault não dando grandes destaques, nas suas pesquisas, à área da Educação, em sua obra existem elementos de aproximação que permitem fazer essa ligação. Assim, no primeiro momento do segundo capítulo, abordamos o *pensamento foucaultiano e a Educação: caminhos que convergem*, destacando aspectos de convergência entre a filosofia foucaultiana e o fazer educacional.

Destacamos, nesse momento, a importância do Cuidado de Si e das práticas críticas de si, bem como os caminhos que a Educação, cada vez mais, precisa trilhar, tendo em vista esses aspectos. Seguimos tratando do sujeito e das relações de poder, como se procedem tais relações na Educação e quais as suas implicações na vida desse sujeito, o que justifica o título *O sujeito e a Educação na perspectiva das relações de poder*. Aqui, trabalhamos de modo mais claro essas relações e suas interferências na formação do sujeito, de forma positiva ou negativa. Por isso, como desdobramento do item anterior, resolvemos aprofundar uma questão que muito nos chama a atenção e que também está ligada aos temas abordados no primeiro capítulo: *A Educação como meio de construção de subjetividades*, pois as práticas que formam o sujeito no processo educacional estão estritamente ligadas àquilo que fazemos todos os dias nas nossas salas de aula, à maneira como vemos e ouvimos os nossos estudantes, como tratamos o Ensino de Filosofia. Dessa forma, concluímos esse segundo momento da dissertação apontando para *O cuidado de Si: um espaço para a resistência*, pois entendemos que o Cuidado de Si é verdadeiramente esse caminho que o sujeito consciente de si encontra para resistir às formas de violência e à opressão que sofre todos os dias, seja na escola, seja fora dela. Logo, o Cuidado de Si é um caminho para a construção de uma Educação que busca formar sujeitos capazes por si mesmos.

Na última parte da nossa dissertação, construímos a intervenção pedagógica, isto é, a parte prática, a partir da realidade dos nossos estudantes, a qual observamos, das experiências partilhadas em sala de aula, do esforço que fazemos para dar continuidade a um processo educacional que possa libertar esses estudantes da condição de indivíduos para se tornarem sujeitos de si mesmos. Esse projeto foi gestado na academia, mas chegou ao final do mestrado, após inúmeras experiências, conversas e discussões com colegas, professores e alunos. Ele poderá ser materializado em realidades mais distintas, em escolas mais distintas, pois foi estruturado para poder atingir estudantes de diversas realidades e condições sociais. O projeto que denominamos “Filosofia de quinta” é baseado em experiências anteriores, vivenciadas em sala de aula com alunos das nossas turmas do Ensino Médio. O que fizemos, durante o mestrado, foi aperfeiçoá-lo, adequando-o a uma proposta pedagógica, com fundamento no referencial teórico foucaultiano. Observamos a proposta que Foucault apresenta com relação à categoria do Cuidado de Si, ao mostrar que o sujeito pode se realizar verdadeiramente, conhecendo-se a si mesmo e cuidando de si mesmo, experimentando práticas críticas de si.

O projeto “Filosofia de quinta” ganha robustez e nova forma com o referencial teórico foucaultiano, agora, relacionado com o Ensino de Filosofia, com as categorias da Educação e, com vários comentadores da área. Então, podemos afirmar que o projeto “Filosofia de quinta” é fortalecido em seus objetivos, principalmente, que se consolida como um alerta para o modo de fazer filosofia em sala de aula. Passa a ser organizado em cinco encontros, os quais deverão ser trabalhados com os nossos estudantes do Ensino Médio no contexto pós pandêmico, pois foi pensado para aulas presenciais,³ e, não no modo remoto ou *on-line*.

No primeiro encontro, de modo sucinto, apresentamos os objetivos do nosso projeto, a partir do Cuidado de Si, da importância da escrita, de uma vida ligada ao fazer-se, uma educação que se importa com o fazer-se, uma escola que pratica o Cuidado de Si e propõe aos estudantes a escrita de si mesmo como prática de si que os liberta da sujeição de outrem. No segundo, terceiro e quarto encontros são propostas atividades que devem ser desenvolvidas com os estudantes e pelos estudantes para colaborar nesse processo contínuo do chamado Cuidado de Si. Pois, eles – os estudantes- poderão em cada passo proposto perceber a importância do cuidar de si mesmo, a importância do olhar não apenas em volta de si, mas do olhar para si. E, nesse sentido, tais encontros propõem atividades que poderão colaborar com o caminho do Cuidado de Si de tais jovens e adolescentes nesse espaço da sala de aula. No quinto encontro, o projeto “Filosofia de quinta” apresenta algumas considerações e apontamentos. Assim, o projeto “Filosofia de quinta” deseja ser uma provocação para a reflexão acerca da postura filosófica, metodológica e pedagógica do nosso proceder/fazer em nossas salas de aula.

³ Infelizmente, não será possível a realização imediata do nosso projeto, em decorrência da pandemia da Covid 19, que nos tomou a todos de maneira inesperada, chegando de modo grave e muito rápido em nosso país, ceifando muitas e muitas vidas e impedindo a convivência, o contato, a realização das atividades presenciais. Dessa forma, o enfrentamento de uma situação dramática e caótica que se instaurou no mundo inteiro afetou, evidentemente, a educação, a nossa maneira de lidar com os nossos alunos. Na verdade, a Covid 19 impediu o nosso contato em sala de aula com eles, trazendo, por conseguinte, prejuízos à conclusão da pesquisa realizada no modo como seria (será) executado o projeto. Depois, devemos registrar a inviabilidade de aplicação da intervenção pedagógica de forma presencial, devido à suspensão das aulas presenciais, ocorrida no dia 17 de março de 2020, mediante decreto do governo do Estado da Paraíba. Sem dúvidas, tudo isso acarretou danos à aplicação da intervenção, de modo que inviabilizou a aplicação prática do projeto de pesquisa, uma vez que a escola Desembargador Arthur Virgínio de Moura – localizada no Município de Matinhas/PB -, onde faríamos (faremos) a intervenção pedagógica, fruto de nossa pesquisa - em conformidade com sucessivos decretos estaduais – continua em ensino remoto, sem previsão de retorno às aulas presenciais, bem como ocorre em toda a rede estadual de ensino.

2 FOUCAULT E O CUIDADO DE SI

“O cuidado de si é uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência.”
(FOUCAULT, 2014).

2.1 O Cuidado de Si como escolha de vida

De acordo com o pensamento de Michel Foucault⁴, não é difícil afirmar que os passos em direção a si mesmo sejam os mais importantes a serem dados na construção de uma vida autêntica. Portanto, devem ser os primeiros a ser dados, pois a verdadeira realização só pode acontecer quando o encontro consigo mesmo acontece, quando o sujeito se encontra plenamente em sua própria presença. O encontro consigo mesmo é *condicio sine qua non* para a liberdade do sujeito, para a sua realização. Por isso, não pode haver liberdade ou mesmo sujeito consciente de si sem os passos dados em direção a si mesmo, sem esse caminhar ao encontro e ao Cuidado de Si. Não se pode falar em conhecer o outro e cuidar do outro, sem antes conhecer-se e cuidar de si mesmo. O importar-se consigo mesmo, o gastar-se consigo mesmo é condição primeira para que haja uma autêntica realização do sujeito. Construir essa ética do Cuidado de Si não é

⁴ Michel Foucault (1926-1984) – “Foi um dos mais influentes pensadores franceses contemporâneos, identificado inicialmente com o estruturalismo – do qual certamente sofreu a influência, embora desenvolvendo um pensamento próprio, extremamente criativo e original –. Foucault nasceu em Poitiers e foi professor no Collège de France a partir de 1970. Empreendeu uma importante análise epistemológica do surgimento das ciências humanas e de seu papel em nossa cultura, bem como uma crítica à noção tradicional de sujeito. Por outro lado, foi também grande a influência do próprio método de análise do discurso por Foucault. Seu ponto de partida é o conceito de *episteme*, uma rede de significados – uma “formação discursiva” – que caracterizaria uma determinada época nos diversos domínios da sociedade e da cultura: da literatura à ciência, da arte à filosofia. [...]. Foucault questiona em sua obra *As palavras e as coisas, uma arqueologia das ciências humanas (1966)* a noção de sujeito e a ideia de ciências humanas que dela se origina, tendo ficado célebre sua conclusão de que: “o homem é uma invenção que a arqueologia de nosso pensamento mostra claramente a data recente, e também o fim próximo”. (JAPIASSÚ, 2006, p. 115). Podemos dizer também que “Ele destaca-se como historiador e filósofo, demonstrando assim que sua obra tem caráter bem diversificado, conseguindo abranger a história, a filosofia, a psicanálise e a linguística. Isso demonstra que ele se destaca por sua forte influência, levantando questões quanto ao caráter histórico das experiências sociais. Foucault se sobressai quando discute o poder não limitado ao exercício de um indivíduo, mas presente em todas as relações sociais, nas quais ele se encontra disperso.” (BLACKBURN, 1997, p. 159). Com certeza, ainda, pode-se afirmar que: “Foucault faz do pensamento uma prática ativa de problematizar as questões do seu tempo. Produziu teoria, muita teoria; mas também ajudou a pensar que há formas diversas de se relacionar com a teoria. Na esteira de Nietzsche, chamou a teoria de “caixa de ferramentas”; com isso, Foucault sugeria que nenhuma teoria tem valor em si própria, para além dos usos que lhes são outorgados. Trata-se, então, de uma pragmática – não utilitária – do pensamento: diz-me o que fazes com o pensamento e te direi o valor desses pensares...” (CASTRO, 2016, p. 11).

simplesmente falar sobre ela, refletir acerca da sua importância: consiste na compreensão da individualidade das existências. Assim, o filósofo e educador Flávio José de Carvalho aborda essa questão e, a partir do olhar foucaultiano, oferece-nos essa compreensão do Cuidado de Si, partindo da temática da estética da existência. Observemos:

Construir uma ética do cuidado de si, portanto, implica a compreensão da individualidade das existências (do modo próprio de existir), o reconhecimento dos inumeráveis modos possíveis de existência e de suas relações, o exercício de autogestão a partir das condições individuais, a prática da liberdade sem apelar para essencialidades ou teleologismos (tais como uma condicionante natureza humana, uma destinação transcendente-ontológica ou mesmo uma determinação racional). (CARVALHO, 2020, p. 202).

Logo, é preciso que haja um verdadeiro encontro consigo mesmo, um descobrir-se; é necessário enfrentar resolutamente a si mesmo, na arte de encontrar-se e conhecer-se; é preciso assumir essa tarefa paradoxal de sermos nós mesmos, a qual Foucault resgatou dos antigos que já a chamavam de Cuidado de Si. Foucault define nossa “subjetividade” como o que fazemos de nós mesmos quando realmente nos decidimos a cuidar de nós mesmos⁵. Assim, é fato que podemos começar a entender precisamente o que ele quer afirmar com “Cuidado de Si e subjetividade”, examinando, mais cuidadosamente, o que a busca de ser sincero consigo mesmo vem implicar. (TAYLOR, 2018, p. 166). Ainda que pareça complexo e paradoxal, o caminho do conhecer-se, do cuidar-se sempre será o da verdadeira realização do sujeito. Mesmo que ele demande muito mais tempo nessa busca de si mesmo, esse é o princípio que lhe garante a verdadeira autonomia de si em relação ao mundo e ao outro. Foucault assegura a sua importância para a realização do sujeito, destacando a necessidade do Cuidado de Si para um verdadeiro encontro consigo, pois quem não gasta tempo consigo mesmo, quem não se observa a si mesmo, quem não zela por si mesmo, quem não aprende a governar-se a si mesmo não saberá e nem poderá cuidar dos outros, zelar por eles nem governá-los. Essa

⁵ Nesse momento entendemos que é cabível a reflexão de Edgardo Castro que corrobora a discussão, quando afirma que “A história do ‘cuidado’ e das ‘técnicas’ de si seria, então, uma maneira de fazer a história da subjetividade; mas já não através das separações entre loucos e não loucos, enfermos e não enfermos, delinquentes e não delinquentes, mas através da formação e das transformações em nossa cultura das ‘relações consigo mesmo’, com seu arcabouço técnico e seus efeitos de saber. Desse modo, se poderia retomar desde outro ângulo a questão da ‘governamentalidade’: o governo de si por si mesmo, na sua articulação com as relações com os outros (como é encontrado na pedagogia, nos conselhos de conduta, na direção espiritual, na prescrição de modelos de vida).” (CASTRO, 2016, p. 91).

deve ser uma reflexão a ser feita nas nossas conversas e nas nossas salas de aula. Observemos o que Foucault propõe a respeito do princípio do Cuidado de Si:

O princípio do cuidado de si foi formulado, convertido em uma série de fórmulas como ‘ocupar-se consigo mesmo’, ‘ter cuidados consigo’, ‘retirar-se em si mesmo’, ‘recolher-se em si’, ‘sentir prazer em si’, ‘buscar deleite somente em si’, ‘permanecer em companhia de si mesmo’, ‘ser amigo de si mesmo’, ‘estar em si como uma fortaleza’, ‘cuidar-se’, ou ‘prestar culto a si mesmo’, ‘respeitar-se’ (FOUCAULT, 2014, p. 13).

Percebemos que não é apenas uma ideia construída no discurso de Foucault, ou mesmo uma teoria dada por ele para ser seguida. O princípio do Cuidado de Si ultrapassa teorias e ensinamentos e ganha vida na prática da vida, pois só tem sentido se é assumido verdadeiramente no cotidiano do sujeito. Esse Cuidado de Si é o consumir o seu tempo, suas ocupações e preocupações não apenas com as coisas externas a si mesmo, mas, justamente o desgastar-se e ocupar-se consigo mesmo: o ter cuidado para consigo, prazer e deleite em si mesmo, o recolher-se em si mesmo. Tudo isso indica na fala – e na vida – de Foucault a importância desse Cuidado de Si, que não pode ser meramente aprendido, simplesmente decorado ou transmitido, mas que deve estar incutido na vida e nas ações que se transformam em uma prática, por meio das atividades do sujeito. O Cuidado de Si precisa ser muito mais assumido como atividade e prática na vida do sujeito e bem menos como teoria a ser aprendida. Desde os antigos, o Cuidado de Si tem esse caráter. Por isso, Foucault faz questão de observá-lo e de ressaltá-lo na sua filosofia e na sua vida. Na coleção *Ditos e Escritos*, no volume IX, declara, Foucault:

[...] o cuidado de si permaneceu uma forma de atividade. O próprio termo *epimélēia* não designa simplesmente uma atitude de consciência ou uma forma de atenção que se teria consigo mesmo; ele designa uma ocupação regrada, um trabalho com seus procedimentos e seus objetivos [...] pode-se dizer que, em toda a filosofia antiga, o cuidado de si foi considerado, ao mesmo tempo, como um dever e como uma técnica, uma obrigação fundamental e um conjunto de procedimentos cuidadosamente elaborados. (FOUCAULT, 2014, p. 179-180, grifo do autor).

O Cuidado de Si é chave segura que abre portas para um universo de possibilidades no conhecimento do mundo e do outro, que ocupa espaço importante na realização do sujeito, que impulsiona o sujeito para momentos de encontro consigo mesmo e de saídas para si mesmo. Como já dissemos, o Cuidado de Si não é algo que

surgiu recentemente, mas, tem origem nos antigos. Portanto, a partir da leitura de alguns pensadores – principalmente do período platônico, helenístico e romano⁶ – Foucault vai assegurar que o olhar para si não diminui ou desqualifica o olhar para o mundo, uma vez que ele implica justamente o contrário, pois o conhecimento de si mesmo, como investigação e descoberta da interioridade, leva o sujeito à necessidade de se converter a si e, por conseguinte, de conhecer o mundo. Por isso, o Cuidado de Si jamais acarretaria isolamento ou afastamento do mundo ou do outro, mas, uma melhoria da própria realidade, haja vista que o bem estar do sujeito que se conhece a si mesmo leva a uma abertura sempre mais constante ao mundo e ao outro. Vejamos o que constata Foucault, acerca do Cuidado de Si:

A *epimeléia heautoû* é uma atitude – para consigo, para com os outros, para com o mundo. Em segundo lugar, a *epimeléia heautoû* é também certa forma de atenção, de olhar. Cuidar de si mesmo implica que se converta o olhar, que se o conduza do exterior [...] dos outros, do mundo para si mesmo. O cuidado de si implica uma certa maneira de estar atento ao que se pensa e ao que passa no pensamento. Há um parentesco da palavra *epimeléia* com *meléte*, que quer dizer, ao mesmo tempo, exercício e meditação. [...] Em terceiro lugar, a noção de *epimeléia* não designa simplesmente esta atitude geral ou essa forma de atenção voltada para si. Também designa sempre algumas ações, ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos. (FOUCAULT, 2014, p. 11-12, grifos do autor).

Utilizada para caracterizar a atitude filosófica por muito tempo, de modo mais forte entre os gregos, na cultura helenística e entre os romanos, a *epimeléia heautoû* é agora resgatada nos escritos e na vida de Michel Foucault, podendo ser incorporada, também, na nossa prática docente. Ela pode ser incutida como uma atividade diária nas nossas aulas, no Ensino de Filosofia. Foucault explicita que, em tal contexto – como nos dias de hoje –, o ocupar-se e o conhecer-se não seria uma atividade apenas dos filósofos, mas princípio de toda conduta moral e racional.

O Cuidado de Si não se restringe a um conceito, mas a *uma prática* ou conjunto de práticas e exercícios. O Cuidado de Si não pode ser entendido como uma teoria a ser

⁶ A expressão ‘cuidado de si’, que é uma retomada do *epimeléia heautoû* que se encontra, em particular, no *Primeiro Alcebiades*, de Platão, indica, na verdade, o conjunto de experiências e das técnicas que o sujeito elabora e que o ajuda a transformar-se em si mesmo. No período helenístico e romano, sobre o qual se concentra rapidamente o interesse de Foucault, o cuidado de si inclui a máxima delfica *gnôthi seautón*, mas a ela não se reduz: o *epimeléia heautoû* corresponde antes a um ideal ético (fazer de sua vida um objeto de *tekhné*, uma obra de arte) que a um projeto de conhecimento em sentido estrito (REVEL, 2005, p. 33, grifos do autor).

observada e absorvida e, por conseguinte, transmitida a outrem. Também não pode ser encarado como algo efêmero e descomprometido do modo do fazer-se do sujeito, mas implica um olhar comprometido que conduz do exterior ao interior, que liberta das impressões para conduzir a realidade do sentir, do ver, do tocar-se a si mesmo.

Foucault esclarece que *epimeléia heautoû* – (do grego) ou *cura sui* (do latim) – ou Cuidado de Si⁷ comporta a dimensão do exercício do parar, do compreender-se, de conviver consigo mesmo sem fugir desse verdadeiro encontro que traz liberdade e realização ao sujeito. Isso realmente foi buscado nas práticas dos antigos. Passa, também, pelo que se chamou de conhecimento de si ou *gnôthi seautón*⁸, que também é importante para o sujeito, uma vez que esse conhecimento de si deve levar ao Cuidado de Si, quando o sujeito busca cuidar de si mesmo, ocupar-se consigo mesmo, quando procura cuidar da sua própria relação consigo mesmo. Nesse sentido, Foucault, faz a distinção entre o processo do conhecer-se a si mesmo e o processo de cuidar-se de si mesmo para a realização e a liberdade do sujeito: “Creio, pois, que esta questão da *epimeléia heautoû* deve ser um tanto distinguida do *gnôthi seautón*, cujo prestígio fez recuar um pouco sua importância.” (FOUCAULT, 2014, p.9). Foucault esclarece ambas *gnôthi seautón* e *epimeléia heautoû*, deixando claro que não basta o conhecer-se, mas que é indispensável para a realização autêntica o cuidar-se de si mesmo, a busca e o viver consigo mesmo. Nesse sentido, na obra *Ditos e escritos*, Foucault faz esse esclarecimento acerca do conhecimento de si e do Cuidado de Si:

Para os gregos, esse preceito do ‘cuidado de si’ representava um dos grandes princípios das cidades, uma das grandes regras de conduta da vida social e pessoal, um dos fundamentos da arte de viver. É uma noção que, para nós, hoje, perdeu sua força e se tornou obscura. (FOUCAULT, 2014, p. 267).

⁷ A expressão ‘soui de soi’ traduz do grego ‘epimeléia heautoû’ (em latim “cura sui”); cuidado de si parece a melhor tradução para o português. (CASTRO, 2014, p. 92). Temos, ainda, do inglês, que é uma língua muito usada: Care of the self.

⁸ O *gnôthi seautón* – (“conhece-te a ti mesmo”): Foucault nos afirma que é sem dúvidas a fórmula fundadora da questão das relações entre sujeito e verdade, e que não tinha esse valor que posteriormente lhe foi atribuído. Por isso, vale ressaltar: “[...] aparece na filosofia, no pensamento filosófico, aparece, como sabemos, em torno do personagem de Sócrates. Xenofonte o atesta nos *Memoráveis* e Platão em alguns textos sobre os quais será preciso retornar. Ora, quando surge este preceito délfico (*gnôthi seautón*), ele está algumas e de maneira muito significativa, acoplado, atrelado ao princípio do “cuida de ti mesmo” (*epimeloû heautoû*). Eu disse “acoplado”, “atrelado”, na verdade, não se trata totalmente de um acoplamento. [...] O *gnôthi seautón* (“conhece-te a ti mesmo”) aparece, de maneira bastante clara e, mais uma vez, em alguns textos significativos, no quadro mais geral da *epimeléia heautoû* (cuidado de si mesmo), como uma das formas, uma das conseqüências, uma espécie de aplicação concreta, precisa e particular, da regra geral: é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidados contigo mesmo. (FOUCAULT, 2014, p. 5-6, grifos do autor).

O Cuidado de Si desemboca naquilo que não priva o sujeito e nem o afasta dele mesmo. Não o constrange por fazer a sua própria vontade nem por realizar-se como sujeito, saindo da sujeição dos outros para colocar-se de frente consigo mesmo, numa relação de verdade, de transparência e de acolhida para consigo mesmo. Por isso, Foucault vai lembrar que nunca é muito cedo nem muito tarde para o Cuidado de si, retomando um texto epicurista (Carta a Meneceu) que afirma: “Não é jamais nem muito tarde para tomar o cuidado da alma. Deve-se, então, filosofar quando se é jovem e quando se é velho.” (DITOS E ESCRITOS IX, 2014, p. 178). A filosofia aqui é associada ao cuidado da alma, ao cuidado de si mesmo, devendo esse cuidado acontecer sempre. Ou seja, o cuidado consigo mesmo não pode ser negligenciado em momento algum da vida. O Cuidado de Si leva o sujeito a identificar-se consigo mesmo, a dialogar consigo mesmo sem barreiras, distanciamentos ou intermediários. O Cuidado de Si objetiva na condução do perceber-se como realizador de própria existência. Por isso, ao comentar sobre esse tema do Cuidado de Si, Edgardo Castro afirma:

O tema do cuidado de si foi consagrado por Sócrates; a filosofia posterior o retomou e, na medida em que ela mesma se concebeu como uma arte da existência, a problemática do cuidado de si ocupou o centro de suas reflexões. Esse tema acabou ultrapassando os limites da filosofia e alcançou progressivamente as dimensões de uma verdadeira cultura do cuidado de si. Os dois primeiros séculos da época imperial (séculos I-II) podem ser considerados como idade de ouro da cultura do cuidado de si mesmo. (CASTRO, 2016, p. 92-93).

O Cuidado de Si não deve ser entendido como um manual de orientações, como uma bula a ser seguida em dado momento da vida, em momentos pontuais, que servirá ou não se enquadrará na formação do sujeito. Mas, deve se realizar na conduta diária, no fazer do dia a dia de quem aceita o desafio de viver autenticamente. O Cuidado de Si - ou *cura sui* - é para quem não deseja uma vida submetida pelas ordens dos regimes de outrem. Como ressalta Taylor, o Cuidado de Si “[...] foi composto de numerosas artes – incluindo, mas não se limitando à leitura, ao pensamento, à escrita e ao ensino. [...] antes ‘um exercício de si mesmo na atividade do pensamento.’” (TAYLOR, 2018, p. 183). O Cuidado de Si faz o sujeito mergulhar em si para poder se compreender e viver sua própria realidade, escapando de estereótipos e amarras que muitas vezes reduzem a existência aos olhares exteriores. Ao analisar essa questão trazida na filosofia foucaultiana, Judith Revel

apresenta dois pontos importantes para a nossa compreensão, no tocante ao Cuidado de Si, os quais merecem ser destacados:

[...] o nascimento de um conjunto de técnicas ascéticas, a partir do conceito clássico de cuidado de si, foi posteriormente, atribuído ao cristianismo. ‘Nenhuma técnica, ou habilidade profissional, pode ser adquirida sem a prática; não se pode tampouco aprender a arte de viver, *tekhne tou biou*, sem uma *askesis* que deve ser considerada como uma aprendizagem de si por si. [...] O segundo problema diz respeito exatamente à história dessas *afrodisia* como campo de investigação específico da relação com o si: exercer, sobre si mesmo e sobre os outros, ‘uma hermenêutica do desejo cujo comportamento sexual dos indivíduos foi certamente a oportunidade, mas não a área exclusiva’, de analisar os diferentes jogos de verdade empregados no movimento de construção de si como sujeito de desejo. (REVEL, 2011, p. 138-139).

Revel deseja esclarecer que o Cuidado de Si ganha outra conotação quando, ao longo dos séculos, dele são feitas outras leituras, sendo o cristianismo um dos encarregados dessa mudança no modo de o sujeito se enxergar, no modo de o sujeito se relacionar consigo, passando pela dimensão dos afetos e da sexualidade. Mas, trataremos isso quando falarmos sobre o sujeito e a questão da verdade. Sabemos que essas mudanças no modo do sujeito relacionar-se interfere diretamente no seu modo de constituir-se, de ver-se e de ver o mundo. Por isso, esse tema do Cuidado de Si tanto nos interessa, tanto interessa à Educação e ao Ensino de Filosofia. Relacionar a vida com o Ensino de Filosofia faz toda a diferença, pois se torna mais fácil e dinâmico o desenvolvimento de quaisquer projetos com participação direta dos próprios envolvidos, razão pela qual é urgente e necessário o Cuidado de Si como primeira etapa – e, mais importante – a ser trabalhada, discutida e posta em prática, para que a sala de aula e os demais ambientes da escola se tornem cada vez mais propícios para o filosofar. Sabemos quão desafiador é prosseguir o caminho, isto é, o Cuidado de Si, tanto nas experiências com a Educação e, com o Ensino de Filosofia, como na vida diária.

Somos convidados a dar passos, a ensaiar a própria estrada, ou seja, a olhar para nós mesmos, a nos cuidarmos, a nos encontrarmos com nós mesmos, para que o processo educativo seja alcançado, para que o cuidar do outro seja realmente atingido e, não um mero cumprimento de regras do sistema em que vivemos e às quais somos submetidos. Logo, trabalhar com adolescentes e jovens, em tempos atuais, é muito instigante na tentativa de enveredar por esse caminho, pois, ao passo que vivemos numa sociedade dita plural e tecnológica, sabemos bem que ainda não existe uma independência no pensar, no

fazer e no viver. Não existe independência ou maturidade completa de cada um em relação a si mesmo, sobre a sua própria vida como sujeito. Por isso, o Cuidado de Si torna-se necessário e até mesmo urgente na vida dos nossos alunos, com relação ao Ensino de filosofia.

O Cuidado de Si deve provocar cada vez mais a sua prática, no sentido de promover mudanças concretas que vão adequar o sujeito muito mais a um modo de viver, a uma atitude, a um transformar-se, a um sair das opiniões alheias para sua própria opinião, a um despertar para construir uma opinião, quando ele não a tem claramente a seu respeito. Como lembra Foucault, “[...] É preciso que o sujeito inteiro se volte para si, que se consagre a si mesmo” (FOUCAULT, 2014, p. 221), no sentido de uma conversão a si mesmo, como uma regra coextensiva à sua vida inteira, como assumindo uma máxima que está entranhada em cada atitude do seu fazer-se. Por isso, levar essa temática para a sala de aula nos faz pensar que podemos gerar nos nossos alunos alguns resultados a respeito do cuidar-se, do Cuidado de Si mesmo. Nesse sentido, podemos afirmar que o Cuidado de Si “é como uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento um princípio de permanente inquietude no curso da existência” (FOUCAULT, 2014, p. 9). É um processo que deve ter começo, mas que deve durar sempre, enquanto durar o sujeito. O Cuidado de Si não pode ser esquecido e deixado de lado. Ele precisa ser continuamente alimentado como uma prática diária. Assim como o atleta que se exercita diariamente para suas competições, o sujeito precisa ter cuidados consigo mesmo todos os dias, não em busca de premiações externas e recompensas outras, mas tendo em vista sua própria realização, seu próprio bem que já é seu grande prêmio.

O Cuidado de Si pode, ainda, ser comparado ao despertar e ao retirar-se de uma embarcação cujo destino não se sabe, pois não se sabe nem mesmo quem é o capitão a governar o leme. Mas, a partir de dado momento, com o conhecer-se e o assumir-se verdadeiramente, o sujeito passa a ser um viajante em sua própria embarcação, sendo ele mesmo o capitão de sua viagem, sem relegar a sua sorte a outrem, sem esperar que outros tomem o leme de suas escolhas ou falem em seu lugar e apresentem desejos que não sejam os seus. Só conhecendo a si mesmo e tratando de tomar a condução de sua vida, será possível esse movimento de encontrar-se consigo, de cuidar-se de si, de construir-se a si mesmo, de realizar-se a si mesmo.

Podemos, ainda, dizer que “O cuidado de si é o que praticamos quando nos dispomos a fazer o trabalho duro de forjar uma relação com nós mesmos. A subjetividade

resultante é a forma concreta de atividade que define a relação do eu consigo.” (TAYLOR, 2018, p. 168). Por isso, o Cuidado de Si não pode ser relegado ou delegado a outrem, não podendo ser tutelado para que alguém o faça em meu lugar. Diz respeito a mim, e somente a mim. Devo assumir com coragem e verdade o leme do meu barco, a construção dos meus sonhos, o aperfeiçoamento dos meus conhecimentos, os caminhos que desejo seguir. O Cuidado de Si, portanto, não pode ser entendido como lidar ou administrar as coisas que possuímos, como os bens materiais ou recursos financeiros, ou mesmo um cuidado somente com o corpo afastado do ato de pensar, de sentir. Foucault alarga essa compreensão quando vai resgatar nos antigos as origens desse Cuidado de Si, quando afirma na *Hermenêutica do sujeito*:

[...] o cuidado de si não é o cuidado do corpo, nem tampouco o cuidado dos bens, também não o cuidado amoroso, pelo menos não como o conceberam os enamorados [...] o cuidado de si estava completamente distinto do cuidado do corpo, isto é, da dietética, do cuidado dos bens, isto é, da economia, e do cuidado do amor, isto é, da erótica. (FOUCAULT, 2014, p. 146).

Ninguém pode assumir as próprias responsabilidades, cuidar do seu próprio destino, se não cuidar de si mesmo, se não se conhecer e se não mergulhar na sua condição e descobrir as suas potencialidades e possibilidades. Desse modo, o Cuidado de Si é construído no hoje e para o hoje, não podendo a *epimeléia heautoû* ser apenas planejamento para um futuro distante ou programa para quando se dispuser de tempo e de condições ideais. Ela precisa ser concretude e realização, precisa ser ação, exercício e prática, precisa incorporar-se ao que desejamos ser para que de fato o sejamos, não apenas a longo prazo, mas na construção de uma vida presente, para uma verdadeira prática na vida de cada sujeito. O Cuidado de Si pode ser considerado como o momento do primeiro despertar, como ressalta Foucault: “[...] Situa-se exatamente no momento em que os olhos se abrem, em que se sai do sono e se alcança a luz primeira” (FOUCAULT, 2014, p. 9). Não se pode protelar o Cuidado de Si, apegando-se a desculpas que se vai criando como necessidade mais urgente. Foucault, trazendo a figura de Alcebíades em seus relatos, explicita que este, por sua vez, cria a necessidade de cuidar da pólis e das pessoas – por meio da política – relegando o cuidado de si mesmo, o que resultou em um verdadeiro desastre para o próprio Alcebíades e para a pólis.

Destacando o papel do professor e dos alunos na construção de si mesmos, isto é, a partir do Cuidado de Si, podemos afirmar a grandiosa colaboração do Ensino de

Filosofia na organização de espaços de promoção do pensar e do agir filosoficamente, isto é, um agir que promova a educação na sua integralidade para inventar, criar e se recriar, uma vez que a criatividade não é apenas uma exigência de componente curricular. Assim, existe no inventar um comprometimento com o pensar e, no pensar, uma ligação com a vida, entendendo-se que o processo educativo não é letramento ou acúmulo de conteúdo, desconexo da vida e sem sentido nenhum para o fazer-se, mas é a arte de viver e bem viver, de cuidar de si mesmo, de preocupar-se consigo mesmo, sendo capaz de perceber e modificar o seu modo de vida. Nesse sentido, a Educação precisa ser voltada para o Cuidado de Si; do contrário, deixa de ser Educação e passa a ser um processo de mecanização, de robotização e de destruição do próprio sujeito. Por isso, o Cuidado de Si se faz necessário nesse caminho do olhar-se, do construir-se, do fazer-se sujeito.

2.2 A questão do sujeito e da verdade: uma relação necessária

As pesquisas sobre o Cuidado de Si nos levaram a refletir também sobre a importância do sujeito para a filosofia foucaultiana e para o nosso trabalho. Como observamos, anteriormente, uma das preocupações que ocupou o pensamento e a escrita de Foucault foi justamente a constituição do sujeito, sua relação consigo mesmo e com a verdade. Como afirmou Foucault, em *Ditos e Escritos*, a sua preocupação geral não foi o tema do poder – como muitos pensam –, mas a problemática do sujeito que constituiu suas investigações. Por isso, desejamos fazer, ainda que de modo breve, uma reflexão para o entendimento da sua concepção de sujeito e, desse modo, podermos melhorar a nossa intervenção pedagógica, isto é, a nossa proposta para o Ensino de Filosofia, a qual deve passar por uma atitude que seja referenciada no pensamento de Michel Foucault, mas, ao mesmo tempo, trate da vida concreta dos professores e alunos.

Por essa razão, entendemos que é importante, além do Cuidado de Si que deve ser assumido como um constante fazer-se, um verdadeiro exercício na prática educacional, lançando, também, um olhar atento para a concepção de sujeito que Foucault apresenta. Assim, teremos êxito no nosso projeto, teremos mais facilidades para atingir os seus objetivos, dentre eles, transformar o modo não só de pensar, mas de agir dos nossos alunos. Por conseguinte, a nossa prática educativa ficará mais sólida e amadurecida. Compreendemos, portanto, que não podemos tratar de Educação e de Ensino de Filosofia, sem antes falar da própria realidade com a qual lidamos em sala de aula, no dia a dia, sem nos aproximarmos do entendimento do sujeito e daquilo que o constitui. Nesse sentido, Veiga-Neto nos ajuda a olhar e a compreender essa ligação da concepção de Sujeito em

Michel Foucault com o Ensino de Filosofia, com a prática da sala de aula, com o desejo de intervir e transformar a realidade. Por isso, ao analisar a concepção de sujeito foucaultiana e sua relação com a verdade, Veiga-Neto, afirma:

Foucault dedicou-se ao longo de sua obra a averiguar não apenas como se constituiu essa noção de sujeito que é própria da Modernidade, como também, de que maneiras nós mesmos nos constituímos como sujeitos modernos, isso é, de que maneiras cada um de nós se torna entidade a que chamamos de sujeito moderno: ‘Eu gostaria de dizer, antes de mais nada, qual foi o objetivo do meu trabalho nos últimos vinte anos. Não foi analisar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise. Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos’. (VEIGA-NETO, 2007, p. 107).

Esse sujeito não é uma entidade pronta e acabada, mas um fazer-se constante, um buscar-se e um construir-se. Esse sujeito ocupou lugar de destaque no pensamento filosófico de Foucault e, por isso, vale a pena uma investigação mais acurada sobre ele, um olhar mais demorado para procurar entendê-lo. Ele passou por um *desantropologizar*, no decorrer da história, afastando-se de elementos que o determinam de modo arbitrário e de uma episteme cartesiana⁹, a qual se contrapõe a um fazer-se, apontando, apenas, para um aceitar-se, sem possibilidades de construir-se. Agora, não mais precisa de referências no metafísico e no infinito para poder existir. Mas, a partir do finito, tem suas referências e seus modos de acontecer – modos de subjetivação. Nesse sentido, o filósofo Edgardo Castro, na obra *Vocabulário de Foucault*, ao comentar a questão do sujeito e da subjetivação, traz a abordagem foucaultiana, mostrando que o sujeito não é algo dado e acabado, mas justamente resultado de um processo histórico de descontinuidades, que vai sendo construído ao longo do tempo por meio de subjetividades. Castro enfatiza esse

⁹ Em teoria do conhecimento, principalmente a partir de Descartes e do pensamento moderno, o sujeito é o *espírito, a mente, a consciência*, aquilo que conhece, opondo-se ao objeto, como aquilo que é conhecido. Sujeito e objeto definem-se, portanto, mutuamente, como polos opostos da relação de conhecimento. [...] *Sujeito transcendental*: Opõe-se a sujeito epistêmico e a sujeito psicológico [...]. *Filosofia do sujeito ou da consciência*: Na filosofia moderna, é a tradição racionalista que atribui ao sujeito um papel central como fundamento do conhecimento. [...] *Sujeito psicológico* ou individual, quer dizer, cada “eu” na medida em que tem consciência de uma unidade, apesar da diversidade de seus pensamentos e percepções, não é o foco do interesse da filosofia. só lhe interessa o sujeito universal ou epistêmico, o sujeito do conhecimento, vale dizer, para o racionalismo, o conjunto de propriedade da razão, universais e idênticas em todo o indivíduo. Descartes considera uma substância que pensa, que duvida, que existe. Kant o denomina “*sujeito transcendental*”; não é uma substância, nem uma consciência psicológica individual, mas uma função do espírito, fazendo com que todas as nossas representações (ideias sentimentos, imagens), que são distintas de um indivíduo a outro, acompanhem-se sempre de um “eu penso” consciente de si, idêntica em toda consciência, e dotado da mesma estrutura composta das formas da sensibilidade (espaço e tempo) e do entendimento (as categorias). (JAPIASSÚ, 2006, p. 261).

rompimento que Foucault faz com relação ao sujeito pertencer a uma ordem de essencialidade, ao afirmar que:

O sujeito, em Foucault, tem uma abordagem diferente de alguns pressupostos antropológicos, os quais teriam caracteres humanistas. O mesmo autor acredita ser o sujeito um processo histórico de descontinuidades que é construído ao longo do tempo por meio de dispositivos de subjetividades, rompendo com a ideia de ser ele uma substância. Assim, esse mesmo sujeito substancial tende, nas teorias foucaultianas a morrer, dando lugar a um homem constituído por “modos de subjetivação”. (CASTRO, 2016, p. 407).

Podemos dizer que, para Foucault, o sujeito não deve ser entendido como algo dado, pronto e acabado no mundo, como uma entidade preexistente ao mundo social, como se fosse um acontecimento naturalmente existente, sem a necessidade de ser forjado por meio de práticas, de atividades que lhe dão existência. Antes, é preciso encarar com realidade os acontecimentos e fatos históricos para a compreensão da construção desse sujeito e, até de um possível desaparecimento dele, e, como nos lembra Foucault, “isso é uma possibilidade”.

Na concepção de Foucault, a história da subjetividade é a história da relação entre sujeito e verdade. A questão do sujeito (subjetividade) e da verdade em Foucault é um tema complexo e interessante, de modo que não se pode pensar a filosofia foucaultiana sem pensar na concepção de sujeito, sem entender a noção de subjetividade e suas implicações com a verdade¹⁰. Sobre essa questão, logo no início da *Hermenêutica do sujeito*, Foucault, ressalta: “[...] A questão que apreciaria abordar [...] é a seguinte: em que forma de história foram tramadas, no Ocidente, as relações, que não estão suscitadas pela prática ou pela análise histórica habitual, entre estes dois elementos, o ‘sujeito’ e a ‘verdade’”. (FOUCAULT, 2014, p. 4). Dessa forma, o sujeito e a sua relação com a verdade ganham espaço na reflexão foucaultiana, pois revela a ética desse sujeito, o modo (estético) de sua existência. Não se fala, aqui, de uma verdade dada, substancial ou essencializada, assim como não se fala em um sujeito nesses moldes. Mas, é justamente nessa relação do sujeito consigo mesmo que essa verdade será forjada, haja vista que das práticas do sujeito resultará a verdade que ele viverá, que o formará, que o fará sujeito

¹⁰ Foucault quer perguntar sobre a relação entre subjetividade e verdade de um modo mais geral: “em que forma histórica as relações entre o ‘sujeito’ e a ‘verdade’, elementos que geralmente não se enquadram na prática ou na análise do historiador, se configuram no Ocidente”? [...] Como o Ocidente relaciona subjetividade e verdade, se é que o faz? (TAYLOR, 2018, p. 186).

autêntico. Não, ao contrário, um sujeito que viva para buscar uma verdade já construída por outrem em dadas condições, uma verdade metafísica e ideal.

Não se fala mais de um sujeito que é dado e acabado em si mesmo, sem possibilidades de construir-se ou de reconstruir-se. Foucault fala em um sujeito que não cabe dentro de condutas de determinismos, de essencialidade, de obediência a uma metafísica que o enquadra em normativas fechadas para defini-lo previamente. Esse sujeito vai ser resultante ou resultado de relações, de movimentos, de práticas e de técnicas. Foucault lembra aos seus leitores e ouvintes que o sujeito não surge por acaso, mas tem começo em dadas condições. Por isso, em todos os períodos da sua obra ou nos chamados domínios, insiste em demonstrar a importância da construção do sujeito, pois disso depende a nossa compreensão de todas as outras coisas ao nosso redor. Nesse sentido, Yazbek, trazendo a noção de sujeito em Foucault, afirma que ele foi implacável, no sentido de desmontar os esquemas com os quais, até então, o pensamento filosófico se movimentara – sobretudo na idade Moderna –, a começar pelo maior deles: aquele que insiste em recolher as marcas do pensamento na referência a um sujeito que, no fundo, não tem dúvidas quanto à sua “verdadeira natureza” de sujeito fundador. (YAZBEK, 2013, p. 12).

Trata-se de um sujeito que nem sempre existiu, como algumas correntes essencialistas defendem, que foi construído em dado período da história, que surgiu e que também pode deixar de existir, como nos lembra Taylor: “[...] em primeiro lugar, para compreender a evolução da problemática do sujeito na obra de Foucault, há que ter presente que, antes de tudo, trata-se de uma abordagem histórica da questão da subjetividade, em clara oposição à tradição cartesiana.” (TAYLOR, 2018, p. 168). É um sujeito moderno que se percebe a si mesmo, que se narra a si mesmo; um indivíduo que julga a sua própria história, que se reconhece existente; um sujeito capaz de atuar na sua própria existência e de dar sentido a ela e, o que é mais importante, de transformar a sua existência, o que os outros indivíduos não são capazes de fazer, mas somente nós. É um sujeito que também pode ter fim, que pode ser substituído por outro modo de existência. Nesse sentido, Taylor apresenta essa visão foucaultiana avisando que ele – o sujeito – é trazido à existência por meio da relacionalidade e não da essencialidade, ou de uma ontologia pré-determinada, um sujeito construído por uma subjetividade relacional e dinâmica, e que pode, assim, assumir-se de diferentes maneiras, construir-se de diferentes formas. Vejamos o que afirma Taylor:

[...] o eu ou o sujeito não é um ser autônomo, algum tipo de essência ou substância que existe dentro de nós, quer o procuremos ou não. Ele é trazido à existência como o resultado de alguma forma de atividade relacional. Aliás, a subjetividade, como uma relação dinâmica e ativa, pode assumir uma série de diferentes formas. (TAYLOR, 2018, p. 168).

A concepção de sujeito, em Foucault, torna-se ponto nevrálgico para a compreensão do seu trabalho, da sua arte ou modo de filosofar e viver. Torna-se, também, ponto importante para a compreensão do nosso trabalho, sobretudo, porque a nossa “matéria prima” é a Educação e, de modo especial, o Ensino de Filosofia. Trabalhamos não apenas com as ideias, mas com o próprio viver, com a possibilidade do construir-se no mundo, nas relações, no espaço que ocupamos. Por isso, é sempre necessário pensar também os nossos alunos como sujeitos da Educação, pensar as suas vidas e o que delas têm feito; pensar o processo pedagógico que é mediado nesse contexto. Por isso, não é possível discutir Educação e Ensino de Filosofia sem antes pensar numa concepção de sujeito foucaultiana¹¹, sem antes entender que, para Foucault, as práticas são de fundamental importância, pois modelam o sujeito, constituindo-o. Vale observar o que Castro afirma sobre esse mesmo tema:

Foucault sustenta que o sujeito “não é uma substância”. É uma forma, e esta forma não é, sobretudo nem sempre, idêntica a si mesma” [...] Foucault é conduzido a uma história das práticas nas quais o sujeito aparece não como instância de fundação, mas como efeito de uma constituição. Os modos de subjetivação são, precisamente, as práticas de constituição do sujeito. (CASTRO, 2016, p. 407-408).

Compreender a questão do sujeito, a partir da visão foucaultiana, configura-se como um convite a sair da própria condição imposta por outrem. É, ao mesmo tempo, um convite a entender-se, a assumir-se e a construir-se, como autor e fazedor do seu próprio caminho; é narrar-se a si mesmo, como existente, e compreender a própria existência como possibilidade de fazer-se, saindo da inércia, dos determinismos e das sujeições impostas por outrem – o que impede a realização desse sujeito, entendendo que o sujeito,

¹¹ Michel Foucault foi um filósofo que procurou colocar-se nos limites de *nossa* cultura de pensamento, subvertendo a moderna interrogação *sobre* o sujeito racional por outra, que a desarma e desnuda: e se o próprio “*pensar*” for constituído por sistemas anônimos, estruturas formais, isto é, não primordialmente por um conjunto de atos referentes a este ou àquele sujeito – ou mesmo ao sujeito racional em sua generalidade -, mas sim pelos laços nos quais nos movemos (espaços que, por isso mesmo, designam não o lugar de exercício de autonomia do sujeito, mas o lugar de estrangulamentos para o pensável, o enunciável, o concebível)? E o sujeito, ele próprio, não for senão um resultado discursivo, uma “função enunciativa”, um “espaço vazio” a ser preenchido, no interior dos discursos, por quem de direito? (YAZBEK, 2013, p.11-12, grifo do autor).

em Foucault, não é definido a partir daquilo que podemos apreender pelos estereótipos ou daquilo que se diz a seu respeito.

A concepção de sujeito perpassa as barreiras impostas pelas aparências: procura entendê-lo e explicá-lo na liberdade das suas escolhas, definindo-se a si mesmo, colocando-se diante de si mesmo, para si e para os outros, como detentor e realizador de sua existência. Assim, a escola torna-se um ambiente próprio para a construção desse sujeito, para que ele não seja mera reprodução de sistemas e regimes opressores vigentes, para que os sujeitos que acolhemos em formação, em nossas salas de aula, não se tornem meros reprodutores de ideias que não os atinjam verdadeiramente, mas que lhe permitam construir-se autenticamente. Ao tratar a questão do sujeito à luz da filosofia foucaultiana, a filósofa Anísia G. Dias Neta aborda a importância de uma visão de sujeito que possa ser alargada, que possa ir além de amarras e de opiniões, e que não feche os olhos aos problemas e à realidade. Nesse sentido, sua opinião coaduna-se com o pensamento de Michel Foucault e com a sua concepção de sujeito, bem como com aquilo que entendemos em relação à aplicação dessa visão ao Ensino de Filosofia. Por isso, concordamos com Dias Neta, quando, analisando a concepção de sujeito em Foucault e a sua relação com a Educação, Dias Neta, argumenta:

A educação para a vida perde o sentido quando seus objetivos se restringem a uma ideia de *sujeito* que tem uma finalidade específica a desempenhar na sociedade; um modo de aprender privilegiando a racionalidade, e uma teleologia subjugada aos processos da tecnociência, da lógica utilitária e econômica. Todos estes, externos à ideia primeira de educação para construção singular e criativa da vida. (DIAS NETA, 2016, p. 102, grifo nosso).

Por isso, devemos insistir que não se pode separar a teoria da prática. Em outros termos, não podemos separar a Educação – e o Ensino de Filosofia - daquilo que se busca viver no dia a dia da concepção autêntica de sujeito. Assim, discutir o sujeito e a verdade já é o começo para perceber-se sujeito de si mesmo, isto é, enxergar-se a si mesmo e descobrir as possibilidades de atuação no mundo, sem somente aceitar as opiniões alheias e as ditas “verdades” prontas, numa sujeição (*subjecto*) a tudo o que lhe é imposto, até mesmo à condição de um essencialismo, de um determinismo. Por isso, a obra de Foucault também pode ser entendida como uma exploração da liberdade, já que essa liberdade não é dada simplesmente, mas deve ser buscada, conquistada, uma vez que não existe, de modo *a priori*, primordial e fundamentalmente em um sujeito, mas é uma prática, uma realização, um modo de ser que o sujeito vai alcançando e

conquistando. (TAYLOR, 2018, p. 146). Falar sobre a questão do sujeito é, em certo sentido, tornar-se também sujeito, ao mesmo tempo em que se discute e se analisa a mesma questão. É tomar parte de si mesmo, é tornar-se também sujeito, ao passo que fala, reflete e discute. Sobre essa questão do sujeito e sua relação consigo mesmo e com a verdade, Foucault questiona-se e deixa a mesma interrogação, no sentido de saber como deve ser essa transformação do sujeito e quais devem ser as condições de acesso à verdade que é alcançada por ele. Observemos a fala de Foucault, nesse aspecto:

Em que e como devo transformar meu ser mesmo de sujeito? Que condições devo lhe impor para poder ter acesso à verdade, e em que medida esse acesso à verdade me concederá o que busco, isto é, o bem soberano, o soberano bem? Essa é uma questão propriamente espiritual, e acho que o tema da reforma do entendimento no século XVII é inteiramente característico dos laços ainda muito estritos, muito estreitos, muito cerrados, entre, digamos, uma filosofia do conhecimento e uma espiritualidade da transformação do ser do sujeito por ele próprio. (FOUCAULT, 2014, p. 27).

A questão do sujeito e a da verdade devem ser abordadas de maneira coligada, para que possamos compreender com clareza os conceitos foucaultianos e também relacioná-los com a nossa prática no Ensino de Filosofia, perguntando-nos, inclusive, o que tudo isso traz – ou pode trazer - de implicação para o dia a dia da vida docente e discente, o que pode ser transformado mediante as reflexões foucaultianas, como a nossa prática pode intervir na formação do sujeito, devendo pensar o Ensino de Filosofia de tal modo que ele seja útil na construção desse sujeito consciente de si mesmo, capaz de si mesmo, livre em suas escolhas. Como é importante uma prática educativa que, de fato, possibilite a construção de um sujeito a partir de um relacionar-se consigo mesmo. Como sugere Taylor a esse respeito, “a autodescoberta e a autoexpressão formam uma relação do eu consigo. Mas implica que o eu seja, em certo sentido, diferente de si mesmo.” (TAYLOR, 2018, p. 167). A prática educativa precisa ajudar os nossos estudantes nessa descoberta ou redescoberta de si, nesse libertar-se, nesse caminho do sair da dependência das opiniões externas que prendem seu existir, para uma relação mais autônoma e verdadeira consigo.

Sobre o processo de subjetivação¹², Foucault é bastante cauteloso ao tratar dele em suas aulas, palestras e textos, buscando sempre mostrar, a partir da realidade, os elementos de interferência nesse processo de realização do sujeito. Sem dúvidas, podemos afirmar que o pensamento de Foucault se apresenta, desde o início, como uma crítica radical do sujeito, tal como ele é entendido pela filosofia “de Descartes a Sartre”, isto é, como consciência solipsista e a-histórica, autoconstruída e absolutamente livre. O maior desafio é, portanto, o contrário das filosofias do sujeito, chegar a “[...] uma análise que possa dar conta da constituição do sujeito na trama histórica.” (REVEL, 2005, p. 84).

Foucault deseja esclarecer aos interlocutores o que fora posto pelos seus antecessores a respeito da questão do sujeito e da questão da verdade, principalmente, naquilo que o sujeito não é, naquilo que ele não pode ser, defendendo que não existe nele uma essência dada para uma existência determinada: “Trata-se, portanto, de pensar o sujeito como um objeto historicamente constituído sobre a base de determinações que são exteriores [...]” (REVEL, 2005, p. 84). Em outros termos, podemos afirmar que é uma forma de história que considera a constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objetos, sem ter de se referir a um sujeito, quer ele seja transcendente, em relação ao campo de acontecimentos, quer esteja perseguindo sua identidade vazia, ao longo da história. (REVEL, 2005, p. 84).

Foucault mostra como esse sujeito foi construído e, desse modo a sua relação com a verdade, não oferecendo exatamente definições desse sujeito, mas explicitando as condições de relações e possibilidades de sua existência, de sua permanência e de seu contato consigo e com os outros. Ele não deseja produzir uma teoria do sujeito, com definições acerca de uma ontologia dele, mas apresentar suas condições do produzir-se das subjetividades, a partir dessa relação com a verdade. A formação desse sujeito vai se dando de maneiras diferentes, acontecendo a partir de perspectivas diversas. Nesse sentido, podemos entender um pouco mais essa questão do sujeito, quando Foucault esclarece:

É um tanto paradoxal e sofisticado escolher essa noção, pois todos sabemos, todos dizemos, todos repetimos, e desde muito tempo, que a

¹² “O termo ‘subjetivação’ designa, para Foucault, um processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, ou, mais exatamente, de uma subjetividade. Os ‘modos de subjetivação’ ou ‘processos de subjetivação’ do ser humano correspondem, na realidade, a dois tipos de análise: de um lado, os modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos – o que significa que há somente sujeitos objetivados e que os modos de subjetivação são, nesse sentido, práticas de objetivação; de outro lado, a maneira pela qual a relação consigo, por meio de um certo número de técnicas, permite constituir-se como sujeito de sua própria existência.” (REVEL, 2005, p. 82).

questão do sujeito (questão do conhecimento do sujeito, do conhecimento do sujeito por ele mesmo) foi originalmente colocada em uma fórmula totalmente diferente e em um preceito totalmente outro: a famosa prescrição délfica do *gnôthi seautón* (conhece-te a ti mesmo). Assim, enquanto tudo nos indica que a história da filosofia - mais amplamente ainda, na história do pensamento ocidental - o *gnôthi seautón* é, sem dúvida, a fórmula fundadora da questão das relações entre sujeito e verdade, por que escolher essa noção aparentemente um tanto marginal, que certamente percorre o pensamento grego, mas à qual parece não ter sido atribuído nenhum *status* particular, a de cuidado de si mesmo, de *epimeléia heautoû*? (FOUCAULT, 2014, p. 4, grifos do autor).

A questão do sujeito e a da verdade, em Foucault, só podem ser compreendidas à luz do conhecer-se, do cuidar-se de si mesmo, da prática do viver autêntico, sem esperar verdades prontas para a realização do sujeito. Foucault desconstrói toda uma concepção metafísica que foi oferecida ao logo da tradição filosófica ocidental, levando a refletir, portanto, que o sujeito não é uma entidade, que este não possui uma essencialidade vinculante que o constrói e o autentica. O sujeito não existe como “ser posto aí” no mundo. Faz pensar em um sujeito que conhece seus próprios limites de começos, mas também de possibilidades, pois entende que a sua localização no mundo não está ligada a uma história simplesmente contada por outros para que haja uma construção efetiva, definitiva ou uma espécie de essência definidora. Por isso, a questão do sujeito e a questão da verdade são de suma importância no pensamento foucaultiano, pois “[...] estudar as relações entre sujeito e verdade é, sem dúvida, um tanto paradoxal e passavelmente sofisticado escolher a noção de *epimeléia heautoû* para a qual a historiografia da filosofia, até o presente, não concedeu maior importância.” (FOUCAULT, 2010, p. 4). Desse modo, a partir da noção de *epimeléia heautoû* - Cuidado de Si -, é possível entender, claramente, o que Foucault apresenta, como se forma esse sujeito, como se dá essa relação com a verdade, como acontece esse processo de subjetivação do sujeito, como autenticamente ele se constrói em suas relações, sobretudo, com a verdade.

O Cuidado de Si, antes de ser entendido como um saber, um conhecimento, ou mesmo uma teoria, precisa ser entendido como um fazer-se, como uma atividade, ou melhor, como um exercício de si mesmo para consigo mesmo, um ocupar-se consigo mesmo. O Cuidado de Si é muito mais do que ter conhecimento do mundo e de si mesmo. Podemos afirmar que o Cuidado de Si é o que praticamos quando nos dispomos a fazer o trabalho duro de realizar uma relação verdadeira, não com os outros e nem pelos outros, mas para nós mesmos. Por isso, é correto afirmar que esse conhecimento de si mesmo

lembra a verdadeira realidade do sujeito, a verdadeira subjetividade. Taylor ressalta, nessa leitura foucaultiana, que a subjetividade¹³ “[...] é a forma concreta de atividade que define a relação do eu consigo. A subjetividade, nesse sentido, é a base real do eu tanto como agente quanto como objeto.” (TAYLOR, 2018, p. 168).

Não é suficiente saber sobre si mesmo – *gnôthi seautón* – para afirmar-se como existente, como sujeito, realizador de si mesmo. Em outras palavras, é preciso ocupar-se consigo mesmo (*epimeléia heautoû*), ressaltando que a dimensão da *gnôthi seautón* não se contrapõe à dimensão da *epimeléia heautoû*, mas se configura como uma etapa anterior e complementar a esta. Verdadeiramente, ninguém pode cuidar de si, quando não se conhece por completo, quando não ousa entrar no recôndito de seus segredos. Por isso, ambas as dimensões são tão importantes para o processo educativo que desejamos construir em nossa prática de sala de aula, e, evidentemente, para a própria vida. Para uma vida verdadeira, conhecer-se a si mesmo para cuidar-se de si mesmo são passos que compõem as trilhas do sujeito que Foucault nos apresenta em seu pensamento filosófico, são faces de uma mesma moeda que constitui o sujeito que ele apresenta. A sala de aula deve, portanto, ser esse espaço que, passando pelo conhecer-se, leva o sujeito ao Cuidado de Si mesmo, ao transformar a si mesmo, ao rever opiniões antigas. Entendemos que a sala de aula pode fazer tudo isso, não devendo ser um espaço de imposição de verdades epistêmicas trazidas como inabaláveis e indestrutíveis. Ela deve ser um espaço de descoberta das verdades e da construção da verdade e do sujeito, dessa relação do sujeito consigo mesmo e das possibilidades de existência.

Foucault aborda a discussão a respeito da *gnôthi seautón* – conhece-te a ti mesmo – como uma espécie de pressuposto para se chegar ao *epimeléia heautoû* – Cuidado de Si –. Ele parte dos gregos, abordando tal discussão¹⁴. Nesse sentido, pode-se comparar

¹³ Ainda sobre essa questão da subjetividade, gostaríamos de trazer o que Taylor apresenta: Foucault sustenta que a subjetividade é a relação do eu consigo e esta relação é composta *de* e formada por uma variedade de atividades possíveis. Ele não produz uma teoria do sujeito ou do eu que nos diria quem e o que verdadeiramente somos – ele não nos diz que tipo de substância somos ou qual é a nossa essência. Em vez disso, a obra de Foucault desempenha simultaneamente duas tarefas: primeiramente, ele nos apresenta uma cuidadosa descrição e a análise de algumas das várias formas de subjetividade que a civilização ocidental tem produzido desde o tempo dos antigos filósofos gregos. Depois, e ao mesmo tempo, ele coloca em prática uma forma distinta de subjetividade. [...]. As obras de Foucault são atividades mediante as quais ele deu forma à sua própria subjetividade e estabeleceu uma certa maneira de ser filósofo. (TAYLOR, 2018, p. 169, grifo do autor).

¹⁴ O *gnôthi seautón*, na filosofia, no pensamento filosófico, aparece, como sabemos, em torno do personagem de Sócrates. Xenofonte o atesta nos *Memoráveis* e Platão, em alguns textos, aos quais será preciso retomar. Ora, quando surge esse preceito délfico (*gnôthi seautón*), ele está, algumas vezes de maneira muito significativa, acoplado, atrelado ao princípio do “cuidado de ti mesmo” (*epimeléia heautoû*). (FOUCAULT, 2014, p.6).

também a uma peça de teatro em que não se admite atores estranhos protagonizando o espetáculo, assumindo o papel principal em seu lugar. É preciso que cada um tenha a coragem de assumir o papel de ator principal e dê vida às cenas que ele mesmo deseja criar, para apresentar em seu palco, e de suprimir tantas outras cenas que não esteja disposto a apresentar no seu espetáculo. Fazendo essa analogia, queremos também dizer que o mesmo dever acontecer nas nossas salas de aula, com o Ensino de Filosofia, nessa construção do sujeito, na sua relação com a verdade, no conhecimento de si mesmo para o verdadeiro Cuidado de Si. A Educação que oferecemos aos nossos alunos não pode ser estranha a esse processo que os aproxime de si mesmo para a sua própria construção, para a autodescoberta de si e, levando-os, dessa forma, à vivência ou à prática do Cuidado de Si.

2.3 Parrhesía e Psicagogia: a coragem da prática

Ainda sobre o tema da verdade e o seu relacionamento com a constituição do sujeito à luz do Cuidado de Si, podemos afirmar que, segundo Foucault, a verdade deve estar na própria constituição desse sujeito, desde o modo de falar, de enfrentar as mais diversas situações da vida, fugindo daquilo que se denominou de *stultitia*, sem abdicar de realizar-se autenticamente. O sujeito não pode se realizar sem a verdade, pois a verdade deve fazer parte da sua concretude, da ação do estar consigo mesmo, do fazer-se, do ocupar-se de si. É importante destacar que Foucault não está se referindo a uma verdade epistêmica, trazida por outrem, simplesmente, mas à verdade entendida e buscada pelo próprio sujeito. Não se fala de uma verdade metafísica imposta como uma proposta geral, que cala ou anula a verdade do sujeito. Essa verdade está ligada às consequências mais duras na vida daquele que a profere, não podendo se associar a *fakes news*, mentiras, ou meias verdades que afastam o sujeito dele mesmo, não promovendo seu encontro e a sua realização.

Essa verdade se refere ao franco falar, ao que Foucault chamou de *parrhesía*¹⁵, que liberta o sujeito, que o faz caminhar, de fato, como existente e sabedor de sua

¹⁵ O termo *parrhesía* etimologicamente está diretamente ligado ao “tudo-dizer”. A *parrhesía* diz tudo. Ou melhor, não é tanto o “tudo-dizer” que está em questão na *parrhesía*, o que está fundamentalmente em questão é o que assim poderíamos chamar, de uma maneira um pouco impressionista: a franqueza, a liberdade, a abertura, que fazem com que se diga o que se tem a dizer, de maneira como se tem vontade de dizer, quando se tem vontade de dizer e segundo a forma que se crê ser necessário dizer. O termo *parrhesía* está ligado à escolha, à decisão, à atitude de quem fala, que os latinos justamente traduziram *parrhesía* pela palavra *libertas*. O tudo-dizer da *parrhesía* tornou-se *libertas*: a liberdade de quem fala. E muitos tradutores franceses utilizam para traduzir *parrhesía* – ou traduzir *libertas* nesse sentido – a expressão *franc-parler* (franco falar). (FOUCAULT, 2014, p.334, grifo do autor). A esse respeito,

existência, não sendo mero partícipe da existência alheia. É isso que confere liberdade a esse sujeito, ao seu modo de viver, de relacionar-se, de existir realmente. A *parrhesía* é o exercício ou a condição segundo a qual não pode existir diferenças entre o pensar e o fazer, isto é, entre o que se pensa e o que se pratica, pois, além de dizer a verdade, é preciso agir verdadeiramente em relação àquilo que se diz. Não cabe desarmonia entre as ações da vida e o pensar. O que caracteriza principalmente essa *parrhesía* é que ela é essencialmente definida não tanto pelo conteúdo, uma vez que o conteúdo é evidente e está dado, sendo a verdade, mas pela prática que leva ao autoconhecimento, o qual garante acesso a uma verdadeira realização do sujeito. Nesse sentido, podemos citar o que afirma Foucault:

O termo *parrhesía* refere-se, a meu ver, de um lado à qualidade moral, à atitude moral, ao *éthos*, se quisermos, e de outro, ao procedimento técnico, *tékhne*, que são necessários, indispensáveis para transmitir o discurso verdadeiro a quem dele precisa para a constituição de si mesmo como sujeito de soberania sobre si mesmo e sujeito de veridicção de si para si. Portanto, para que o discípulo possa efetivamente receber o discurso verdadeiro como convém, é preciso que esse discurso seja pronunciado pelo mestre na forma geral de *parrhesía*. (FOUCAULT, 2014, p. 334).

A *parrhesía* instaura, portanto, o espaço propício para a verdade do sujeito, tornando-o verdadeiro, porque pode mostrar a sua face sem medos nem mentiras. Ele pode falar francamente, pode ser honesto consigo mesmo e com os outros, nas suas relações. A *parrhesía* é a atitude daqueles que desejam sair da sujeição, da submissão, dos condicionamentos, afirmando-se como autores do próprio caminho, do próprio destino. A *parrhesía*, chamada também de *coragem da verdade*, é, portanto, a atitude de quem busca ser sujeito autêntico em meio às relações inautênticas e baseadas em mentiras e submissão, relações permeadas por medo e imposição. A *parrhesía* não coaduna com sistemas que aprisionam o sujeito em cadeias de enganação, mas, ao contrário, liberta-o de ilusões e falsidade, de mentiras e imposições, haja vista que permite o enfrentamento, o confronto das ideias, do discurso falacioso, uma vez que estes não se sustentam diante da atitude parresiástica. Nesse sentido, Foucault afirma que a *parrhesía* não tem a intenção de agir sobre os outros para formar o sujeito de acordo com o que se deseja ou

Revel, ainda, acrescenta: [...] A palavra surge pela primeira vez com Eurípedes e está muito presente no pensamento grego a partir do fim do século V a.C., porém a encontramos igualmente em textos da patrística, nos séculos IV e V d.C., por exemplo, em textos de João Crisóstomo. A *paresia* é, literalmente, um “discurso livre”, uma “conversa franca”, mas também é, sem demora, uma declaração verdadeira: aquele que utiliza a *paresia* é um homem que diz a verdade. (REVEL, 2011, p. 114).

de incliná-los a realizar o nosso desejo, mas trata-se de atingir o sujeito de tal modo que o constitua a partir de sua própria soberania, de sua independência, dos seus feitos:

[...] Na parrhesía, por certo, trata-se também de agir sobre os outros, não tanto para exigir-lhes algo, para dirigi-los ou incliná-los a fazer uma ou outra coisa. Agindo sobre eles, trata-se fundamentalmente de conseguir que cheguem a constituir por si mesmos e consigo mesmos uma relação de soberania característica do sujeito sábio, do sujeito virtuoso, do sujeito que atingiu toda a felicidade que é possível atingir neste mundo. (FOUCAULT, 2014, p. 345).

Não basta saber da possibilidade da verdade: é preciso tomar posse dela e manifestá-la perante si mesmo e perante os outros. Por isso, a *parrhesía* pode também ser entendida como uma espécie de movimento que conduz o sujeito a não viver das aparências, mas da verdade, da coragem da verdade, da franqueza do tudo dizer, na liberdade da sua postura, ou na liberdade do seu assumir-se como sujeito, mesmo que isso lhe implique graves consequências nas relações com os outros, principalmente, se esse sujeito habita em um ambiente no qual não existe a postura parresiástica. Ela não deve ser uma simples provocação descabida ou sem fundamentos, mas, um ato de *libertas* — de verdade, de fala franca, de liberdade —, porque o sujeito é livre para falar, para dizer o que pensa e o que sente sem reservas. A *parrhesía* é mais do que saber sobre a verdade. É viver nela e dela, é realizar-se como sujeito através dela, sabendo que essa verdade não é dada exteriormente como uma entidade, mas construída na relação dos sujeitos que são livres para falar e ouvir.

Esquemáticamente, podemos dizer que a *parrhesía* — o franco-falar — tem dois grandes adversários. Foucault traz para a discussão da *parrhesía* os dois adversários mais frontais no campo da descoberta e da construção da verdade do sujeito, os quais, por sua vez, procuram o afastamento da verdade, o mascarar da verdade, sendo opostos ao objetivo da verdade, não se apoiando na liberdade. Pelo contrário, são caminhos nada seguros para a realização plena do sujeito, são caminhos que não o libertam, mas, podem aprisioná-lo a falsas aparências e ilusões. No entanto, a *parrhesía*, deve livrar-se desses dois adversários mais perigosos que são a *lisonja* e a *retórica*¹⁶, que podem comprometer

¹⁶ Sobre a Lisonja, Foucault vai afirmar: “[...] será, para o inferior, uma maneira de ganhar esse poder maior que se encontra no superior, ganhar seus favores, sua benevolência, etc. Através do que e como o inferior pode ganhar os favores e a benevolência do superior? Como ele pode desviar e utilizar em seu próprio proveito o poder do superior? Através do único elemento, do único instrumento, da única técnica de que pode dispor: o *logos*. (FOUCAULT, 2014, p.337). A respeito da Retórica, Foucault, completa: “[...] esquematicamente podemos afirmar que a retórica é primeiramente definida como uma

o sujeito e a verdade. O franco-falar tem, em primeiro lugar, esse adversário moral que é a lisonja com a qual deve travar continuamente uma luta. Depois, tem um adversário técnico que é a retórica, com a qual o franco falar deve ser cauteloso e da qual deve libertar-se, de igual modo. Vejamos o que orienta Foucault a esse respeito:

O primeiro é um adversário moral, ao qual se opõe diretamente, contra o qual deve lutar. O adversário moral do franco-falar é, pois, a lisonja. Em segundo lugar, o franco-falar tem um adversário técnico. O adversário técnico é a retórica, retórica em relação à qual o franco-falar tem de fato uma posição muito mais complexa do que em relação à lisonja. A lisonja é o inimigo. O franco-falar deve dispensar a lisonja e dela livrar-se. Em relação à retórica, o franco-falar deve dela libertar-se, não tanto nem unicamente para expulsá-la ou excluí-la, mas antes, uma vez livre em relação às regras da retórica, poder dela servir-se nos limites muito estritos e sempre taticamente definidos em que ela é verdadeiramente necessária.” (FOUCAULT, 2014, p. 335).

A luta contra esses adversários é bastante importante, pois eles podem fazer com que a *parrhesía* se paralise e perca a sua força de construtora da verdade. Aquele que se pauta na verdade, o parrhesiasta, não pode se convencer diante dos discursos fáceis ou retóricos, discursos cheios de lisonja, que pretendem apenas agradar. Se isso acontece, perde-se a conexão com a verdade e vive-se de enganações. O franco-falar fica comprometido diante da lisonja, que não tem nenhum compromisso com a verdade, com o transformar a vida do sujeito, mas, ao contrário, é entorpecida com os elogios fáceis e falsos do lisonjeador. Aquele que diz meias-verdades por estar preocupado com a recepção de sua fala pode ser presa fácil para o lisonjeador e suas artimanhas retóricas, ao passo que já está se afastando do verdadeiro sentido da *parrhesía*. A *parrhesía* foge constantemente do lisonjeador e da sua retórica, foge da sua “pena” hábil e enganadora, do seu discurso amortecido, que sempre ameniza a real situação dos fatos, que deseja seduzir o ouvinte, não falando a verdade. A *parrhesía* não pode deixar-se convencer pelas belas - mas inúteis - palavras do lisonjeador, pois, se isso acontece, ele compromete a verdade, afastando-se dela. Por essa razão, Foucault nos lembra que o lisonjeador sempre traz um discurso falso e estranho, um discurso mentiroso que sempre dependerá dele para manter uma relação de bajulações e inverdades, uma relação incapaz de amadurecimentos e de qualquer crítica. Vejamos o que Foucault escreve a esse respeito:

técnica cujos procedimentos não têm evidentemente por finalidade estabelecer uma verdade, mas como uma arte de persuadir aqueles a quem nos endereçamos, pretendendo convencê-los quer de uma verdade, quer de uma mentira, de uma não verdade. (FOUCAULT, 2014, p. 342).

O lisonjeador introduzirá um discurso que é um discurso estranho, que depende justamente do outro, dele, o lisonjeador. E esse será um discurso mentiroso. Assim, pela insuficiência em que se encontra na sua relação consigo mesmo, quem é lisonjeado se acha sob dependência do lisonjeador, lisonjeador que é um outro, que pode então desaparecer, transformar sua lisonja em maldade, em cilada. Dependendo desse outro, ele é também dependente da falsidade dos discursos sustentados pelo lisonjeador. Assim, a subjetividade, como diríamos, a relação de si para consigo característica do lisonjeado, é uma relação de insuficiência que passa pelo outro, e uma relação de falsidade que passa pela mentira do outro.” (FOUCAULT, 2014, p. 339-340).

O parrhesiasta deve permanecer atento às astúcias da lisonja e da retórica, pois, quando seduzido pelos elogios, pelas falas doces, pelas ideias que em nada ajudam a modificar as suas posturas e que não o questionam, ele pode cair em uma paralisia e esquecer-se do seu papel de instigar-se a si mesmo e às outras pessoas no movimento da verdade. Esquece de falar a verdade e fica como que em um estado letárgico, anestesiado diante das falsas seduções da lisonja, a qual em nada transforma o seu modo de viver, de ser sujeito, de enfrentar-se a si mesmo, nem a sua condição no mundo. Por isso, Foucault, lamenta que a filosofia moderna não tenha características parresiásticas da filosofia antiga. Foucault afirma que o pensamento ocidental moderno, se considerarmos como é apresentado – nas escolas e universidades – tem poucos pontos em comum com a filosofia parresiástica antiga: “A *parrhesía* (o franco-falar, a libertas) é exatamente a antilisonja” (FOUCAULT, 2014, p. 340). O perigo do não cuidado de si é justamente a abertura que se pode deixar para a penetração do lisonjeador com suas falas astuciosas e comentários enganadores. Quando não se vive o Cuidado de Si, o risco que existe é a fragilidade da necessidade do preenchimento com a opinião de outrem e, nesses momentos, o lisonjeador ganha o espaço de marginalizar a verdade com as inverdades do seu discurso, deixando as marcas mais danosas ao sujeito, o que impede a formação desse sujeito autêntico, pois esse sujeito se forma na esteira da relação de si com a verdade, conforme entende Foucault:

É nessa insuficiência de jamais se estar só consigo mesmo, é quando se tem desgosto ou demasiado apego a si, é nessa incapacidade de se estar só, que então ocorrem o personagem do lisonjeador e os perigos da lisonja. Nessa não solidão, nessa incapacidade de estabelecer consigo uma relação plena, adequada, suficiente, o Outro intervém, preenchendo de algum modo essa lacuna, substituindo, ou melhor, suprimindo essa inadequação por um discurso; discurso que, justamente, não será o discurso de verdade pelo qual podemos estabelecer, cercar e

encerrar nela própria a soberania que se exerce sobre si.” (FOUCAULT, 2014, p. 339).

A *parrhesía*, contrapondo-se ao discurso da retórica e da lisonja, assegura uma fala franca, isto é, uma fala da verdade, que foge das meias-verdades, que foge do acomodar-se. Ela parte para encarar a verdade, sustentando-se mesmo em meio às relações que pretendem escondê-la ou manipulá-la. A *parrhesía* não aceita disfarces para ganhar ou se manter no poder, não aceita desculpas para se afirmar como a mais importante, não aceita intermediários para interpretá-la. Na relação em que existe a *parrhesía*, o sujeito pode se firmar ou autoafirmar como sendo construtor da verdade. A *parrhesía* é oposta ao discurso retórico, uma vez que, no discurso retórico, não pode habitar a verdade, e, na *parrhesía*, só pode habitar a verdade, por conseguinte, o franco falar. É isso o fundamental sobre a retórica, que é precisamente oposta ao discurso filosófico e à técnica própria ao discurso filosófico, a saber, a *parrhesía*. Na *parrhesía*, só pode haver verdade, haja vista que onde não houver verdade não há franco-falar. Nesse sentido, Foucault afirma:

[...] A *parrhesía* é a transmissão nua, por assim dizer, da própria verdade. A *parrhesía* assegura da maneira direta essa *parádosis*, esse trânsito do discurso verdadeiro de quem já o possui para quem deve recebê-lo, deve dele impregnar-se, deve poder utilizá-lo e deve poder subjetivá-lo. Ela é o instrumento dessa transmissão que tão somente faz atuar, em toda a sua força despojada, sem ornamento, a verdade do discurso verdadeiro. (FOUCAULT, 2014, p. 343).

A *parrhesía* é esse “traço” característico que está presente na vida do autêntico sujeito, razão pela qual, na sala de aula, também é importante uma reflexão com base na noção de *parrhesía*, é importante abordar os temas a partir da coragem da verdade, do franco-falar. É importante fazer uma ligação da *parrhesía* com a sala de aula, com o Ensino de Filosofia. Não basta a constatação dos problemas, saber da sua existência e que eles nos afetam todos os dias, assim como aos nossos alunos. É preciso a coragem da verdade para que a Educação seja realmente um caminho de realização do sujeito e não de seu aprisionamento. Não podemos separar a Educação que ofertamos desse caminho parresiástico. O fazer de sala de aula não pode restringir-se ao passar conteúdos desprovidos da verdade da vida de cada aluno, como se não o afetasse inteiramente. Mas, ao contrário, aquilo que estudamos em sala de aula precisa estar em sintonia com aquilo que tem nos afetado no dia a dia. Desde as músicas que ouvimos até as escolhas políticas

que fazemos, tudo isso precisa passar pela coragem da verdade, isto é, pelo franco-falar, por atitudes parresiásticas. Por exemplo, não basta saber que existem tantos preconceitos e discriminação em nosso tempo, em nossa sociedade, em nosso país; não basta saber que diariamente morrem muitos negros, mulheres, crianças, migrantes e imigrantes por serem vítimas da violência e do preconceito, da indiferença e da exclusão social e política. É preciso posição clara a favor das nossas causas, é preciso falar e discutir sobre tudo isso, lutar mais, pensar as causas e, como defendê-las. A *parrhesía* é atitude fundamental na Educação para que tantos gargalos sejam enfrentados, superados, vencidos, por aqueles que acreditam na potência da verdade do sujeito que fala, que assume a conduta parresiástica. Por essa razão, Foucault recomenda, ao falar da *parrhesía* e que entendemos aplicar-se perfeitamente ao Ensino de Filosofia:

[...] Creio que o fundamento da parrhesía seja essa *adœquatio* entre o sujeito que fala e diz a verdade e o sujeito que se conduz, que se conduz como essa verdade requer. Bem mais que essa necessidade de se adaptar taticamente ao outro, ao meu ver, o que caracteriza a parrhesía, a *libertas*, é essa adequação do sujeito que fala ou do sujeito da enunciação com o sujeito da conduta. Essa adequação que confere o direito e a possibilidade de falar fora das formas recomendadas e tradicionais, de falar independentemente dos recursos da retórica que, se preciso for, podem ser utilizados para facilitar a recepção daquilo que se diz. (FOUCAULT, 2014, p. 364-365, grifo do autor).

Nesse sentido, o Ensino de Filosofia e as intervenções em sala de aula devem colaborar diretamente para que os nossos alunos percebam esse caminho para ser sujeito, sujeito de si mesmo, a partir da coragem da verdade. Dessa maneira, estaremos fazendo uma clara distinção entre o que Foucault chama de *pedagogia e psicagogia*. Ele mesmo, na *Hermenêutica do Sujeito*, conceitua essa distinção e nos lembra que a *pedagogia* é “[...] A transmissão de uma verdade que tem por função dotar um sujeito qualquer de aptidões, capacidades, saberes e etc., que ele antes não possuía e que deverá possuir no final dessa relação pedagógica. (FOUCAULT, 2014, p. 366). A pedagogia, entendida dessa maneira, está ligada à transmissão dos conteúdos e ao repasse deles, na formalização das matérias, no cumprimento dos horários e normas da escola e da grade curricular. Foucault não procura rebaixar o papel da pedagogia: ele apenas ressalta a insuficiência da pedagogia na formação integral do sujeito livre. Os caminhos e a forma que, ao longo da história, a pedagogia foi assumindo, levou-a a ir se afastando da formação integral que constrói e liberta o sujeito, uma vez que a pedagogia, gradativamente, foi se distanciando do Cuidado de Si e se preocupando apenas com a

apreensão dos conteúdos. Houve um afastamento da verdadeira *parrhesia*, para se preocupar com elementos apenas performativos do saber e da verdade, e não com os elementos realmente formativos da verdade do sujeito.

A educação que almejamos é aquela que nos prepara integralmente para o enfrentamento da vida. Por isso, o Cuidado de Si, a *parrhesia*, a postura autêntica diante dos outros – e principalmente diante de nós mesmos – precisa ser uma constante. Nesse sentido, o filósofo Alexandre Simão de Freitas reforça que Foucault valoriza a *psicagogia* e também a tematiza, apontando as devidas distâncias de uma pedagogia que não se coloca como mediadora nos processos de subjetivação do sujeito, quando afirma que “[...] ao tematizar o si mesmo e os processos de subjetivação, Foucault aponta a superação da “pedagogia como saber”, indicando outros modos de mover as ações pedagógicas em nossa atualidade”. (FREITAS, 2010, p. 326). Foucault analisa o momento em que a pedagogia se separa da *psicagogia*, trilhando caminhos diferentes, com objetivos diferentes e, por vezes, contrastantes. Ele aponta para as práticas cristãs, sobretudo, a prática da *confissão*, como se essa prática se tornasse um hiato responsável por esta separação da vida concreta e real do sujeito e uma educação que o prendesse a si mesmo, alienando-o do seu *modos vivendi*.

Foucault afirma que a pedagogia se distancia dos seus objetivos originais, vai se perdendo do fazer, da prática, da relação escola e vida, e vai se aproximando de doutrinação e exterioridades, assemelhando-se a uma espécie de obrigação que não mais colabora no processo de formação e libertação do sujeito, mas, na verdade, torna-se um mecanismo de aprisionamento e dominação desse sujeito. O sujeito, a partir da prática da *confissão*, vai sendo guiado por outrem, sempre dependendo das orientações externas para guiar os seus caminhos e decisões. Por isso, a pedagogia, apenas como um repassar de conteúdos, não é suficiente para o sujeito, não atinge o sujeito em sua formação para a liberdade, em sua subjetivação, não alcança a educação que almejamos e o Ensino de Filosofia que pretendemos. Como lembra Alexandre de Carvalho, ao falar da relação pedagógica e *psicagógica*, em nossos tempos, e suas consequências, “o educador é convidado a procurar e criar desde as margens de reconhecimento tanto político quanto legal para fazer circular propostas, ações e práticas que não sejam necessariamente as mais esperadas (CARVALHO, 2008, p. 5). Isso já é apontar para a *psicagogia*, afastando-se de uma pedagogia que não insiste na libertação do sujeito, na autonomia desse sujeito. A pedagogia deve associar-se à prática de vida do sujeito, ao seu fazer-se, ao Cuidado de Si, para que, de fato, ela seja *psicagógica*, transformada em um verdadeiro exercício do

Cuidado de Si, e não somente na preocupação de repasse de conteúdos e metodologias que não atinjam o sujeito.

Quanto à reflexão voltada diretamente à *psicagogia*, Foucault vai afirmar que ela é “[...] A transmissão de uma verdade que *não* tem por função dotar um sujeito qualquer de aptidões etc., mas *modificar o modo de ser* do sujeito a quem nos endereçamos. (FOUCAULT, 2014, p. 366, grifo nosso). Assim, a *psicagogia* deve ser entendida no sentido não apenas de um ensinar a fazer, mas de um fazer com, e para o outro, no âmbito de um fazer educativo que descobriu no Cuidado de Si uma maneira de viver – uma verdadeira estética da existência – e o desejo de levar outros a essa descoberta e a essa mesma prática. A *psicagogia* não se afasta da realidade para ensinar teorias e doutrinas que lhe são impostas pelo sistema ou ditadas por governos¹⁷, uma vez que ela se aproxima da realidade e, a partir dessa realidade, consegue olhar para si e transformar-se com coragem. Nesse sentido, podemos afirmar, com base no pensamento de Foucault, que a *psicagogia*, assim como a *parrhesía* encontram na prática todo o seu embasamento para poder realizar-se:

[...] O sujeito que fala se compromete. No mesmo momento em que diz: eu digo a verdade, compromete-se a fazer o que diz e a ser sujeito de uma conduta, uma conduta que obedece ponto por ponto à verdade por ele formulada. É nesse sentido que não pode haver ensinamento da verdade sem um *exemplum*. Não pode haver ensinamento da verdade sem que aquele que diz a verdade dê o exemplo dessa verdade [...] (FOUCAULT, 2014, p. 365, grifo do autor).

Podemos observar que a *psicagogia* situa-se muito além da obrigatoriedade de transmitir algum conteúdo, de fazer alguma avaliação e de atribuir alguma pontuação e dar-se por satisfeita com o processo educativo. A *psicagogia* busca a verdade, a coragem da verdade, do compromisso com a vida, com o sujeito, com a sua integralidade. Não busca saber parcialmente da vida do aluno, mas ajudá-lo integralmente na busca de si mesmo, pois compromete-se com a realidade, com a Educação, com o que está ensinando/construindo, com a vida dos seus alunos. Nesse sentido, é muito válida a análise que Alexandre Simão de Freitas faz, ao observar, nos escritos de Foucault, essa relação da *psicagogia* nos antigos e nos filósofos atuais e sua relação com a Educação:

¹⁷ [...] há uma face desagradável, mesmo brutal, violenta, na educação como psicagogia, pois, por um lado, sendo diferente de um processo pedagógico convencional, não há aqui técnicas didáticas a serem aplicadas, por outro lado, ela conduz a um processo perigoso de singularização ética dos sujeitos capaz de colocar em risco as próprias instituições políticas e os poderes vigentes em jogo. (FREITAS, 2010, p. 332).

“[...] na argumentação foucaultiana, a *psicagogia* abordaria e incluiria dimensões do fazer educativo que a pedagogia moderna deixou de tematizar, uma vez que não se apreende mais como uma arte da existência. (FREITAS, 2010, p. 331).

Percebemos que essa é uma questão que inquieta Foucault em suas reflexões e que nos inquieta também, desde que começamos as nossas experiências em sala de aula como docente. Por isso, o nosso trabalho se volta para essa reflexão acerca de compreender a *psicagogia* como passo muito importante para o sujeito, para a sua relação consigo mesmo, para o amadurecimento do sujeito que, a partir da sala de aula, pode perceber o contexto global da sua vida e conseguir movimentar-se construindo as relações necessárias para sua autonomia. A *psicagogia*, portanto, está estreitamente ligada ao Cuidado de Si, como arte da existência, pois compreende o fazer educativo não como uma proposta que abrace partes do sujeito, mas como uma proposta que abrace o sujeito por inteiro, que discuta as suas relações consigo mesmo e com os colegas, com os professores – e, de modo efetivo também fora do espaço da sala de aula – com a política e os seus desdobramentos, com a economia e suas consequências, com os seus projetos para o futuro. A *psicagogia* nos permite entender que se faz importante a escuta de cada aluno, no seu lugar de fala, de acordo com aquilo que ele traz e apresenta. Desse modo, a *psicagogia* pode nos ajudar na construção da Educação que almejamos, com o sujeito sendo sujeito do seu fazer-se. Ela é um elemento que pode e deve ajudar na Educação – no Ensino de Filosofia – que desejamos construir em nossa sala de aula, pois aponta para a associação do falar com o fazer, que caminham juntos para o mesmo plano, não separando a vida e Escola. Ao contrário, a *psicagogia* percebe a estreita ligação entre elas para a realização do sujeito, ao propor uma Educação que possa coligar aquisição de conhecimentos que transforme a prática, que oriente o viver e, não simplesmente a aquisição de teorias que não correspondam à realidade.

2.4 Na possibilidade do fazer-se: as práticas de Si

Michel Foucault entende que o sujeito é construído nas relações, uma vez que ele não existe como uma entidade encontrada no mundo, como uma essencialidade definida previamente, mas, como resultado de relações consigo mesmo e com o outro. A partir das relações mediadas pelo poder é que o sujeito vai se constituindo e se formando. Como sabemos, essas relações ou práticas que formam o sujeito podem ser opressoras, acontecendo apenas repetições de leis e normas que não abrem espaços para a reflexão, para a ação do sujeito, para que este pense por si mesmo, construa-se a si mesmo e viva

como sujeito de si mesmo. É, a partir da reflexão crítica sobre Si e sobre o outro que o sujeito pode viver autenticamente, construindo a própria liberdade, a sua relação com a verdade, consigo mesmo e, com o mundo externo.

Sabendo que o sujeito não é uma essencialidade, mas, uma relação consigo próprio e com o mundo, Foucault, trabalha com insistência a concepção de subjetividade¹⁸, defendendo que é uma condição de enfrentamento diário, constante, agonístico. Não se trata de um estado que ocupamos provisoriamente nas nossas vidas. Trata-se, na realidade, de uma contínua atividade que realizamos, à medida que também somos determinados por ela. O indivíduo é “algo” construído pelo contato com as práticas que o afetam, tornando-se um repetidor das mesmas práticas, por conseguinte da mesma violência contra o sujeito, ou pode entrar em contato com práticas que o despertem para uma vida que se transforma pelo modo novo e diferente de encarar a realidade de si e do outro, recusando a maneira antiga e imposta que lhe era oferecida. A esse respeito, Taylor, analisando essa concepção foucaultiana, considera que “[...] simultaneamente somos capacitados e constrangidos pelas mesmas instituições e normas.” (TAYLOR, 2018, p. 221).

Para Foucault, não estaríamos lidando com uma teoria da essência, ou da naturalização, como se todos já nascessem prontos e acabados, mas estaríamos entrando em um âmbito discursivo que proporciona ao sujeito ser constituído, por meio do contato com as realidades formadoras e autoras dessas existências. Para Foucault, a busca de si mesmo, de um modo consciente, é o que vai fomentar o fazer dessa subjetividade, pois não é um encontrar-se simplesmente, para um constatar-se – de fato – e, assim definir-se como sujeito. Isso não seria suficiente, não estaria de acordo com a proposta foucaultiana para as práticas de si que precisam ser críticas, que precisam transformar o modo de viver do sujeito, que precisam pôr as verdades antigas em xeque. Na opinião de Foucault, é preciso uma busca constante, uma construção permanente, afastando o sujeito de determinismos impostos por outrem. Nesse sentido, podemos concordar com Taylor quando afirma que:

¹⁸ Ainda sobre essa questão do fazer-se e da subjetividade, Taylor, acrescenta: “Livrar-se de si mesmo não significa que alguém simplesmente abandone a si mesmo a fim de tornar-se uma pessoa completamente nova, seja o que for que isso possa significar. Em vez disso, obtém-se certa distância e perspectiva [...] mas quem é o eu do qual se fica livre? O eu do qual Foucault se livra não é outro senão aquele formado pela disciplina, cuja subjetividade é moldada pelas práticas da hermenêutica e da confissão. Disciplina, confissão e hermenêutica produzem um eu que vive de certa maneira, que vê a si mesmo e ao mundo em termos de normalização, auto interpretação e auto expressão. Quando Foucault “exercita-se” na “atividade do pensamento”, ele está tentando “pensar diferente”, separar-se do eu disciplinado, normalizado no qual tem se tornado até então.” (TAYLOR, 2018, p. 183).

[...] não é uma questão de descobrir o nosso “verdadeiro eu”, um processo que nos obriga a aderir a alguma definição predeterminada e externa de quem e do que nós somos; antes, trata-se de uma questão de pôr em causa um tal entendimento do que significa ser um sujeito, de investigar os efeitos que uma tal noção tem sobre a nossa relação com nós mesmos e os outros e de explorar possíveis maneiras de pensar e agir de maneira diferente. (TAYLOR, 2018, p. 230).

Como o sujeito não existe na essencialidade, mas, simultaneamente, nas relações, no miúdo do dia a dia, podemos afirmar que esse sujeito acontece no *vir a ser* consigo mesmo e com o outro, razão pela qual as práticas de si¹⁹ são tão importantes para a construção e para a realização do sujeito, constituindo-nos como sujeitos mediante exercícios e atividades. Por meio de tais práticas, podemos nos realizar, encontrar-nos, libertar-nos – em relação a nós mesmos e ao outro. Nesse sentido, Foucault afirma que “A prática de si identifica-se e incorpora-se com a própria arte de viver (a *tékhnē tou biou*). Arte de viver de si mesmo são idênticas, tornam-se idênticas ou pelo menos tendem a sê-lo.” (FOUCAULT, 2014, p. 185). As práticas de si tornam-se “arte de viver”, pois o olhar criticamente para si é caminho seguro para o sujeito que deseja viver uma vida independente das amarras que aprisionam a sua liberdade, um sujeito que deseja realizar-se nas suas relações, afastando-se da mentira e das opiniões impostas como verdades absolutas.

Assim, entendemos que o sujeito é forjado em meio às relações de poder, existindo, nesse sentido, uma interferência recíproca. O indivíduo relaciona-se e, nessas relações, esse movimento vai identificando a subjetividade, construindo e desconstruindo sua visão acerca de si mesmo e dos outros. Não compreendeu o seu modo de ser sujeito no mundo o indivíduo que apenas acolhe e repete as opiniões recebidas, calando-se diante dos outros. Aquele que apenas olha a vida sem uma verdadeira relação crítica consigo mesmo e com o seu tempo, como se sua contribuição não fosse importante para transformar a realidade vigente, ou ainda, que não toma consciência da importância de libertar-se daquilo que o afeta nas micro e macro relações de poder, de fato, não compreendeu o seu modo de ser sujeito no mundo. Ele não descobriu que as práticas de si o afetam diretamente em tudo o que faz ou deixa de fazer no seu mover-se. Não atentou que ser sujeito de si mesmo está diretamente ligado a tudo que o envolve em suas

¹⁹ Sobre as práticas de si podemos mencionar Taylor, que afirma: “essas práticas refletem uma interconexão do poder e da verdade, no sentido de que alguém vem a conhecer a verdade acerca de si mesmo.” (TAYLOR, 2018, p. 222).

relações consigo e com o outro. Nesse sentido, Taylor reforça que precisamos descobrir quando e como somos imergidos nesse fluxo de relações, que é preciso se situar em meio às práticas que seguimos e que reproduzimos:

[...] nos encontramos confrontados pela tarefa de descobrir quando e como somos capacitados e quando e como somos constrangidos, de determinar maneiras pelas quais as práticas existentes têm o potencial de afrouxar constrições e, portanto, de resistir à normalização, e de empregar essas práticas não apenas para esse propósito, mas também a fim de desenvolver práticas novas e diferentes – formas novas e diferentes de nos relacionarmos com nós mesmos e com outrem. (TAYLOR, 2018, p. 221).

A reflexão foucaultiana insiste em lembrar que não somos totalmente dotados de liberdade, mas que estamos marcados por uma espécie de vigilância constante, por meio das relações que são estabelecidas, até mesmo da autovigilância, quando internalizamos práticas que nos levam ao autocontrole daquilo que nos foi imposto como verdadeiro ou falso, para nossa realização, foi imposto como bom ou ruim, correto ou incorreto, para a nossa vida e a nossa satisfação pessoal ou coletiva, além daquilo que determinadas instituições nos motivam como tecnologias e mecanismos para nos manter sob controle. Nós também somos levados a criar um olhar interno a novas práticas. Ou seja, é disseminado em nós uma espécie de autodomínio que nos faria estar distantes de tudo aquilo que poderia nos levar a sofrer retaliações. Somos constituídos e nos constituímos nesses espaços. Por isso, Foucault acredita que “agora é preciso ocupar-se consigo mesmo, de maneira que a relação com os outros seja deduzida, implicada na relação que se estabelece de si para consigo.” (FOUCAULT, 2014, p. 186). Por isso, o processo de reflexão é bastante importante na formação do sujeito, no fazer-se sujeito, no desenvolvimento do processo de subjetivação. Ela é importante para os nossos alunos e para a sua formação, para as suas escolhas, para as suas descobertas, para as suas inquietudes de jovens que se formam como sujeitos de si mesmos.

No tocante à história das práticas de si, podemos olhar para os antigos, de modo especial, para os estoicos, e perceber que neles a grande preocupação dessas práticas de si era a transformação mais profunda do sujeito. Essas práticas objetivavam mudar a atitude em relação a si mesmo para tornar-se soberano de si próprio, pois, era preciso ter o domínio de si próprio, ser totalmente independente, isto é, pertencer totalmente a si. Assim, o pensamento dos antigos (especialmente dos estoicos) voltava-se para a realização do sujeito autêntico e verdadeiro, livre das opiniões dos outros e das prisões

que poderiam dominá-lo ou diminuí-lo. Como ressalta Foucault a esse respeito, “[...] a prática de si tem por objetivo a preparação para a velhice, que, por sua vez, aparece com um momento privilegiado da existência ou, mais ainda, como o ponto ideal da completude do sujeito [...]E a meta da prática de si é o eu.” (FOUCAULT, 2014, p. 114).

No Cristianismo, as práticas de si também aconteceram, de um modo forte, através do sentimento de culpa, através da confissão dos pecados, através da mortificação do próprio corpo, pois o corpo era entendido como cárcere da alma. Nesse sentido, deveria recusar-se a si mesmo (riquezas, desejos, paixões, etc.), uma vez que o que estaria em jogo era a vida eterna e não a realização no plano material e terreno. Foucault vai na contramão de todo esse pensamento. Na verdade, toda a Modernidade vai na contramão desse pensamento, apresentando outras práticas de si para o sujeito. Mas é preciso registrar que, com o advento do Cristianismo, as práticas de si deixaram de ser esse cuidado consigo mesmo, deixaram de ser essa relação do sujeito, esse exercício do bem cuidar-se, da preocupação consigo mesmo. Elas deixaram de passar pela atitude de si mesmo, do governar-se a si mesmo, que havia nos Antigos, para ser uma preocupação para com os outros. Foucault também chamou a esse ascetismo cristão de *pastoral cristã*, afirmando que o conhecimento de si não é mais entendido como uma oportunidade de se reconhecer sujeito para cuidar-se no plano do agora, do hoje, do viver uma transformação de si. Mas, a partir de então, o indivíduo passa a sentir-se apequenado e a buscar redenção em um plano futuro, na ideia de salvação. A esse respeito, Edgardo Castro, à luz da leitura foucaultiana, faz uma reflexão que achamos pertinente incluir nesta discussão:

Com o cristianismo, as práticas de si mesmo foram integradas ao exercício do poder pastoral (especialmente às técnicas de deciframento dos segredos da consciência). Nos séculos III-IV, formou-se o modelo cristão do cuidado de si mesmo. Ainda que em um sentido geral se possa falar de modelo cristão, seria mais correto chamá-lo modelo ascético monástico. Nele, o conhecimento de si está ligado ao conhecimento da verdade tal como nos é dada no texto da Revelação. [...]as práticas de si mesmo têm como função essencial dissipar as ilusões interiores, reconhecer as tentações que se formam dentro da alma, desatar as seduções das quais se pode ser vítima. (CASTRO, 2016, p. 94-95).

Nesse sentido, com o ascetismo ou *pastoral cristã*, acontece um afastamento das práticas antigas de si, as quais levavam o sujeito a tomar consciência de si, da importância da sua autonomia, da sua realização, da sua independência, do conhecimento de si e do Cuidado de Si. Com as práticas de si que chegaram nesse modo de fazer-se a partir da

renúncia de si mesmo, do esvaziar-se ou da *kenosis* de si mesmo, acontece uma desvinculação total daquilo que os antigos entendiam como exercícios próprios do sujeito, a exemplo do *otium*,²⁰ tão importante para o sujeito que se ocupa consigo mesmo. Nos antigos, as práticas de si eram vistas como exercícios do cuidar-se; agora são vistas como exercícios de vigilância e autossacrifício, de punição, exercício de mortificação. As práticas cristãs de si implicam um processo de “conversão”, para se poder obter o direito de acessar a verdade sobre si mesmo e sobre o mundo. Desse modo, o sujeito deve ser mudado, transformado, deslocado e tornado outro que não ele. Na prática de si, autêntica ou crítica, segundo Foucault, o sujeito, conhecendo-se a si mesmo, mergulha na arte ou na técnica do bem viver, cuida não apenas dos seus bens e das coisas da política: em primeiro lugar, cuida de si mesmo, pois, cuidando adequadamente de si, poderá cuidar dos próprios bens e da vida política. Nesse sentido, nada pode tirar a nossa atenção do cuidado de nós mesmos, do zelar pela própria subjetividade, pelas relações que não são opressoras, pelas relações que alcançam a liberdade. Observemos o que propõe Foucault:

É preciso aplicar-se a si mesmo e isso significa ser preciso desviar-se das coisas que nos cercam. Desviar-se de tudo o que se presta a atrair nossa atenção, nossa aplicação, suscitar nosso zelo, e que não seja nós mesmos. É preciso desviar-se para virar-se em direção a si. É preciso, durante toda a vida, voltar a atenção, os olhos, o espírito, o ser por inteiro enfim, na direção de nós mesmos. (FOUCAULT, 2014, p. 186).

Ao tratar sobre o voltar a si, Foucault, usa a *imagem do pião* que gira em torno de si mesmo. Em um primeiro momento, pode até parecer algo bom e muito proveitoso ao sujeito. Mas ele mesmo lembra que, para girar em torno de si, o pião necessita de uma força exterior, precisa ser sempre impulsionado e sempre vai ser posto no lugar segundo a vontade de outrem; o pião não age por si só, apenas é movido, mesmo que o movimento seja em torno de si. Não gira em torno de si, porque não tem autonomia para fazê-lo: “o pião gira sobre si, mas gira sobre si justamente como não convém que giremos sobre nós.” (FOUCAULT, 2014, p. 186). É preciso estar atento ao que se realiza na vida, no dia a dia; é preciso ter domínio sobre rotas que tomamos para que não nos tornemos piões. É preciso que não sejamos confundidos, imaginando que basta saber sobre si. Mais do que

²⁰ De acordo com Foucault, o *otium* “[...] enquanto arte de si mesmo cujo objetivo consiste em levar o indivíduo a estabelecer consigo uma relação adequada e suficiente, o *otium* estudioso faz com que o indivíduo não venha a situar o seu próprio eu, sua própria subjetividade no delírio presunçoso de um poder que extrapola suas funções reais”. (FOUCAULT, 2010, p. 339).

saber sobre si, é preciso cuidar de si. É necessário que o Cuidado de Si acompanhe as práticas e que estas se tornem um verdadeiro Cuidado de Si.

Uma forte crítica que podemos encontrar nas análises de Foucault é que o movimento, na Modernidade, tomou rumo inverso. Segundo M. Foucault, na Modernidade, as práticas de si são a partir da institucionalização. Assim, o sujeito deveria se reconhecer a partir de um certo tipo ou classificação, por exemplo, o louco, o criminoso, o doente, o disciplinado ou indisciplinado, a partir do sistema de enquadramento que lhe foi (im) posto nos tempos modernos. O sujeito será mergulhado, a partir das instituições, a partir da sua rotina, naquilo que recebe, a cuidar de tudo aquilo o rodeia, exceto dele mesmo. Na opinião de Taylor,

Ao assumir essas práticas, o indivíduo também se constitui como sujeito. As práticas de si possuem, portanto, um duplo caráter: por um lado, são manifestações das normas e valores da sociedade na qual um indivíduo vive e, portanto, estabelecem uma relação entre o indivíduo e os outros; por outro lado, na medida em que o indivíduo as assume e as incorpora à construção da sua própria subjetividade, essas práticas estabelecem uma relação do indivíduo com ele mesmo. (TAYLOR, 2018, p. 222-223).

Por isso, nem a renúncia de si – conforme o ascetismo cristão – nem o progresso – conforme os estoicos, mas, o que Foucault propõe é uma crítica de si, que não cabe à purificação cristã nem à ataraxia – imperturbabilidade da alma – antiga. Aqui já não se fala em propósitos morais exacerbados. O que permanece é a questão ética a respeito da liberdade, pois, nas práticas de si, faz-se necessário viver como sujeito o menos oprimido possível e o mais livre possível. Isso não significa afirmar que se pode fazer o que se quer, mas, antes, recusar uma obediência cega, servil, doentia a tudo que é imposto, mas, a partir da dialética da agonística, saber se construir, reconstruir-se e mesmo se desconstruir, passando pelo jogo do poder sem perder-se de si mesmo, mas ao contrário, encontrando-se a si mesmo e saindo das imposições que não lhe permitem viver como sujeito de si. As práticas críticas de si nos ajudam a recusar as verdades postas como absolutas, pondo-as à prova, processo que poderíamos chamar de desintoxicação da subjetividade. Não é possível apenas assimilar as verdades repassadas por outras gerações: é preciso ter cuidado e afastar-se de regras de conduta que precarizam a vida e nos afastam de nós mesmos. É preciso aprender um modo de relacionar-se consigo, o qual deixe o sujeito livre, não devendo obedecer, portanto, àquilo que é dado.

As verdades impostas tanto pelos Antigos (estoicos) como pelo Cristianismo precisam ser questionadas, para que o sujeito possa perceber-se como construtor de si mesmo e não como mero repetidor das práticas antigas, do dogmatismo imposto pela tradição que o obrigam a crer que foi “naturalizado”. Por isso, as práticas de si têm a função de desnaturalizar essas verdades que chegam na nossa vida como se fossem absolutas e irrefutáveis, verdades irretocáveis e inquestionáveis. As práticas críticas de si são de fundamental importância para a construção verdadeira do sujeito, na liberdade de questionar as opiniões e verdades dadas. Por isso, a atividade de ser livre não consiste em dizer *não* a toda e a qualquer norma estabelecida, mas em recusar aquelas normas que promovem a violência e opressão contra si e contra o outro. Além de recusá-las, o sujeito precisa, com rapidez, construir uma nova relação com as normas, sem dependência cega, mas de modo crítico. Recusar o que se é, se essa for uma maneira de violentar a si mesmo e o outro, para construir uma nova maneira de ser.

É importante ressaltar duas posturas para as práticas críticas de si: a primeira delas é a realização da *revisão* de quais normas, conselhos e imposições temos interiorizado e que operam tal força opressora; quais verdades ocupam esse espaço. Outro passo importante deve ser uma verdadeira *mudança* de atitude em relação às normas impostas, para que não aconteça a adesão irrefletidamente. Por isso, é preciso clareza daquilo que nos oprime, que nos prende e nos violenta. O indivíduo precisa responder com o afastamento claro de tudo que causa nele esse sufocamento de si, para aderir ao que nele torna-se como libertador, no corpo e na fala. É preciso, portanto, refrear o ritmo mecânico da vida cotidiana e visitar as velhas crenças, começando a duvidar da naturalidade da verdade que a ele se apresenta. É preciso ter clareza e crítica sobre si mesmo. Assim, poderá afirmar que é preciso agir de modo refletido, pois a ação de modo irrefletido acarreta apenas adesão à opressão, o que prende o indivíduo a modos de pensar antigos.

A proposta de Foucault não se encontra, portanto, no sentido de apenas retomar a ideia do Cuidado de Si dos Antigos ou mesmo a do Cristianismo, que não seria interessante. Sua proposta nos faz pensar as práticas de si do tempo presente. Por isso a nossa proposta para o Ensino de Filosofia também é pensada para os nossos dias, questionando o nosso fazer em sala de aula, buscando interrogar sobre o modo como ensinamos e como podemos ensinar, como podemos nos fazer como sujeitos de nós mesmos, ainda que estejamos numa instituição que, em princípio, traz, na gênese, a imposição de uma prática que molda esse sujeito de acordo com um sistema. Mas, dentro do modo crítico de nos enxergamos como sujeitos, à luz da filosofia de Foucault,

percebemos que é possível relacionar-se consigo mesmo no processo educativo, recusando tudo aquilo que é imposto como verdade absoluta, tudo aquilo que não pode ser questionado, e, na verdade, questionando a nós mesmos e aquilo que está à nossa volta, fazendo das atividades da nossa sala de aula atividades de uma prática de si crítica, que possibilite uma relação autêntica consigo mesmo, isto é, do sujeito que se percebe sujeito, e não do indivíduo repetidor de conteúdos e fazedor de coisas, sem antes fazer-se a si mesmo, uma vez que, na prática crítica de si, Foucault chama a atenção para se enxergar a realidade circundante e nela mover-se criticamente.

Por isso, na Educação, na sala de aula, no Ensino de Filosofia, é urgente pensarmos naquilo que andamos fazendo como prática que nos “forma”, que nos educa, que ocupa o nosso tempo, que ocupa as prioridades do nosso dia a dia, que consome o tempo de nossa reflexão. Com clareza e urgência, precisamos pensar quais as atividades, isto é, quais as práticas que temos posto como necessárias para o cuidado de nós mesmos. São questões de grande importância para Foucault, para sua filosofia, mas também para nossa reflexão e para a prática educativa, a qual deve se tornar um verdadeiro Cuidado de Si, um cultivar-se, um fazer-se autêntico. Por isso, não basta aplicar conteúdos e temas: é preciso pensar e agir sobre eles, pensar de quais exercícios temos nos ocupado na nossa prática ou no Ensino de Filosofia. O que pensamos no Ensino dessa disciplina, por conseguinte, em todo o desenvolver escolar, os instrumentos utilizados, são, de fato, meios adequados para uma reflexão crítica para a vida dos alunos ou apenas os leva a absorver mais alguns conteúdos, a cumprir o que já está posto sem questionar e sem propor? As práticas de si ou práticas críticas de si em sala de aula corroboram para uma educação que faz do indivíduo sujeito de si mesmo. Elas concedem o mergulhar não simplesmente em questões externas e superficiais, mas, um mergulhar no próprio sujeito, na sua condição de existência e permanência enquanto possuidor e mantenedor de si mesmo e de suas ações no mundo. Por isso, é urgente e salutar que os educadores do nosso país atentem para uma educação que priorize as práticas críticas de si, isto é, uma educação que fomente uma consciência e vivência de si mesmo.

3 FOUCAULT E A EDUCAÇÃO: APROXIMAÇÕES E IMPLICAÇÕES

O mestre é aquele que cuida do cuidado que o sujeito tem de si e que, no amor que tem pelo discípulo, encontra a possibilidade de cuidar do cuidado que o discípulo tem de si próprio (FOUCAULT, 2014).

3.1 O pensamento foucaultiano e a Educação: caminhos que convergem

Acreditamos que os relatos de um trabalho de conclusão de curso, isto é, a finalização de mais uma etapa da vida estudantil, sempre tem relação com as vivências e com a crença de cada estudante na academia e no mundo, principalmente, quando se trata da Educação. Ele sempre fala de suas experiências pessoais e coletivas, pois não constata apenas saberes estranhos à sua vida e às suas aspirações. Essas experiências dizem muito daquilo que o afeta como sujeito da sua própria existência. Assim, de modo especial, este trabalho contém muito das nossas vivências e experiências, seja na sala de aula com os nossos alunos, seja com os colegas e professores nas aulas de mestrado que, nestes últimos tempos, tornaram-se um verdadeiro laboratório de Ensino de Filosofia. A sala de aula do mestrado tornou-se, de fato, lugar de conhecer-se e de construir-se filosófica e educacionalmente, lugar privilegiado para o Cuidado de Si, para o mergulho na verdadeira estética da existência. Por isso, esse percurso que fizemos muito nos ajudou a perceber a necessidade de nos voltarmos para nós mesmos, de cuidarmos de nós mesmos, para que a Educação que almejamos construir tenha um efeito bem maior na vida e na prática de si do professor e, por conseguinte, dos alunos.

Nesse caminho de busca e de conhecimentos de si mesmo, deparamo-nos, também, com muitos pensadores e filósofos da Tradição filosófica ocidental que nos ajudaram a pensar e a repensar a nossa prática em sala de aula, o nosso modo de enxergar, aprender e ensinar filosofia. Essas pessoas, com suas reflexões e com a sua própria vida, trouxeram elementos importantíssimos para o nosso modo de agir em relação ao Ensino de Filosofia. Por isso, ao realizar o nosso trabalho de pesquisa de conclusão do curso de Mestrado em Filosofia no PROF-FILO, optamos por apresentar um pouco do pensamento do filósofo Michel Foucault, como foi visto no capítulo anterior, e ao qual daremos continuidade, agora, fazendo relações de aproximações e implicações com a Educação e com o Ensino de Filosofia. Desse modo, deparamo-nos com um pensador de obra vasta e complexa, cuja abrangência perpassa muitas áreas da investigação filosófica, sobretudo,

no que concerne ao conhecimento e ao autoconhecimento que muito chamaram a nossa atenção, desde os primeiros contatos, no momento das leituras de suas obras, iniciadas com *A ordem do discurso* (1971) e *Vigiar e punir* (1975). O tema “conhecer a si mesmo” sempre despertou a nossa curiosidade, principalmente, quando pensamos essa dimensão do cuidado com a própria existência, ou de um bem viver, na perspectiva da Educação e do Ensino de Filosofia, uma vez que buscamos a cada dia unir a prática da sala de aula com a vida fora dela, conferindo mais sentido ao fazer filosófico das nossas aulas e engajamento à prática educativa que buscamos construir.

A filosofia foucaultiana apresenta, portanto, todos os elementos que nos ajudam a compreender o cuidado com o próprio sujeito, que aponta para esse autoconhecimento, com o objetivo de poder viver, na verdade, apontando para o viver autenticamente. De fato, vale acrescentar que Michel Foucault comprovou tudo isso com a sua própria vida, uma vez que fez daquilo que ensinou uma prática cotidiana, buscando-a não somente por meio de conceitos e categorias, mas com a vivência daquilo que escreveu e ensinou em suas aulas. Por isso, ressaltamos que o embasamento teórico foucaultiano proporciona melhor entendimento da nossa prática e, por conseguinte, esta ficará bem mais fortalecida tendo como plano de fundo os conceitos e categorias do filósofo Michel Foucault que, ao se engajar nas lutas pelas suas causas, procurou defendê-las e vivê-las até o fim de sua vida. Nesse sentido, a Educação e o Ensino de Filosofia também são entendidos como causas que podem - e devem - ser abraçadas, não só teoricamente, mas de modo real e diário nas nossas vidas.

Mesmo pesquisando e tendo o objetivo de trazer a filosofia foucaultiana para nossa sala de aula, sabemos muito bem que seria inviável abordar todos os aspectos do seu pensamento e da sua obra em um trabalho dessa natureza – dissertação de mestrado –. Isso também não se configura como objetivo ou finalidade deste trabalho, pois, mesmo abordando elementos do pensamento foucaultiano que consideramos importantes, nele não se encerra o estudo iniciado. Ao longo da pesquisa feita, desejamos, de modo mais incisivo, tratar do Ensino de Filosofia como uma experiência que possibilite tornar a sala de aula um espaço privilegiado para a descoberta de si mesmo, para a construção de si mesmo, para a ocupação consigo mesmo e com o seu modo de viver, tendo a filosofia foucaultiana como referencial teórico para encaminhar esse projeto, sobretudo, com relação à categoria do Cuidado de Si, como vimos anteriormente.

Não podemos afirmar que a filosofia de Michel Foucault foi pensada exatamente para trabalhar a Educação e seus desdobramentos. Mas, a partir das suas obras e, aqui

desejamos destacar algumas delas, como *A Hermenêutica do sujeito* (Curso ministrado no Collège de France, entre os anos de 1981-1982, cujo tema principal é o Sujeito e o Cuidado de Si), podemos perceber que é possível aplicar as categorias e conceitos de Foucault à Educação e, de modo especial, ao Ensino de Filosofia. O mesmo se aplica à *História da sexualidade*, sobretudo, no volume três – *O cuidado de Si ou a Inquietude de Si*. Já na coletânea de textos foucaultianos chamada *Ditos e escritos*, é possível extrair muitos aspectos do seu pensamento, assim como em alguns trechos de *Vigiar e Punir*. Nessas obras, Foucault faz o aprofundamento da questão do sujeito e do Cuidado de Si, constituindo um verdadeiro resgate ou uma arqueologia – como denominou ao longo de suas pesquisas – a respeito do Sujeito e do Cuidado de Si, o que indica um caminho para a verdadeira descoberta e para a construção do sujeito. Seguramente, podemos afirmar que é o caminho para quem deseja construir a Educação do emancipar-se de opiniões duras e rígidas, distanciando-se de visões que prendem e dominam. Por isso, Foucault propõe uma nova cultura de si, por meio da vivência de práticas de si que libertam o sujeito das opiniões externas e daquilo que ele mesmo constrói na sua subjetividade. Em outros termos, Foucault propôs uma libertação de si mesmo, daí podermos fazer sua ligação com a Educação e com o Ensino de Filosofia.

Foucault não inicia *A Hermenêutica do Sujeito* tratando dos Antigos até chegar aos Modernos e Contemporâneos, fazendo as suas análises acerca do sujeito e sua constituição, acerca da verdade e da veridicção: ele faz o movimento contrário, iniciando-a justamente com os Modernos, ao abordar a concepção de René Descartes, e voltando para os Antigos, com Sócrates e as escolas Helenísticas. Isso nos faz perceber como, ao longo dos séculos, foi-se perdendo o verdadeiro sentido do conhecer-se e do cuidar-se de si mesmo. Por isso, Foucault faz esse percurso de retorno arqueológico, para entendermos como, em nossa época, faz-se necessário e urgente o resgate do conhecimento de si e, do Cuidado de Si. Nesse sentido podemos perceber que esse ocupar-se consigo mesmo exige tempo e atenção; exige um olhar mais demorado e criterioso do próprio sujeito sobre si mesmo, pois requer vagar e paciência. Não admite pressa e amadorismo que não acolha o amadurecimento, que só chega com esse ocupar-se consigo mesmo. Por isso, na obra *Cuidado de Si*, Foucault, afirma com razão:

Ocupar-se de si não é uma sinecura. Existem os cuidados com o corpo os regimes da saúde, os exercícios físicos sem excesso, a satisfação, tão medida quanto possível, das necessidades. Existem as meditações, as leituras, as anotações que se tomam sobre livros ou conversações

ouvidas, e que mais tarde serão relidas, a rememoração das verdades que já se sabe, mas de que convém apropriar-se ainda melhor [...] em torno dos cuidados consigo toda uma atividade de palavra e de escrita se desenvolveu, na qual se ligam o trabalho de si para consigo e a comunicação com outrem. (FOUCAULT, 2014, p. 66-67).

O ato de ocupar-se consigo mesmo traz consequências muito sérias, uma vez que vivemos muito ocupados com as outras pessoas e com o que elas dizem a nosso respeito. Também somos ocupados com os afazeres domésticos e com o nosso trabalho, ocupados demasiadamente com a educação dos outros, ocupados, ainda, com as nossas redes sociais para alimentar com informações e também recebê-las, ocupados em dar respostas a tudo e a todos, a todo momento. Por isso, acabamos nos esquecendo desse ocupar-se consigo mesmo, de preocupar-se consigo, de dar atenção a nós mesmos. Foucault apresenta alguns exercícios necessários para que esse ocupar-se de si seja realmente valioso e valoroso, não sendo apenas uma fuga do mundo externo, mas um fazer-se, tanto para si mesmo, como para enfrentar o mundo externo e as suas múltiplas faces. O ato de ocupar-se consigo, por meio dos seus exercícios, deixa o sujeito consciente de si mesmo, das suas forças, da sua capacidade de luta, da sua resistência, do seu potencial de enxergar-se como sendo mais do que um fazedor de coisas, mais do que um executor de atividades. A ocupação consigo mesmo desperta, em primeiro lugar, a alegria do conhecer-se para chegar ao construir-se. Nesse mesmo sentido e caminho, anda a Educação que preza pela independência do sujeito, pela libertação do sujeito, para que não se torne um simples executor de atividades que, na sala de aula, apenas responde aos exercícios e repete fórmulas. Logo, o ensino deve libertar o sujeito e levá-lo a interrogar e a pensar por si, e sobre si mesmo, a caminhar por caminhos que convergem ou contrastam com os do professor.

Foucault escreve muito e sobre muitas coisas, ao longo de suas investigações e reflexões filosóficas, razão pela qual afirmamos que a sua obra é vasta e complexa²¹. Ele não foi um pensador de obra sistemática, mas referia-se a si mesmo como um “[...] ‘experimentador’ em oposição a um ‘teórico’[...] que evitava a rotulagem da sua obra em termos de categorias existentes e afirmava que ‘pensar de maneira diferente’ e autotransformação, ao invés de ‘validar’ e o que já é conhecido”, repousa no cerne da sua obra filosófica.” (TAYLOR, 2018, p. 9). Como o nosso interesse não consiste em analisar

²¹ A obra de Foucault é complexa: geralmente ressaltamos a grande variedade dos campos de pesquisa, a espantosa escrita barroca, os empréstimos de outras disciplinas, as voltas e reviravoltas, as alterações de terminologia, a vocação por vezes filosófica e jornalística – resumindo, nada que possa se comparar àquilo que a tradição nos habitou a conceber como um sistema filosófico. (REVEL, 2011, p. 1).

toda a obra foucaultiana, porém, em analisar determinados conceitos/categorias da sua obra, os quais acreditamos ser os mais importantes para o Ensino de Filosofia e, por conseguinte, indispensáveis para a transformação dos estudantes e para a construção da sala de aula como espaço privilegiado da descoberta e da prática para o cuidar-se de si mesmo. Deixamos claro que Foucault nos ajuda a perceber melhor esse processo educativo que passa por um olhar mais voltado para o sujeito, voltado para a realidade em que o estudante está inserido. Nesse contexto, Foucault, em suas análises e reflexões, ajuda-nos a lançar luzes sobre a realidade das nossas salas de aula, para observar que é possível transformar o nosso modo de encarar a Filosofia não somente como um conhecimento e um conteúdo a serem apreendidos, mas como uma atitude a ser assumida na vida. Assim, ele nos propõe enxergar a filosofia como um caminho que não se separa do fazer-se de cada dia no âmbito da escola e nos passos da vida. Por isso, é preciso, antes, citar que Foucault:

[...] conduz uma “ontologia do presente”, um tipo de análise filosófica que, por um lado, procura identificar as condições a partir das quais as nossas formas correntes de conhecimento e moralidade emergiam e que continuam a legitimar essas formas, embora também, e por outro lado, esforça-se por “separar, da contingência que nos fez o que somos, a possibilidade de não mais sermos, fazermos e pensarmos”. Em outras palavras, Foucault investiga como as pessoas no Ocidente chegaram a estar onde atualmente estão; mostra que, na medida em que a sua condição atual é o produto do desenvolvimento histórico, não se trata de uma condição necessária, e investiga como elas podem ser diferentes. Foucault está especificamente preocupado em promover uma mudança que se contraponha à dominação e à opressão e fomenta aquilo a que ele se refere como “a tarefa da liberdade.” (TAYLOR, 2018, contracapa).

Taylor deixa claro que Foucault não é apenas um escritor ou pensador que se afasta da realidade para falar das problemáticas sociais e históricas, uma vez que ela testifica que ele registra as mudanças do sujeito, e ainda mais, convida-o a uma mudança de postura em relação àquilo que interfere na sua constituição, quando ele fala da “ontologia do presente” e da necessidade de promover uma mudança que se oponha à dominação e à opressão. Foucault não apenas resgata os dados históricos, mas, para além disso, ajuda o sujeito a se compreender em cada momento, a transformar-se e a se colocar como autor de seu próprio itinerário, da sua própria existência, sem determinismos externos.

Foucault não pode ser facilmente enquadrado ou classificado nesta ou naquela escola filosófica, mas a amplitude e o alcance das suas reflexões e o seu modo de viver

permitem que ele mesmo declare liberdade ou afastamento de enquadramentos em regras e estatutos. Destarte, podemos concordar com Taylor que, “Além de ser assistemática, a obra de Foucault também desafia aspectos fundamentais da tradição filosófica ocidental.” (TAYLOR, 2018, p. 9). Por isso, classificar ou definir o filósofo Michel Foucault, também não é a nossa intenção neste trabalho, mas, procurarmos nos aproximar e até, de certo modo, “apropriarmo-nos” de seus conceitos/categorias para relacioná-los com o Ensino de Filosofia. É possível uma aproximação da visão foucaultiana com a Educação, com o fazer educacional, e dessa forma, com o Ensino de Filosofia. Por essa razão, podemos afirmar que o pensamento foucaultiano e a Educação são como caminhos convergentes.

É possível fazermos a ponte entre o pensar e o fazer filosófico como um exercício de vida, como apontam os textos de Foucault²², e como pensamos a nossa maneira de educar. Por isso, preferimos nos comprometer com o exercício de garimpo, no rico arcabouço das investigações foucaultianas, assim, fazendo uma abordagem de elementos de sua filosofia que se coadunem com a nossa pesquisa, uma vez que o nosso trabalho está diretamente ligado ao Ensino de Filosofia, que objetiva, também, ser uma prática de vida. Ainda nesse sentido, podemos afirmar que o Ensino de Filosofia se configura como um importante desafio na tentativa de fazer da sala de aula um espaço privilegiado para o filosofar, no qual, os nossos alunos possam se tornar verdadeiros protagonistas no processo de ensino-aprendizagem, autores da própria vida, isto é, fazedores do próprio caminho, descobrindo o alto valor do cuidar-se de si mesmos, e, sabendo que o “cuidado de si é antes uma atividade” (FOUCAULT, 2014, p. 36), um proveitoso exercício, uma atitude para quem deseja sair da vazia opinião alheia e mergulhar no seu próprio fazer-se, no seu construir-se.

A filosofia foucaultiana²³ se apresenta como essa espécie de porta que pode ser aberta para quem deseja aproximar-se dessa reflexão, que não permanece apenas no

²² A esse respeito, podemos considerar o que afirma Foucault: [...] A partir do momento em que Descartes faz da evidência da existência do sujeito a porta de acesso para o conhecimento do ser e da verdade, assistimos a uma requalificação do “conhece-te” e uma desqualificação do “cuida-te”. Foucault faz a distinção, nessa altura de sua exposição, entre *filosofia* e *espiritualidade*. Filosofia: a forma de pensamento que determina as condições de acesso do sujeito à verdade. Espiritualidade: a busca, as práticas, as experiências pelas quais o sujeito se modifica para ter acesso à verdade (CASTRO, 2016, p. 95).

²³ [...] a filosofia foucaultiana pertence a uma geração diversa daquela da geração de pensadores que florescia no imediato pós-guerra, uma geração cujo esforço maior – em terreno propriamente francês – talvez tenha sido o de reverberar o eclipse do existencialismo e, com ele, promover um intenso ataque às chamadas “metafísicas do sujeito”. Se até então Sartre se apresentara como ‘maître à penser’ daqueles anos, consciência moral de toda uma época, para a geração à qual Foucault pertence o acesso à filosofia se dará pelo questionamento declarado das heranças de uma *metafísica do cogito* (ou seja, da pretensão

mundo ideal, mas que passa pela vida e transforma a existência do sujeito. Ela convida o sujeito a se realizar, quando se depara, mediante as práticas críticas de si, com a verdade, que não foi construída e entregue por outrem, mas que é resultado de uma relação autêntica consigo mesmo e com o outro. Vale ressaltar que, para Foucault, a Filosofia – e, por conseguinte, a Educação – ultrapassa o exercício do pensamento e, se não se satisfazer com uma metafísica, passa pelo enfrentamento da própria realidade política, social ou religiosa. Por essa razão, nosso trabalho situa-se nesse intento de compreender os (as) conceitos/categorias foucaultianos e com eles trabalhar, fazendo as apropriações adequadas e construindo as pontes entre o seu arcabouço filosófico, a Educação e o Ensino de Filosofia., de modo a levar os nossos alunos à construção de concepções que os ajudem no autoconhecimento e no processo de libertação, por meio de práticas conscientes do fazer-se. Não se fala aqui, apenas, em libertação em relação aos poderes alheios ou às estruturas construídas e impostas, mas em relação a si mesmos. Nesse sentido, é válido afirmar que a filósofa Anísia G. Dias Neta se refere a essa experiência na Educação, quando afirma que a filosofia foucaultiana convida a uma atitude de mudança no modo de ver o mundo e de enxergar-se a si mesmo:

[...] quando propomos o cuidado de si na educação, a partir de Foucault, estamos nos referindo ao eu dos agentes educacionais, professor e estudantes que se relacionam no processo ensino-aprendizagem; o que não significa um eu cognoscente, antes, sujeitos de ações. Ações essas que cuidam de realizar um retorno sobre si mesmo, a partir de experiências e exercícios, com fins de transformação. (DIAS NETA, 2016, p. 94).

Dias Neta apresenta essa ligação que se pode fazer entre os termos filosóficos trazidos por Foucault e as consequências da vida prática, do enfrentamento do contexto social, político e econômico, por meio de ações que devem ser tomadas pelo sujeito. Nesse mesmo sentido, afirma Taylor: “implica pensar e agir de maneiras que não simplesmente reinscrevam termos prevalecentes, estreitamente definidos do que é possível e aceitável pensar fazer.” (TAYLOR, 2018, p. 15). Podemos afirmar que isso se configura como muito importante e próximo do objetivo do nosso projeto de pesquisa, uma vez que o desejo de Foucault não era simplesmente mexer com as mentes das pessoas a respeito das condições em que viviam, deixá-las conscientes de que existem problemas

em fazer o pensamento repousar – ou originar-se – em uma manifestação inequívoca do sujeito verdadeiro) (YAZBEK, 2013, p. 9-10, grifo do autor).

de ordem social e política. Vale ressaltar que o objetivo do trabalho de Foucault era fazer com que cada um pudesse tomar parte de si, como sujeito, que pudesse intervir no modo de ver, de sentir, de viver. De igual modo, nosso trabalho busca, por esse mesmo viés, fazer essa junção de teoria e prática, conceitos que ganhem vida no fazer educacional, no Ensino de Filosofia. Nesse sentido, estamos de acordo com Fischer quando afirma que Foucault revoluciona as pesquisas em educação, pois traz, em sua obra, elementos que podem transformar os contextos do mover-se e do viver do sujeito, carregando em seu legado sementes que podem ser plantadas nas nossas escolas para que os nossos alunos se percebam como autores e escritores de si mesmos, capazes de transformações reais e grandiosas no contexto em que vivem. Observemos o que afirma Fischer, acerca de Foucault, dessa relação com a Educação e das possibilidades de transformação do sujeito:

“[...] um autor que possa revolucionar a pesquisa em educação na medida em que fizemos dos conceitos desenvolvidos em sua obra ferramentas efetivamente produtivas na construção de nossos objetos de investigação, em direção a pesquisas que privilegiem o estudo cada vez mais cuidadoso de práticas educacionais, de práticas didático-pedagógicas, de políticas públicas, de propostas curriculares. (FISCHER, 2003, p. 385).

De acordo com Fischer, percebemos que Foucault é um pensador que pode auxiliar nas transformações da Educação, ou seja, o pensamento foucaultiano converge para a Educação que almejamos, uma vez que passa pela desconstrução das verdades impostas pelos sistemas vigentes, passa pela descoberta do sujeito e do seu modo de fazer-se, pela construção de uma subjetividade que não seja presa aos condicionamentos de regras das gerações passadas, sendo o sujeito capaz de olhar para si mesmo com capacidade crítica e de transformação de si para poder transformar a realidade que o circunda. A Educação que almejamos e o pensamento foucaultiano convergem, porque, em ambos, as práticas de si são caminhos libertadores, são meios para uma verdadeira cultura de si, são espaços para o afastamento da opressão e das verdades apresentadas como absolutas e inquestionáveis. Também podemos afirmar que convergem, porque se apresentam como solos para uma construção verdadeira do sujeito, como caminho de superação de ilusões que foram plantadas na subjetividade. A partir das práticas críticas de si que Foucault apresenta, surge a liberdade que devemos buscar no construir-se a si mesmo, devendo a Educação sempre se pautar no seu fazer-se, no dia a dia da sala de

aula. Por isso, não se pode pensar em si mesmo nem nas relações com o outro de um lugar comum, mas a partir do encontro verdadeiro consigo.

3.2 O sujeito e a Educação na perspectiva das relações de poder

Nas últimas décadas, têm sido travadas discussões sobre como o sujeito tem invadido nossas bibliotecas e salas de aula por meio de teorias que vêm se multiplicando nas mãos de escritores, os quais se propuseram a analisar suas ressignificações filosóficas e históricas. Por isso, nossa pesquisa também se propôs a verificar como esse indivíduo é construído a partir de mecanismos de formação disciplinar, como a Escola. Nesse sentido, analisamos pelo viés foucaultiano a disciplinarização dos corpos, principalmente por meio da Educação, que a cada dia em suas práticas cotidianas tem sido a responsável por docilizar e manipular corpos com técnicas e mecanismos próprios. O processo de construção do sujeito é histórico por sua modulação, sua disciplina e suas práticas cotidianas. Porém, não somente o sujeito é histórico, mas as técnicas de disciplinarização que foram criadas para sua elaboração. Em muitos momentos da história, a disciplina assumiu características diferentes, por meio de leis, punições e sanções. No entanto, a partir do século XVIII, houve uma profunda modificação no modo da disciplina efetivar-se. Foucault, em sua obra *Vigiar e Punir*, demonstra que a arte de punir e dominar corpos vai tomando posições e características diferentes a partir de cada cultura e instituição, até mesmo antes do século XVIII²⁴. A partir desse século, as formas de disciplinar passam a mudar do estado massacrante do corpo para uma espécie de marca da punição na subjetividade dele: “Pois não é mais o corpo, é a alma. À expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue profundamente, sobre o coração, o intelecto, a vontade, as disposições.” (FOUCAULT, 2014, p. 18). O sujeito que, antes, era fortemente massacrado em sua carne como meio de punição das suas culpas, agora passa pela manipulação de seu tempo que busca regenerá-lo daquilo que se constituiu nele como sendo anormal, diferente do que é posto como comportamento padrão e aceitável para o social. Aquilo que, antes, marcava o corpo do supliciado tem por objetivo outro espaço

²⁴ A sociedade disciplinar tem seu surgimento por volta dos fins do século XVIII. Caracterizando-se, principalmente, como um modo de organizar o espaço, de controlar o tempo, de vigiar e registrar continuamente o indivíduo e sua conduta, a sociedade disciplinar deu lugar ao nascimento de determinados saberes (os das chamadas ciências humanas), para os quais o “exame” é o modelo prioritário de estabelecimento de verdade; pelo “exame” instaura-se, igualmente, um modo de poder em que a sujeição não se faz apenas na forma negativa de repressão, mas, sobretudo, ao modo mais sutil do adestramento, da produção positiva de comportamentos que definem o “indivíduo” ou o que “deve” ele ser segundo o padrão de “normalidade”. (MUCHAIL, 2004, p. 61-62).

de punição: a sua subjetividade que tem a ideia de formar o seu caráter para uma vida em sociedade que possa contribuir para o coletivo e o bem estar dele próprio, deixando-o mais dependente das opiniões alheias, do relógio que o controla a todo instante, do currículo que define o quanto de saber possui, das roupas que o classificam no seu grupo social. Tudo isso vai construindo esse sujeito, sem que ele mesmo o perceba.

Dentre as muitas instituições que exercem essa função de poder²⁵ sobre o sujeito, podemos destacar a Escola que, com as suas práticas pedagógicas, terá o objetivo de manusear certas formas disciplinares para poder organizar aquilo que deve ser feito nas relações intraescolares, além de promover o desenvolvimento do indivíduo que deve ser construído para a sociedade do controle. Por isso, horários, gestos, atos, articulações intersociais, tudo será elaborado com o desejo de que corpos se tornem dóceis e correspondam às regras, marcas disciplinares que lhes foram aplicadas. Pretendemos, então, por meio desse processo da sociedade de controle, ressignificar o ato de punir e corrigir. O dever, agora, daqueles que são as vozes dos discursos de disciplinarização é de fazer o sujeito social encontrar seu padrão necessário para não fugir mais dele. Poderemos até dizer que se códigos morais e disciplinares próprios, incutindo nos indivíduos que estes devem ser aquilo em que estão sendo enquadrados para ser-lhes corrigidos os desvios. As práticas pedagógicas, como um modelo dessa disciplina, deverão fazer o aluno “aprender o código de sinais e atender automaticamente a cada um deles” (FOUCAULT, 2014, p. 140), possibilitando um autocontrole do alunado, como membro da instituição, assim como o autocontrole.

Entendemos, portanto, que o processo de controle disciplinar nos levará a enveredar por uma espécie de autovigilância, a qual propõe todo um arsenal de controles sutis. Esses processos de vigilância que, antes, tinham pessoas para a função específica, a partir de agora – segundo Foucault – serão demarcados por um olhar interno do próprio sujeito. Foucault passa, então, a demonstrar que o importante não é ter mais corpos marcados pela punição visível. Agora, os corpos devem estar sutilmente marcados por manobras de disciplinamentos, as quais devem conseguir a docilização, ou seja, a capacidade de utilizar-se deles sem que o sujeito manipulável o perceba. Dessa maneira, o corpo também começa a assumir outra função. Ele deixa de ser espaço das marcas visíveis para tornar-se o espaço das marcas subjetivas, nas quais o importante será fazer

²⁵ Para Foucault, o poder seria algo inexistente enquanto materialização. Engana-se aquele que pensa-o enquanto emanado de um determinado lugar ou de uma pessoa específica. O poder, no pensamento foucaultiano, não seria nada mais que um emaranhado de relações de forma organizada, mais ou menos piramidalizado, mas que estivesse em todos os âmbitos da sociedade e em todas as suas relações.

com que o sujeito seja marcado por uma experiência com sua própria ação interna, manipulado por fatores externos de dominação.

Assim, ao longo da história, algumas práticas que formam o sujeito, como as pedagógicas, foram tomando proporções de verdadeiros dispositivos de poder sobre o sujeito e seu corpo. Portanto, a experiência de si seria um meio de conseguir fazer esse sujeito se constituir. Desse modo, é possível perceber que tudo se torna uma fabricação histórica que possibilita aos micropoderes estabelecerem a relação de poder-saber, pois todo esse processo demanda um contexto histórico e algo culturalmente contingente, montando uma produção que, como lembra Larrosa, “adota formas singulares.” Isso demonstra que todo esse emaranhado de práticas disciplinares é utilizado em busca de adestrar esses corpos e colocá-los dentro das micro-práticas dos poderes, mantendo todos os sujeitos e suas experiências encasulados nas mais diversas tecnologias e olhares das artimanhas do poder. Entendemos, portanto, que todos os processos que levam o sujeito a uma experiência consigo mesmo são *verdades* que foram construídas historicamente. Por isso, Foucault alerta quanto aos riscos da aceitação dessas verdades construídas historicamente, sem passar pelos questionamentos do sujeito, sem as interrogações que vêm de uma verdadeira prática crítica de si. Isso pode acontecer, com frequência, nos processos educacionais dos nossos tempos, quando não nos atentamos para uma verdadeira estética/arte da existência, quando os nossos professores e alunos não despertam para uma relação com o poder, de tal forma que isso implique em uma paralisia completa da formação de uma subjetividade que questione e transforme-se a si mesma, de uma subjetividade que perceba a necessidade de não aceitar tudo da forma como é oferecido por outrem.

De acordo com o pensamento foucaultiano, todo o processo de constituição do sujeito foi pensado e articulado historicamente. Nenhum dos meios disciplinares, a exemplo da Educação, foi articulado simplesmente para organizar ou fazer o sujeito procurar aquilo que estava supostamente escondido dentro si, uma vez que todos foram pensados e elaborados historicamente com a intenção de exercer poder nas mais diversas relações na formação do indivíduo, encaminhando-o pelos caminhos desejados para poder sempre manter o seu domínio. Mesmo a autodefinição e o autoconhecimento são sinônimos de uma autodisciplina capaz de manusear os corpos e formulá-los como pretendemos. Por isso, é importante observar essa relação da formação do sujeito disciplinado que Foucault apresenta e, fazer apontamentos das implicações no processo educacional atual, considerando que isso tem consequências diretas na formação das

subjetividades dos nossos tempos. Nesse sentido, podemos afirmar que Foucault, com seus escritos e com a sua vida, fez um verdadeiro apelo para que houvesse um despertar do sujeito disciplinado por essas relações de poder.

Como vimos, algumas sociedades, sobretudo, na Modernidade, utilizaram-se de diversas instituições para construir um sujeito que pudesse se estabelecer como autônomo, autorreflexivo e autoconsciente. Um desses instrumentos institucionais foi a Escola. Ela tornou-se, ao longo do tempo, um espaço de fabricação do indivíduo, disciplinando-o por meio de técnicas que pudessem fazer dele alguém dócil e moralmente capaz de se autodominar. Por isso, nesse momento do nosso trabalho, temos o intuito de voltar o olhar ao processo educacional a partir de Foucault, uma vez que, mesmo não tendo estudado veementemente esse conteúdo, ele se dedicou, ao longo da vida, a perceber as relações de poder que se disseminaram em várias instituições sociais, estabelecendo saberes e docilizando corpos. Foucault procurou mostrar como essas instituições utilizaram-se de mecanismos disciplinares para poder erigir um poder sutil, que se disseminava no meio das relações médicas, judiciárias, *escolares*. É possível detectar que os discursos criados pelas ciências a partir dos séculos XVII e XVIII foram os responsáveis por estabelecer verdades, por intermédio dos saberes que eram elaborados.

Em algumas das suas obras, principalmente, em *Vigiar e Punir*, Foucault observa grandes mudanças no âmbito cultural, econômico e religioso, o que o levou a pensar a subjetividade em oposição à identidade. Como os processos de domesticação são ineficientes para o controle do indivíduo, ele nos falará de práticas de coerção que são impostas por meio da disciplina (alma domesticada). Nesse sentido, o sujeito apresenta duas dimensões, *Produto e Processo*, o primeiro a partir das práticas disciplinares, como resultado ou produto da disciplina, e o segundo como uma subjetivação do processo. Por isso, é importante lembrar que, na genealogia desse sujeito, existe uma geografia e uma história da subjetivação que movimentam esse sujeito e que o produzem, o que Foucault chamará de agenciamento ou dispositivos: a escola, a iniciação social, as novas tecnologias, etc.

O sujeito, na concepção foucaultiana, tomou um direcionamento que o faz sair de um estado de essencialidade ou de naturalização para assumir um caráter histórico, deslocado, transitório, demonstrando, assim, que ele se desenvolve e é construído por um arsenal de mecanismos que o faz tomar formas diversas. Assim, procuramos entender que ele não é considerado como portador de uma essência intrínseca, mas, esse sujeito, ao

longo da sua história e do contato com outras realidades individuais e coletivas, foi se elaborando e definindo-se. A isso, Jorge Larossa denominaria, ao estudar a educação a partir de concepções foucaultianas, de uma “relação do sujeito consigo mesmo”, formulando uma experiência de si. Ou seja, constantemente, por meio de práticas pedagógicas, o sujeito entra em contato com sua subjetividade, podendo, dessa forma, construir seu *Eu* a partir de tecnologias, de mecanismos que seriam responsáveis por sua invenção. O sujeito, de agora em diante, não tomará mais a forma de único ou de essencialmente em si. Para Foucault, o sujeito desloca-se e, em alguns momentos da história, até mesmo morre. Essa afirmação não o faz desaparecer. Podemos dizer que, doravante, o sujeito é construído, elaborado mediante artimanhas das relações sociais e das instituições que fazem a sociedade.

A partir do contexto histórico de Foucault, as relações sociais aparecem com características diferenciadas, uma vez que Foucault pretende analisar, sob uma nova perspectiva, a experiência social que nos traz uma reflexão sobre as teias dos relacionamentos, as quais, no pensamento dele, vão gerando de forma diferenciada o poder, de forma sutil, quase imperceptível, o que constitui, a partir desses diálogos sociais, um novo sujeito, emanado da experiência de si e do contato com os diversos mecanismos de relacionamentos que o circundam. A constituição, tanto do sujeito como das relações de poder, se dá, agora, não mais a partir de um olhar único e monárquico, haja vista que esses objetos de estudo se desenvolvem na sociedade por meio de mecanismos, os quais, Foucault denominou de tecnologias. O termo tecnologia é empregado por Foucault como “sendo o estudo das práticas que são utilizadas como meios e fins para o disciplinamento e a governamentalidade dos sujeitos. Seria a metodologia da qual o autor se utiliza para poder chegar a entender os mecanismos de poder utilizados nas relações. (CASTRO, 2016, p. 413). Essas tecnologias, então, tomam o papel de responsáveis pela disciplinarização dos indivíduos, tornando-os vulneráveis e manipuláveis, o que fomenta não só uma relação de poder, mas de poder-saber, ambas ligadas para, dessa forma, constituírem as novas relações e os novos sujeitos. Foucault demonstra, por meio de sua fala, que poder-saber desenvolve-se e realiza-se por meio de dispositivos de origem científica, ou seja, de vozes que, dentro de um campo do conhecimento, são legitimadoras de enunciados lançados como “verdades”, fazendo vigorar, em tais jogos de poder e disciplina, uma ordem necessária para manter o corpo sob controle. Vejamos o que Foucault afirma ao tratar esse tema:

Temos antes que admitir que o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha nem constitua ao mesmo tempo relações de poder. Essas relações de ‘poder-saber’ não devem ser analisadas a partir de um sujeito do conhecimento que seria ou não livre em relação ao sistema de poder; mas é preciso considerar ao contrário o sujeito que conhece, os objetos a conhecer e as modalidades de conhecimento são outros tantos efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e de suas transformações históricas. (FOUCAULT, 2014, p. 27).

Nos escritos de Foucault, veremos que, a partir do século XVIII, a ideia de disciplina²⁶ e punição começa a se resignificar, tendo o objetivo de exercer poder sobre o sujeito, o qual se constitui dentro desse emaranhado de relação-poder-saber. Foucault demonstra que não haverá condições de manter esse poder sobre os sujeitos se não houver quem os legitime. Somente o conhecimento, imbuído de uma fala preponderante que parte dos campos de conhecimentos, é capaz de fazer historicamente o campo do poder e suas relações se estabelecerem, edificarem-se, pois a experiência do sujeito consigo mesmo não se dá de forma naturalizada, já que ela se edifica ao longo dos mecanismos históricos que fazem da “[...] experiência de si, também algo histórica e culturalmente contingente, na medida que se produz de forma singular.” (LARROSA, 1994, p. 42). São, então, os campos do conhecimento que se detêm com a responsabilidade de desenvolver os mais diversos mecanismos e técnicas para docilizar corpos, para conduzir os processos de disciplinamento, para formatar as subjetividades que se mantêm obedientes e passivas ao que é posto como verdade essencial ao sujeito que as recebe.

Dessa forma, percebemos que, desde antes do século XVIII, já existiam instituições que se colocavam como as detentoras e legitimadoras das práticas de disciplina, como a justiça, a religião e a educação. Porém, nos séculos XVIII e XIX, essas instituições começaram a desenvolver novas tecnologias que não mais precisam trabalhar diretamente com punições agressivas ao corpo, e, sim, aderindo a formas de condicionamentos sutis. O poder não mais se caracterizaria como uma forma de ordenar por meio de uma só instância ou figura: ele estaria começando a ser disseminado nos mais diversos âmbitos da sociedade como espécies de *micropoderes* legitimados por saberes

²⁶ Por disciplina, Foucault entende os processos que se exercem por meio de técnicas de coerção, por meio de um esquadramento sistemático do tempo, do espaço e do movimento dos indivíduos atingindo particularidades das atitudes, dos gestos e dos corpos, proporcionando uma espécie de docilização dos corpos desses sujeitos. Elas são demarcadas pelo autor como iniciadas nos séculos XVIII e XIX, porém, já bem antes existiam nos conventos, nas escolas e nos exércitos. (REVEL, 2005, p. 35).

correspondentes. Abrimos essa discussão justamente para chamar a atenção da Educação como um “lugar” da construção de subjetividades. Entendemos que o debate foucaultiano é bem maior e mais profundo, mas, abrimos aqui esse viés com o intuito de mostrar que o sistema educacional formal se configura como um desses pilares responsáveis, na Modernidade, pela formação do sujeito, passando o debate da relação poder-saber por esse fazer do sujeito.

Entendemos, então, que o pensamento foucaultiano não mais está preocupado em compreender as instâncias superiores do poder, mas, em desenvolver uma análise da microfísica desse poder que se espalha nessas relações que formam o sujeito, pois se “supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos não sejam atribuídos a uma “apropriação”, mas a disposições a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos.” (FOUCAULT, 2014, p. 27). São esses enfoques do pensamento filosófico foucaultiano que nos instigam a perceber as relações de poder como sendo teias bem entrelaçadas, não se encontrando mais punições que marquem o corpo de forma fisicamente perceptível, nem dominações no âmbito das grandes manipulações, e sim, poderes que passarão por um processo de legitimação nas relações cotidianas e nas instituições, processando-se por meio de técnicas de vigilância e de manipulação discursiva de corpos.

Então, Foucault passa a demonstrar que o importante não é ter mais corpos marcados pela punição visível. Agora, os corpos devem estar sutilmente marcados por manobras de disciplinamentos, as quais consigam a docilização, ou seja, a capacidade de utilizar-se deles sem que o sujeito manipulável o perceba. Dessa maneira, o corpo também começa a assumir uma outra função: ele deixa de ser espaço das marcas visíveis, para tornar-se o espaço das marcas subjetivas, nas quais o importante, agora, é dominar o que esse sujeito pensa, fala e faz. Tudo isso leva o sujeito a ser marcado por uma experiência com sua própria ação interna, manipulado por fatores externos de dominação. O sujeito não percebe que sobre ele é exercido um controle muito forte, que pode não o confrontar diametralmente, mas que o conduz, que o manipula, que o distancia de si mesmo por apresentar verdades que não são próprias do sujeito, mas, apresentar-se como se fossem naturais, imutáveis e necessárias para ele.

Assim, práticas como as pedagógicas, ao longo da história, foram tomando proporções de verdadeiros dispositivos de poder sobre o sujeito e seu corpo. Seria a experiência de si, portanto, um meio de conseguir fazer esse sujeito se constituir. Daí, percebermos que tudo se torna uma fabricação histórica que possibilita os micropoderes

estabelecerem a relação de poder-saber, pois todo esse processo demanda um contexto histórico e algo culturalmente contingente, montando uma produção que “adota formas ‘singulares’” (LARROSA, 1994, p. 42). Entendemos, portanto, que todos os processos que levam o sujeito a uma experiência consigo mesmo são *verdades* que foram construídas historicamente, como afirma Larrosa:

[...] a própria experiência de si não é senão o resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade. É a própria a experiência de si que se constitui historicamente como aquilo que pode e deve ser pensado. A experiência de si, historicamente constituída, é aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo etc. (LARROSA, 1994, p. 43).

Como dissemos, Foucault demonstra que todo processo de constituição do sujeito foi pensado e articulado historicamente. Nenhum dos meios disciplinares, como a Educação, foi articulado simplesmente para organizar ou fazer o sujeito procurar aquilo que estava escondido dentro si: todos os meios disciplinares foram pensados e elaborados historicamente com a intenção de exercer poder nas mais diversas relações. A autodefinição e o autoconhecimento são sinônimos de uma autodisciplina capaz de manusear os corpos e formulá-los como se pretende. A experiência de si nada mais é – como a disciplina – que uma arte pensada cientificamente para se estabelecer um saber-poder.

Da mesma forma que dispositivos discursivos foram criados para assumir um patamar de verdade-poder, assim, também, a disciplina, como uma arte de enquadrar o corpo, foi elaborada, criada, inventada histórica e culturalmente para conseguir estabelecer relações de poder. A disciplina, a partir do século XVIII, vai assumir as mais diversas formas, tendo a finalidade de corresponder ao tempo e à cultura de cada época, para, dessa forma, constituir os corpos, as falas e o pensamento do sujeito. Nesse sentido, as Escolas – assim como muitos outros espaços – começam a tomar rumos que lhes possibilitem se demarcarem como instituições fortes e desenvolvidas para causar esse sentimento de disciplinamento e regeneração. No que diz respeito à relação sujeito/escola, Foucault afirma que esta exerce sobre os sujeitos “o controle minucioso da operação do corpo, que realiza a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade”. (FOUCAULT, 2014, p. 118).

Agora, não se pretende mais machucar nem mesmo marcar o corpo à vista de todos para servir de exemplo, mas, nesse jogo de poder, as disciplinas incorporam o pleno desejo de fazer do corpo algo útil. Foucault vai afirmar que a disciplina tem o objetivo de fabricar corpos dominados e dóceis, pois estes não necessitam das marcas do suplício, do chicote, ou de outras formas violentas para obedecer às regras impostas e serem controlados por certas instituições e formas de poder. Mas, as marcas, agora, são deixadas na subjetividade, por meio de exercícios que levam a uma consciência cada vez mais opaca de si mesmos, isto é, uma consciência que não permite a esse indivíduo se libertar daquilo que foi posto na sua fala (discurso), no seu pensar, no seu fazer (corpo) como verdade absoluta e essencial, tudo isso de maneira a fazê-lo pensar que é natural, coexistente nos seus dias, não sendo construções/criação dos outros sujeitos, como amarras que foram feitas para aprisionar o próprio indivíduo. O corpo não é mais o lugar das feridas e dos maus tratos, da violência e das agressões, uma vez que a intenção é atingir a subjetividade, é prender o indivíduo sem mesmo usar as grades. É fazê-lo obediente às normas e regras, fazê-lo dócil e educado para saber se comportar, é fazê-lo submisso às ordens do governo e das autoridades. Vejamos o que afirma Foucault a esse respeito:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente ao aumento de suas habilidades, tampouco a aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. [...] A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos 'dóceis'. (FOUCAULT, 2014, p. 119).

Dessa forma, entendemos que os processos educacionais pensados ao longo do tempo se encaixam nas novas perspectivas da disciplina. Isso diminui efetivamente a capacidade dialogal argumentativa, pois, nessa perspectiva, não há espaço para a pergunta, para o questionamento, para as modificações, para a interatividade, devendo-se aceitar o que está posto e conviver com isso de maneira pacífica e sólida, de modo a não pôr em xeque nada do que foi dado ou repassado por quem ocupa algum papel de autoridade. Assim, a Educação mostra-se, como tantos outros processos institucionais, um espaço de construção, o qual demonstra que, em seu meio, pode-se desenvolver uma arte do controle do sujeito, um espaço apenas de disciplinamento de corpos, afetando as subjetividades de tal modo que não aconteça um despertar do sujeito quanto à vivência e ao conhecimento de si mesmo, ao cuidado de si mesmo, para alcançar uma cultura de

si. No âmbito educacional, podemos, ainda, perceber que as relações que se pautam por essa forma de procedimento não têm interesse de libertar o sujeito de si mesmo nem dos poderes que são exercidos sobre ele, mas, de perpetuar uma mentalidade posta por outrem como única verdade aceita. Além disso, uma Educação que não se dispõe a fazer o movimento do rever atitudes de disciplinamento não pode ser denominada de libertadora, mas de opressora.

3.3 A Educação como meio de construção de subjetividades

Ao abordar o pensamento foucaultiano tratando o tema do sujeito, da formação da subjetividade, é impossível não falar da sua relação com a verdade, não se remeter ao tema do Cuidado de Si, das práticas críticas de si, não abordar a relação do saber-poder. Entendemos que a Educação deve passar por esse caminho, uma vez que o sistema educacional está diretamente ligado à formação das subjetividades. Foucault, analisa essa questão com atenção e olhar crítico, pois o tema da Educação²⁷ também se encontra na sua obra, como nos lembra Castro: “o tema da educação, que é sem dúvida importante na obra de Foucault, aparece sempre em relação com outros, a partir de outros.” (CASTRO, 2016, p. 134). Mas, poderíamos nos perguntar: De que sujeito estamos falando? A que subjetividade estamos nos referindo? É importante esclarecer que o processo educativo não é uma estrada de mão única, que tem a finalidade apenas de libertar o sujeito – no caso, o estudante - de suas concepções e de amarras que o oprimem e prendem ao sistema vigente, às forças externas. Existe, também, uma outra face que precisa ser apresentada e discutida: o processo educativo pode também ser tido como um meio de construção de subjetividades que não permite ao sujeito despertar para a realidade, tornando-o, apenas, um repetidor de verdades absolutizadas. Essas verdades foram recebidas por gerações passadas, e, nesse processo de transmissão de conhecimentos não sendo questionadas, tornam-se verdades dogmatizadas e irretocáveis que o sujeito herdou na sua formação, conteúdos que ele internaliza na sua prática, vivências que o formam a cada instante sem passar pelo crivo das perguntas e da análise mais elaboradas.

²⁷ Podemos observar que o tema da Educação está presente na obra foucaultiana em relação com outros temas importantes que ele apresenta: “[...] em primeiro lugar, sem dúvida, na relação com a disciplina. Aqui, é necessário seguir os desenvolvimentos de *Surveiller et punir* e de *Les anormaux*. A organização da educação ocidental se inscreve no grande processo de reorganização do poder moderno que começa durante a monarquia e se aprofunda com o fim do absolutismo. Foucault sublinhará o processo de disciplinarização da educação, a nova importância que nela ganhará o tema do corpo.” (CASTRO, 2016, p. 134).

Desse modo, o próprio sujeito se torna refém de si mesmo, torna-se prisioneiro daquilo que foi formado dentro de si, a partir de uma relação consigo mesmo que não o leva a questionar, a mudar, a se reconstruir. Assim, ele carregará sempre dentro de si as mesmas concepções, nunca podendo se enxergar de um modo diferente daquele em que foi construído e portando sempre a imagem que entende como verdadeira de si mesmo e do mundo, a qual alguém lhe impôs, sem duvidar se tudo isso é mesmo credível e necessário à sua vida. Nesse sentido, a Educação, entendida a partir do sistema escolar, está diretamente ligada ao nosso fazer-se no mundo, ao que pensamos, comemos, vestimos, compramos, vendemos e falamos. Na verdade, o modo como nos colocamos para encarar o mundo, como nos relacionamos com o conhecimento, com os outros indivíduos, o modo como nos relacionamos com a nossa subjetividade, como aceitamos ou rejeitamos algo no dia a dia, tudo isso faz parte do nosso processo educativo.

Sem dúvidas, a experiência ética que o sujeito faz de si mesmo é inseparável do processo político de sua formação. A educação que recebemos, ao longo da vida, enquadra-se justamente nesse processo de adestramento disciplinar que elabora a nossa subjetividade, que molda o nosso fazer, que organiza o nosso querer e nossos modos de pensar e agir. Não se faz mais necessário o uso de forças brutais e violentas, de instrumentos pesados e amedrontadores. Agora, o canal utilizado é o próprio processo educacional, o qual é uma arma muito potente, no entanto, muito mais sutil, que não atinge de fora para dentro, mas, pelo contrário, atinge de dentro para fora. Ele forma aquilo que não podemos tocar com tanta rapidez e facilidade, que não podemos tocar com as mãos, isto é, a subjetividade.

Como já mencionamos neste trabalho, Foucault faz um levantamento de instituições que se utilizaram da disciplina para normatizar e estabelecer um sujeito por meio da docilização dos corpos (na sua obra *Vigiar e punir*), procurando o seu controle, a sua dominação, adentrando na esfera do controle da subjetividade, manipulando intensamente os caminhos do discurso e do fazer dos indivíduos. Como o nosso interesse aqui é a questão da Educação e as suas implicações para esse sujeito, abordamos apenas essa concepção do sujeito e da Educação, na perspectiva das relações de poder. Mas, nesse momento, adentramos, de modo breve, na discussão que parte da ideia de governamentalidade e disciplinarização (presente na obra *O nascimento da biopolítica*) para trabalhar com uma nova concepção de governamentalidade e de disciplinarização. Foucault afirma que os trâmites da constituição do sujeito seriam ditados, agora, não mais pelos institutos judiciários e da punição em nível físico. Ele nos alerta para as propostas

feitas pelo neoliberalismo, no fim do século XIX e início do XX, tendo em vista que “é uma arte de governar que manipula fundamentalmente interesses” (FOUCAULT, 2008, p. 90), articula sanções, maquina estratégias e constrói sujeitos.

Dessa forma, Foucault, apresenta a Educação como sendo uma das instituições responsáveis por constituir esse sujeito disciplinar, conduzindo-o a um certo governo de si. A educação, até então, tinha sido estabelecida como sendo uma forma de constituir esse sujeito, mas aplicando disciplinas que fossem externas a ele, ou seja, o disciplinamento elaborava sanções que atingissem seu corpo. Com o advento das novas ordens de relações de poder, as práticas pedagógicas terão como objetivo atingir a sua subjetividade, tendo em vista que nela se poderá proporcionar a construção de tecnologias que o disciplinem constantemente, sem que esse sujeito se perceba submetido facilmente a tais exercícios ou práticas. Assim, perceberemos que os direcionamentos pedagógicos que começam a se estabelecer terão o objetivo de marcar os estudantes em sua subjetividade mais do que em seu corpo. Nesse mesmo sentido, Maria Manuela A. Garcia, a partir de uma leitura foucaultiana, traz essa compreensão acerca dos discursos pedagógicos que se tornam verdadeiras práticas que formam as subjetividades, que se tornam meios de controle do sujeito, que interferem de maneira sutil na sua maneira de portar-se, de compreender-se a si mesmo e o mundo:

Os discursos pedagógicos são práticas, são tecnologias, mistos de poder-saber e de técnicas que têm efeitos produtivos e práticos sobre os sujeitos a que se dirigem e os objetos de que tratam. [...] Os discursos instituem campos de objetos, concorrem na produção de formas de subjetividades, estabelecem diferenciações, presença, exclusões, saberes e verdades acerca de como pensar, ser e agir, quando os indivíduos estão investidos de certos papéis e formas de autoridades. (GARCIA, 2002, p. 26).

Foucault observou esse comportamento em relação à formação das subjetividades, às formas de disciplinas que eram impostas ao sujeito e aos interesses que estão por trás da sua formação e da sua condução, especialmente no que tange à Educação e, por conseguinte, aos processos educacionais que visam a manter esse sujeito comportado, adequado ao que lhe é ensinado, sobretudo, um sujeito capaz de reproduzir uma mentalidade que recebeu. Nesse sentido, a Educação pode ser analisada sob o prisma do interesse neoliberal, a partir da construção de um sujeito que é produzido para alimentar um sistema que rende, que faz dar lucros. Por isso, a partir da análise foucaultiana, podemos afirmar, também, que muitas práticas são implantadas por questões totalmente

econômicas que deliberaram ao sujeito normas, regras e sanções vindas de uma concepção neoliberal.

Nesse sentido, vale lembrar que somos, então, conduzidos a produzir nossas próprias subjetividades para corresponder a essa “liberdade”. Pensar as questões da Educação como forma libertária é preocupante, principalmente, porque, quando acreditamos estar levando o educando a um senso crítico de liberdade de expressão, podemos estar conduzindo-o a corresponder ao neoliberalismo, colocando-o no processo de controle pedagógico que se enquadra também no contexto econômico que emerge. Esse novo modelo econômico cria e recria uma pluralidade de tecnologias e disciplinas, para, assim, construir a subjetividade desse sujeito, permitindo, segundo Garcia, “[...] um processo prático que fornece os vocabulários e os meios pelos quais os indivíduos podem se narrar e se conduzir a si mesmos, segundo certas normas.” (GARCIA, 2002, p. 29). O sujeito aqui não precisará mais das grandes sanções, nem mesmo das regras externas a ele, como punições físicas, se não corresponder ao que pede a Escola, uma vez que ele estará mergulhado em determinadas tecnologias que lhe possibilitarão ser seu próprio vigia. O principal vigia de suas ações e determinações é ele mesmo, quando autonomamente, conseguir regular suas práticas cotidianas, adequando-se ao processo econômico-educativo.

Podemos dizer que a Educação passa também a ser mercadoria, e, o sujeito, veículo para comercialização desse produto, dessa mercadoria – que tem se tornado cada vez mais cara e supervalorizada. É por isso que Foucault nos ajuda nessa compreensão de que a Escola se torna espaço para criação de subjetividades, espaço privilegiado para a dominação do sujeito, para a formação de mentalidades que devem ser mantidas e multiplicadas a cada geração, espaço das normas de conduta para o dito “equilíbrio” do sujeito, para todo aquele que deseja aprender a viver em sociedade. Entendemos, portanto, que o sujeito, agora, não é mais algo solidificado e essencializado pelas práticas pedagógicas como se pretendeu durante muito tempo: ele passa a conhecer uma diversidade de possibilidades que o levam a responder aos moldes da nova sociedade de consumo que aparece com o neoliberalismo. É uma espécie de novo sujeito que, de certa maneira, substitui o sujeito disciplinado da Modernidade, a partir da sua adequação às novas técnicas e demandas que o mercado exige dele, um sujeito que está em prol da visibilidade das coisas, mas, sequer, lembra daquele Cuidado de Si, mesmo que o discurso, fabricado para ele e por ele, ainda gire em torno de um bem estar sem precedentes. Observemos o que afirma César a esse respeito:

[...] o novo sujeito que está a ponto de substituir o sujeito disciplinado da modernidade será o produto de novas técnicas de controle e governo neoliberal. Trata-se agora de produzir um sujeito capaz de responder às demandas flexíveis do mercado, objetivo que orienta obsessivamente os investimentos familiares e as intervenções governamentais do Estado sobre o campo da saúde e do corpo das populações, todas elas visando fomentar a atitude auto empreendedora capaz de produzir o “capital humano” exigido pelos tempos que correm.” (CÉSAR, 2009, p. 56).

A nova ideia de Educação, segundo César, não pode estar somente amparada por uma liberdade de pensamento ou esclarecimento de suas posições politicamente sociais, haja vista que a inédita noção de Educação parte agora, como afirma Foucault, de um processo de relações mediadas pelo econômico. Essas relações se tornarão responsáveis pela produção desse sujeito atual, o qual deve incessantemente se posicionar no sentido de corresponder a apelos e a clamores econômicos. A liberdade do sujeito não se constitui mais como sendo liberdade, mas como uma forma de aprisionar-se dentro de parâmetros ditados sutilmente pela sociedade, não tendo mais a intenção de formular um sujeito disciplinado em ordem física. Tais produções querem constituir alguém que possa, na sua pseudo-autonomia, entrar nas possibilidades das regras sociais que são lançadas por tantas e tantas relações de poder que se erigem, tornando-se “[...] a instância de produção do novo sujeito moral, o sujeito flexível, tolerante e supostamente autônomo [...] empreendedores de si mesmo” (CÉSAR, 2009, p. 56), mas que, na realidade, está preso às sutis determinações do olhar imperceptível da sociedade e de suas instituições, que não consegue perceber as armadilhas desse tipo de relação de pseudo-autonomia e liberdade.

Ideais como evolução, esclarecimento, por meio de uma verdade, uma racionalidade libertadora e totalmente autônoma, reflexiva não conseguem mais se enquadrar nos procedimentos da Educação. As novas formas de governo, utilizadas por esses mecanismos pedagógicos liberais, tornam-se, também, “focos locais de poder, encadeados sucessivamente, só funcionando porque estão inseridos em estratégias globais de dominação.” (CÉSAR, 2009, p. 69), sendo responsáveis por essa constituição do sujeito atual. Esse sujeito, marcado pelas sutis máscaras do disciplinamento e da governamentalidade, é constituído dentro de situações em que estão incluídos o econômico e o social. Agora, os indivíduos são atingidos por diversos mecanismos para nossa construção, inclusive, por nossa própria ação governamental. A Educação, a partir da análise de Foucault, tende a ser uma tecnologia capaz de atingir o sujeito, formando, assim, alguém que possa ser autônomo, autorreflexivo, possibilitando-lhe assimilar a

fluidez das ocasiões históricas, nas quais tudo está por vir a ser, ao ponto de sermos marcados por situações e olhares. Desse modo, podemos inferir que os processos pedagógicos e educacionais terão a intenção de fazer esse sujeito sentir-se num mundo onde tudo é rápido, é fluido, é passageiro, não dando a chance de que ele encontre logo sua interioridade, mas que vá constituindo suas subjetividades²⁸.

Perceberemos que o sujeito é constituído por um longo trâmite de elementos, de tecnologias, que podem fazê-lo ter a experiência consigo próprio, ou seja, com o seu eu que fora acionado por essas técnicas. O educando, agora, será seu melhor vigia, o que possibilita sua entrada no túnel do neoliberalismo que condiciona a Educação a corresponder às suas táticas de manipulação e governo. Essa forma de governo se utiliza dos diversos saberes para instrumentalizar o conhecimento, assim, fazendo dele um meio potente de chegar a esse sujeito e constituí-lo nessa sociedade da disciplina, da normatização e da higiene, para inseri-lo numa economia da vigilância, utilizando-se dos mais diversos mecanismos como se fossem naturalizados para se estabelecer, dando a aparência de que estamos possibilitados de uma liberdade. No entanto, essa “liberdade, no mundo contemporâneo, é a liberdade do autogoverno. O autogoverno é a liberdade civilizada [...] a liberdade regulada [...] (GARCIA, 2002, p. 83), que nos estabeleceu dentro de regras sociais as quais se impuseram a nós de forma muito sutil, levando-nos, por nosso próprio olhar autorreflexivo e normatizador, a nos enquadrarmos nessa regularidade que nos vai sendo proposta.

A Escola se posiciona como aquela que fará sempre as pessoas serem reflexivas, disseminando que, por meio da prática educacional, os alunos estariam libertos de aprisionamentos e obscuridades racionais, levando-os à possibilidade dessa liberdade de pensamentos. No entanto, todo esse discurso de emancipação da atitude do sujeito não passa de mais uma tecnologia utilizada para se poder chegar a controlar pessoas, pensamentos, comportamentos e vidas. Essa espécie de liberdade não é senão uma simples produção das novas governamentalidades que o neoliberalismo dispõe e que a Educação traz para si. O projeto de uma liberdade, de um sujeito autônomo, não passa de mecanismos capazes de fazer-nos entrar em todo esse emaranhado de situações que logo nos posicionarão, não como livres, mas, como pessoas que estão constantemente sob o controle e a vigilância. Nesse sentido, vejamos o que afirma Foucault:

²⁸ A subjetividade, o eu, a interioridade, a identidade, nessa perspectiva, são a reunião instável de processos de subjetivação que conectam espaços, tempos, lugares, rotinas, hábitos, saberes e técnicas em domínios específicos da prática social. (CÉSAR, 2009, p. 85).

[...] a liberdade do regime do liberalismo não é um dado, a liberdade não é uma região já pronta que se teria de respeitar, ou se o é, só o é parcialmente, regionalmente, neste ou naquele caso, etc. A liberdade é algo que se fabrica a cada instante. O liberalismo não é aceitar a liberdade. O liberalismo é o que se propõe fabricá-la a cada instante, suscitá-la e produzi-la com, bem entendido, [todo um conjunto] de injunções, de problemas de custo que essa fábrica levanta. (FOUCAULT, 2008, p. 88).

Foucault caracteriza a liberdade, nessa sua fala, como sendo um emaranhado de relações de poder, as quais, produzidas e fabricadas, vão se validando ao ponto que vão se construindo. Ela não estaria pronta e acabada como uma essência a qual todos estaríamos fadados a possuir, mas a que é construída para poder legitimar vozes, discursos que regem e governam, não a aceitando, e, sim, propondo-se a fabricá-la cotidianamente. Esse poder, que agora exerce seu controle de forma suave, sutil, tenderá a também incitar os seus regidos a viverem essa “liberdade imposta”, sem ao menos se darem conta do que estão fazendo. Esse sujeito, construído por mecanismos disciplinares que os tornam dóceis e historicamente controláveis, não consegue perceber que sua prática só está correspondendo a determinadas tecnologias, fazendo-o constituir uma experiência de si.

A tal liberdade utilizada é simplesmente para formular uma questão de manipulação e de controle da nova economia governamental neoliberal, conduzindo-a a ser uma liberdade que não liberta realmente, que apenas olha o poder, não conseguindo distinguir a sua força mantenedora. É preciso, portanto, perceber que a Escola é, de fato, um espaço onde subjetividades são criadas e onde sujeitos são modulados para um tal controle que não sabemos de onde vem, nem aonde vai. Estamos à deriva da maré das formas pedagógicas que vão se constituindo ao longo do tempo, como espécie de governo da liberdade para ajudar na construção desse sujeito, o qual é inventado por tecnologias de subjetividades, sendo controlado e manipulado por diversos olhares disciplinadores da sociedade, os quais não sabemos quem são, inclusive, a Escola, que será a mestra para ajudar o homem em seu autocontrole. Garcia, a esse respeito, traz o entendimento foucaultiano, afirmando que a Escola é responsável pelos “[...] efeitos disciplinares sobre a conduta humana e sobre os modos como pensamos, falamos e atuamos em questão das relações educacionais.” (GARCIA, 2002, p. 23). Isso acontece para obter corpos dóceis e disciplinados em meio a todas as relações de poder existentes na pluralidade da sociedade. Por isso, abordaremos, a seguir, a Educação e sua relação com o Cuidado de Si, na perspectiva foucaultiana, pois entendemos que esse é um caminho de resistência contra

essa formatação de subjetividade. É uma resposta a esse tipo de construção de sujeito. É um convite que Foucault abre aos que desejam pensar sobre si mesmo, em tempos que o pensamento se torna algo perigoso. É um convite a transformar, não simplesmente o outro e o mundo, mas, transformar a maneira de se relacionar consigo mesmo, de cuidar de si mesmo.

3.4 A Educação e o Cuidado de si: um espaço de resistência

A partir da experiência docente, percebemos que existem lugares e espaços que podem ser melhorados na nossa prática diária em sala de aula. Isso pode contribuir, por conseguinte, para outros ambientes e aspectos da vida escolar. Relações entre conteúdo e realidade, discussões que se aproximem mais do “chão da escola”, uma abordagem que permita refletir mais conscientemente sobre os problemas concretos da vida dos nossos alunos e seus reais desafios, tanto na Escola como fora dela. É verdade que, muitas vezes, preocupamo-nos, de modo exagerado, em apenas “visitar” a tradição filosófica, apegados à dimensão histórica da filosofia, o que é muito importante, mas não é a única maneira de pensar a teia das relações humanas e as suas problemáticas, pois, para alcançar os nossos estudantes, precisamos, cada vez mais, criar proximidade com a sua realidade, conviver com suas necessidades e senti-las, acompanhar as suas atividades, o seu fazer no dia a dia, de modo que, somente estudar os conteúdos e os filósofos do passado, não é o suficiente para compreender e atuar no tempo presente. Podemos afirmar que fazer-se presente com os nossos alunos é tão importante como estar presente em sala de aula nos horários estabelecidos para estudar os conteúdos. Como nos lembra o filósofo e educador Walter Kohan, “Eu não quero parecer-me às árvores, que se enraízam em um lugar, mas ao vento, à água, ao sol e a todas as coisas que marcham sem parar” (KOHAN, 2015, p.58). Kohan trata do conceito de Errância, na obra *O mestre inventor*, o que achamos muito interessante, uma vez que podemos muito bem fazer uma ligação da errância com o Ensino de Filosofia, neste momento da nossa pesquisa, lembrando-nos da necessidade que temos, no processo educacional, de andar, de criar, ou de recriar as oportunidades, de mostrar aos estudantes que eles são sujeitos do seu próprio fazer-se, são sujeitos de si mesmos, são responsáveis por suas vidas, que eles não podem viver “parados” como as árvores, plantados, esperando que os professores lhes tragam todo o saber, todo o conhecimento. Eles mesmos precisam caminhar, no sentido de buscar construir-se, de buscar novas visões acerca do mundo e, principalmente, de buscar a si mesmos.

Isso nos leva a fazer alguns questionamentos acerca das aulas de filosofia, da própria realidade dos alunos, das motivações que os levaram a estar na sala aula e das suas condições de participação em discussões, debates e atividades. Leva-nos a questionar se existe ligação entre o conteúdo proposto na sala de aula e a vida vivida no dia a dia, dentro e fora dos muros da Escola. Leva-nos a pensar, ainda, se o que estudamos nos nossos encontros, ou mesmo o modo como estudamos as teorias dos filósofos os tem ajudado a fazer escolhas diferentes das de antes de conhecer a filosofia ou a Tradição filosófica. Foram tais questões que, povoando a nossa mente, ajudaram-nos a querer realizar a pesquisa, investigando um pouco mais o Ensino de Filosofia no Ensino Médio e relacionando-o com a nossa própria realidade docente, fazendo essa ponte que pode nos ajudar a chegar mais perto da realidade dos nossos alunos, uma vez que entendemos que a sala de aula se constitui como espaço de resistência, pois nela cabe sempre olhar de um outro modo, para si e para o outro. É possível ser lugar de resistência, considerando que, quando falamos em Cuidado de Si, em tempos de exagerada preocupação com a exterioridade, podemos fazer pausas para pensar em nós e naquilo (e como) somos fabricados na nossa subjetividade.

Em nossas aulas, corremos o risco do apego à prática de um pensamento distante do nosso contexto, sem ligação com a realidade que nos cerca e sem intervenção nela. Na ânsia de repassar os conteúdos, de cumprir as metas da escola e da política institucional ou governamental, acabamos valorizando muito menos as experiências filosóficas realizadas pelos próprios alunos em sala de aula. Desse modo, subtrai-se do espaço privilegiado – a escola e, por conseguinte, a sala de aula – o ato de questionar, argumentar, desconstruir e construir opiniões e ideias. Para Cerletti (2009, p. 7), “Poderíamos perguntar-nos, antes de tudo, se é realmente possível ensinar filosofia sem uma intervenção filosófica sobre os conteúdos e as formas de transmissão dos ‘saberes filosóficos’?” Percebemos, também, entre os nossos estudantes, certo desânimo diante dos estudos ou desinteresse por eles, pelas aulas e pelo conteúdo. Talvez não se torne um assunto “atrativo” para os alunos porque não lhes fala da sua própria vida, da sua realidade mais latente como sujeitos, como autores de sua existência. Constatamos, ainda, que o envolvimento nas atividades propostas quase sempre é bem inferior ao que intencionamos ou desejamos, ou mesmo a interação e intervenção nas aulas, sem fazer perguntas ou acréscimos de comentários. Mas, muitas vezes, em suas conversas conosco, em momentos de intervalo ou na própria aula, eles revelam suas atividades na agricultura com seus pais e familiares, para o sustento da família ou mesmo alguma atividade

comercial para manutenção de sua família e sustento próprio, ou o desejo de aquisição de algum bem, ou mesmo alguns pretendem realizar sonhos que carregam consigo. Nesse caso, percebemos que, algumas vezes, precisamos aproximar a proposta do Ensino de Filosofia da vida dos nossos estudantes, uma vez que eles sentem a necessidade muito latente de falar de si, de se enxergar nas problemáticas que trazemos para a sala de aula.

Por isso, por um lado, a Educação tem se comportado como veículo de formação de subjetividades que levam o sujeito à dependência do outro para se mover, para se perceber a si mesmo e para perceber o mundo. Ela é uma formadora das subjetividades que se paralisam diante de si mesmas, não se questionando sobre sua própria condição, nem despertando para fazer uma autocrítica e para um conhecer-se com profundidade, tendo em vista uma transformação autêntica, portanto, não percebendo que o “Si mesmo” não pertence à ordem de uma essencialidade. Por outro lado, não se deve enquadrar e deter a Educação em um sistema fechado, aprisionando-a, como se ela não pudesse se transformar em um espaço privilegiado para as mudanças que devem acontecer para fazer o sujeito viver autenticamente o Cuidado de Si. É preciso enxergar, por meio da Educação, oportunidades e caminhos para um construir-se autêntico, para um conhecer-se a si mesmo, a tal ponto que as subjetividades construídas vivam as práticas críticas de si. Como propunha a filosofia socrática e a dos Antigos (sobretudo, a dos estoicos), o educar-se passa pelo caminho de libertação das opiniões alheias, amadurece ao nível que se chega ao conhecimento de si mesmo, com clareza e honestidade, o chamado *gnóthi seautón* (conhece-te a ti mesmo), que faz o sujeito afastar-se de preocupações ilusórias e meramente materiais ou políticas, levando-o a cuidar mais dele mesmo, a governar-se, a ser independente.

Além disso, o verdadeiro processo educacional deve se voltar para a harmonia entre a práticas daquilo que se fala (na Escola) e daquilo que se faz na vida, no dia a dia. Como foi visto, Foucault denominou esse movimento de *psicagogia*, um caminho educacional que não prende, não oprime nem diminui o sujeito, pois entende que esse sujeito se move constantemente, principalmente, em direção a si mesmo. Esse caminho psicagógico leva-o a viver não somente o conhecimento de si, mas o Cuidado de Si (*epimelêia heautoú*). Por isso, fala-se numa Educação que se importa com o sujeito na sua integralidade e não com partes dele, sabendo que esse sujeito não acontece em um dado momento, sendo, antes, uma construção perene de si mesmo, mediante críticas de si. Foucault enfatiza, com veemência, que essa prática educacional deve sempre acompanhar o sujeito, ao passo que deve ser caminho de libertação para ele, nunca se

mostrando como hiato para que o sujeito se perca de si mesmo. A Educação pode ser caminho que colabora com o despertar nas reflexões e proposições, mudanças e avanços, no que tange à postura do próprio viver do sujeito, não simplesmente para ser um lugar de transmissão de atividades e saberes construídos, mas lugar de construir-se a si mesmo. Por isso, Alexandre de Freitas, ao analisar o pensamento foucaultiano, coaduna com essa reflexão, suscitando nos seus leitores essa necessidade de enxergar a Educação como espaço privilegiado para que os indivíduos se tornem sujeitos, isto é, lugar de si. Desse modo, concordamos com Freitas, quando afirma que

A educação, pensada no registro do cuidado de si, pode ser apreendida como o cultivo reflexivo da disposição de manter ou modificar a si mesmo enquanto sujeito de suas próprias ações e realizações. Não se trata de assumir tarefas e atividades em que se mede simplesmente a quantidade de saberes aprendidos. A educação é, antes, o que, produzindo formas de experiência de si, conduz o indivíduo a tornar-se sujeito, mediante atos concretos de resistências às formas de vida instituídas. (FREITAS, 2010, p. 186).

Freitas aponta para uma Educação como espaço de resistência às formas de vida instituídas, isto é, a Educação não pode ser um instrumento de opressão ou de controle do sujeito dominado e convertido: ela precisa ser exatamente o oposto, precisa assumir a posição que liberta de concepções que ainda prendem o viver e o fazer-se autênticos do sujeito. Assim, a Educação não pode ser instrumentalizada por um sistema econômico, no qual o sujeito é visto apenas como um número, como um simples fazedor de coisas, um objeto na contagem do SABER (sistema de registro de estudantes informatizado do governo do Estado da Paraíba). A Educação não deve ser vista como mercadoria nas mãos de governos, empresários, ou grupos de empresários, para atender interesses particularizados, sem levar em conta as subjetividades que estão envolvidas no processo educacional. Desse modo, não faz sentido pensar a Educação numa perspectiva que não valorize o conhecer-se, o cuidar-se e o construir-se. De fato, se o processo educacional assume apenas essa postura, não se torna espaço para resistência, não se torna lugar de o sujeito se pensar a si mesmo. Torna-se apenas lugar de reprodução de saberes e verdades dogmatizadas, espaço de engessamento do indivíduo, sem possibilidade da construção da cultura de si. Execra-se a possibilidade do surgimento de uma estética da existência, impedindo o sujeito de se manifestar como sujeito, de ter acesso a si mesmo e de ser levado a uma transformação. Uma Educação na qual não cabe práticas críticas de si, que não abre espaço para uma transformação da condição de dependência de outrem não pode

se afirmar como libertadora. Dias Neta, trazendo a discussão foucaultiana para pensar a Educação e seus desdobramentos, a partir do Cuidado de Si, reforça essa necessidade de construirmos um processo educacional que passa pela libertação de amarras desse sujeito. Vejamos:

Quando propomos um cuidado de si na educação, a partir de Foucault, estamos nos referindo ao eu dos agentes educacionais, professor e estudantes que se relacionam no processo ensino-aprendizagem; o que não significa um eu cognoscente, antes, sujeitos de ações. Ações essas que cuidam de realizar um retorno sobre si mesmo, a partir de experiências e exercícios, com fins de transformação. (NETA, 2016, p. 94).

Ao dar continuidade a essa abordagem da questão que trata de Foucault e a Educação, numa perspectiva de pensar a Educação como espaço de resistência, na formação do sujeito, acreditamos que seja importante refletirmos sobre alguns pontos: A qual Educação estamos nos referindo? Que tipo de escola estamos oferecendo? Qual o tempo necessário para construir a educação? Como nos relacionamos com o tempo que nos é possibilitado para estar na escola? O nosso objetivo não será oferecer respostas prontas e práticas, pois esse também não se constitui como sendo o papel da filosofia. Mas desejamos levantar algumas pistas, a partir do pensamento de Foucault, para (re)pensar o papel da Escola e como temos feito Educação no Ensino Médio. Posteriormente, iremos discorrer acerca do Ensino de Filosofia na realidade em que vivemos e nas experiências que podemos alcançar, a partir daquilo que Foucault apresenta com essa nova estética da existência – o Cuidado de Si.

É de suma importância questionar-se a respeito de como temos aproveitado o nosso tempo para fazer filosofia em nossas aulas na educação básica – talvez essa seja a nossa primeira provocação. Pensar um pouco mais como andam as nossas escolas, como anda o nosso fazer filosófico em nossas salas de aula. Muito provavelmente isso nos ajudará a repensar as práticas de si que têm acompanhado o nosso dia a dia no processo educativo que realizamos. Isso nos ajudará a tornar o Cuidado de Si não somente uma teoria, mas um exercício, uma prática que se consolida gradualmente na vida do sujeito. Por isso, precisamos compreender que não basta estar na escola para receber uma formação e tornar-se sujeito de si. É preciso que todos nós que fazemos a Escola, que participamos do processo educativo estejamos abertos aos novos modos de pensar e agir, procurando entender que a Educação ofertada no decorrer desse caminho seja muito mais libertadora do que um caminho que atrofia e prende o sujeito, precisando muito mais

emancipar do que aprisionar. É necessária uma nova maneira de se ver na Escola, por parte de professores, de alunos e dos demais agentes que compõem esse processo do fazer, no dia a dia escolar. Mas, sabemos que nós, professores, podemos iniciar esse processo pela via do Cuidado de Si. Podemos tornar as nossas aulas espaço para o cuidado mais atento com as subjetividades, tanto as nossas quanto as dos nossos estudantes. Sabemos da importância de ser sujeitos de nossa própria condição, não apenas “avisando” aos nossos alunos, mas também tendo como uma das nossas bandeiras o esforço das práticas educativas que exercemos, tornando a nossa sala de aula um espaço de resistência.

O Cuidado de Si que Foucault propõe caminha nesse sentido: sair da inércia de apenas receber e acatar, para conhecer e construir. Mas vale lembrar que não é uma grande preocupação de Foucault a construção das estruturas da Escola. Não! Até porque, para ele, a escola, no modo como surgiu e vem funcionando, torna-se, apenas, uma formadora e detentora de subjetividades que não contribuem para a realização do sujeito; um lugar de exercício de poder que não liberta o indivíduo para que ele se torne sujeito de si mesmo. Enfim, a escola é um lugar que, se continuar a funcionar do mesmo modo, não é espaço adequado para a vivência do Cuidado de Si. A preocupação de Foucault, que aqui podemos destacar em relação à Educação, é a de que ela não aprisione o sujeito, mas, ao contrário, seja um caminho de libertação, seja um meio para a percepção de si mesmo, seja a Educação o caminho para o Cuidado de Si mais reto e próximo. Nesse sentido, Alexandre de Freitas retoma essa relação Foucault/ Educação apontando a preocupação dele para que a Educação não se torne mero instrumento de opressão para o sujeito, mas possa ser, mediante o caminho do Cuidado de Si, meio seguro nessa formação das subjetividades. Observemos o que nos traz Freitas, ao abordar essa questão:

A ideia de cuidado de si é retomada, portanto, como uma cifra capaz de renovar o modo de pensar alguns problemas da educação, particularmente os que dizem respeito à constituição de subjetividades. O cuidado de si é apontado como uma potência instituinte imanente à vida, potência ético-política face aos biopoderes que recobrem o *bios* social na atualidade, postulando uma educação experienciada fundamentalmente como prática de liberdade.” (FREITAS, 2010, p. 169).

Ao nos questionarmos sobre a Educação, o tempo de que dispomos para as aulas, o que discutimos e como discutimos a Filosofia em salas de aula, volta sempre a interrogação acerca do tempo curto das nossas aulas de Filosofia. Como sermos resistência, enquadrados numa carga horária tão apertada? Como sermos resistência no

tão pouco tempo de que dispomos? Sabemos que o tempo de 50 minutos – a média da hora aula - ou até mesmo quando temos duas aulas, não tem sido satisfatório. A sensação que temos é a de que cada um vive a sua realidade, o seu “mundo”, na tentativa de cumprir um roteiro e de dar um conteúdo, de cumprir uma meta, embora mergulhados em um imenso cansaço, em um desgaste irreparável. É uma sensação de que o tempo é sempre muito curto para tantas coisas que desejamos realizar. Desse modo, a cada dia sentimos cada vez mais o Ensino de Filosofia, no Ensino Médio, sendo reduzido a uma experiência menos calorosa e mais passageira, reduzida a um caráter muito mais propedêutico para o ajuntamento de conteúdo, em vista de um exame para ingresso no ensino superior. É como se fôssemos lançados em um sistema que não abre espaço para diálogo de transformação, mas que nos obriga à repetição constante, contínua.

Para ser resistência nesse ambiente hostil à formação do sujeito livre e autônomo, precisamos enxergar o contrário no processo de Educação. Na verdade, precisamos encontrar as “brechas” que são possíveis para construir o contrário daquilo que nos é proposto fazer. É necessário sairmos da zona de conforto e nos aventurarmos em um novo olhar educativo, fazendo algo a mais, caminhando na contramão daquilo que as estruturas vigentes oferecem, percebendo e despertando o potencial de cada aluno. Isso não é para ser algo mais, mas, para perceber o que já se é; não é para fazer algo, mas, para construir-se a si mesmo, a partir do que já se tem. O processo educacional deve ser esse lugar-espaço de abertura para que possam aparecer as subjetividades, possam se nutrir as formas diferentes de relacionar-se com o pensar e o fazer de si mesmo, pois o Cuidado de Si passa totalmente por essa estrada, entrecruzando-se com essa possibilidade do confronto com o mundo e consigo mesmo. Por isso, a Educação é justamente esse espaço mais adequado para o fazer-se. Assemelhando-se ao modo de pensar de Foucault, Dias Neta faz uma denúncia acerca dessa Educação que não respeita o sujeito e a sua liberdade, que não leva em consideração a subjetividade que deve ser construída na liberdade do pensar, mas que tem sido formatada na opressão, por meio de práticas pedagógicas que só contribuem para minimizar a existência do sujeito. Assim, concordamos com Dias Neta, quando afirma:

O processo ensino-aprendizagem é uma via de mão dupla, onde o professor não apenas ensina, como também aprende quando ensina, e o estudante não apenas aprende, mas também pode participar do processo ensinando. No entanto, não é fácil identificarmos na prática pedagógica onde isso seja levado a cabo constantemente. Percebemos uma educação ainda que se pretende formadora de conceitos e de

subjetividades, partindo de princípios sobre o homem e a sociedade, fazendo muitas vezes, multiplicar os fascismos e os dogmatismos, bem como as práticas de sujeição. Ou seja, exercendo a potência política e social sobre os sujeitos. (DIAS NETA, 2016, p. 97-98).

É preciso ser resistência para superar os dogmatismos ainda muito fortes nos processos educacionais do nosso país, nas políticas de educação básica, naquilo que os governos têm introduzido a contragosto dos educadores que não compactuam com um sujeito aprisionado. Por essa razão, precisamos superar esse modo de pensar e agir do fazer educacional do nosso país, pois, é como se os nossos alunos fossem adestrados para fazer provas, responder às questões, quando nem mesmo se perguntam o que farão com esse conhecimento que têm adquirido. Não lhes perguntamos para que servirá o que estão estudando, como irão aplicar as ciências, a matemática, a filosofia: o que exigimos deles é que sejam produtivos na aplicação dos conteúdos, que obtenham bons resultados nas provas semestrais, simulados, ENEM, vestibulares, seleções e concursos. Importa bem menos a prática do conhecimento adquirido ou produzido e muito mais a produção do conhecimento. Dessa forma, vamos nos distanciando desse modo de viver que gera a responsabilidade de cuidar-se cada vez mais, de perceber a vida além das paredes da sala de aula, de perceber-se sujeito de relações, de notar que é preciso andar além dos corredores da escola, e de resolver problemas além daqueles que os professores mostram na lousa e nos livros. Esse cuidado que fortalece um governar-se a si mesmo, esse cuidado que passa pelo conhecer-se e pelo conhecimento do mundo à sua volta é o que leva o sujeito a viver uma relação de autonomia consigo mesmo e com o outro.

Assim, não podemos destituir o sentido do fazer filosófico, não podemos deixar as nossas escolas se transformarem em locais inférteis. Mas, pelo contrário, a filosofia é esse instrumento que pode contribuir para uma escola que se pensa por si mesma. Na verdade, é nessa escola que encontraremos sujeitos que pensam por si mesmos e se conhecem a si mesmos, desde os seus ditos problemas, até os seus melhores acertos em relação a si mesmos, pois, são sujeitos ocupados consigo, no exercício do fazer-se a si mesmo. Enfim, uma escola que não seja apenas um aglomerado de pessoas, mecanicamente trabalhando no mesmo espaço e ocupando-se de normas e feitos externos, mas, um fazer coletivo de individualidades únicas e irrepetíveis. Por isso, Foucault nos lembra a importância do ocupar-se consigo mesmo, ao afirmar: “ocupar-se consigo mesmo será ocupar-se consigo enquanto se é “sujeito de”, em certas situações, tais como sujeito de ação instrumental, sujeito de relações com o outro, sujeito de comportamentos

e de atitudes em geral, sujeito também da relação consigo mesmo.” (FOUCAULT, 2014, p. 53). A escola formada por esse sujeito torna-se um verdadeiro espaço de resistência a todo tipo de opressão, de prisão e de violência.

Sabemos que o tempo de que dispomos para construir essa Educação que liberta o sujeito das visões externas, inclusive, das amarras que foram formadas na sua subjetividade não é o ideal, pois cuidar de si requer vagar, requer ruminação de ideias e debates mais aprofundados, requer conversas demoradas, sem a famigerada pressa das sinetas ou das sirenes escolares. Esse processo requer construção e desconstrução de opiniões, requer diálogo com o outro e consigo mesmo. Sabemos que esse tempo não garante muitas possibilidades para vivenciar/experienciar o Ensino de Filosofia, uma vez que não é possível pensar a filosofia sem gastar tempo. Por isso, podemos dizer que o tempo da Escola é um outro tempo, o que poderíamos chamar de *otium* filosófico, que deveria ser bem mais livre, disponível para que o sujeito pudesse viver as práticas críticas de si, para que professores e alunos pudessem mergulhar na arte do encontro de si mesmos, o tempo para o *otium*, para o pensar e, diríamos, para pensar-se, para cuidar-se. Mas, não podemos negar que todos nós estamos mergulhados no tempo que nos é imposto pela organização do currículo – BNCC (Base Nacional Comum curricular), pela direção da escola, pelo que pede o sistema escolar como um todo, para viver essa experiência, nas datas para as entregas de notas. Por isso, não podemos ser engolidos pelo cronômetro, não podemos ser vencidos e castrados por ele, não podemos perder o sentido do fazer e do fazer-se. Desse modo, entendemos que a Escola se torna espaço de resistência, quando aproveitamos o tempo que nos é proposto para fugirmos à regra, para lermos os sinais presentes e para nos contrapormos a toda violência que sufoca o sujeito e a possibilidade de sua existência autêntica. Assim, concordamos com Flávio de Carvalho, ao abordar essa discussão e afirmar, com veemência e clareza, que a experiência educacional não pode ser transformada ou reduzida ao exercício de dedução, mas, ao contrário, a Escola precisa cada vez mais tornar-se o espaço da imaginação e da criação, espaço que margeia o fazer-se do sujeito. A experiência educacional, na concepção de Flávio de Carvalho, é ponte que liga o sujeito a si mesmo, é morada que abriga a liberdade do sujeito. Por isso, observemos o que afirma Carvalho, ao abordar a Educação e o Cuidado de Si em Foucault, tendo em vista uma estética da existência:

A experiência educacional não se reduz ao exercício da dedução, a escola deve ser o espaço para a indução, para a imaginação, para o

surrealismo, e mais ainda para a criação, lugar em que se pode trabalhar com questões abertas, com códigos equívocos e equações não resolvidas, local em que a imaginação ocupe status epistemológico e pedagógico análogo ao da razão. (CARVALHO, 2020, p. 208).

A escola não é o espaço das coisas resolvidas, das soluções prontas e acabadas. Não podemos oferecer aos nossos estudantes as questões já solucionadas. É preciso que eles pensem por si mesmos, é preciso que eles se deparem com algumas aporias de cunho vivencial, que a sua imaginação enverede por estradas que nós, os professores, ainda não trilhamos. A Educação e, por conseguinte, a Escola, vai ganhando novo sentido, afastando-se daquele rosto que apenas formatava subjetividades – a partir de interesses e relações de poder – e, aproximando-se de um lugar-espço que possibilita o construir-se, o conhecer-se, o cuidar-se autêntico, donde brota uma nova estética da existência, isto é, uma maneira diferente de relacionar-se consigo mesmo. Por isso, é preciso aprender a viver outras dimensões da Escola. Dessa forma, ainda que mergulhados no fluxo torrencial do cronos, do tempo corrido de cada dia, dos horários e das atividades, necessitamos fazer a Educação a partir do olhar que possa escapar de tudo isso. Em outros termos, podemos dizer que precisamos aproveitar a oportunidade, precisamos viver cada momento com sabedoria, com vivacidade. O tempo do *kairós* – o tempo da oportunidade do fazer, do resistir, do olhar para si como sendo sujeito de si mesmo –, deve ser enxertado na vida cotidiana para que cada segundo ganhe vida, para que o Cuidado de Si não seja uma espera constate do/no amanhã que o cronos nos promete, pois esse Cuidado de Si, deve ser uma constante presença (ontologia do presente). Mesmo não dispendo de todas as condições para a realização de um processo educativo que possa ser satisfatório, do ponto de vista de tempo (de espaços e materiais), precisamos ser capazes de inovação com aquilo de que dispomos. Precisamos filosofar nos minutos que nos restam, lançar ideias, lançar questionamentos, semear dúvidas, questionar verdades que são plantadas na cabeça e no coração dos alunos como sendo naturalizadas.

Nesse sentido, precisamos de uma outra maneira de intervir na Escola. Precisamos entender que o tempo cronológico, mesmo com a sua agudeza destruidora, não poderá vencer, se formos capazes de viver a intensidade da experiência educativa. Por isso, ainda, poderíamos afirmar que o *aión* dos gregos antigos ou a *ontologia do presente* sugerida por Foucault seria a maneira mais adequada de viver esse Cuidado de Si na experiência educativa, nas práticas que exercemos nas nossas salas de aula, o que passa, necessariamente, por experimentar outra maneira de nos relacionarmos com o

tempo e com o conhecimento, ou seja, outra maneira de enxergarmos o mundo a partir de outras perspectivas, não, simplesmente, como mercadoria, escambo ou produto, mas, como fonte de vida, como caminho de existência. Assim como a criança que, ao usar os seus brinquedos vive intensamente cada segundo de suas brincadeiras, sem preocupar-se exacerbadamente com o que aconteceu antes e com o que virá a acontecer, precisamos, nas nossas aulas de filosofia, aprender a viver esse *aión* (para os Antigos), essa *ontologia do presente* (para Foucault), ou seja, esse tempo, com intensidade. Não queremos dizer com irresponsabilidade desmedida, mas, ao contrário, com tamanha responsabilidade que seremos capazes de cuidar de nós mesmos, dos nossos desejos e afetos, dos nossos descontentamentos, das nossas tristezas e angústias. Esse tempo nos abre a possibilidade de nos construirmos verdadeiramente como sujeitos da Escola, do ensino, da educação filosófica. Ao abordarmos essa postura em relação à Escola, gostaríamos de retomar o pensamento de Flávio de Carvalho, quando nos questiona: “Por que a vida não é assumida como uma obra de arte? Por que a educação costuma enfatizar mais a razão do que a imaginação? Em que medida o cuidado de si se constitui como proposta de uma ética? (CARVALHO, 2020, p. 191). Tais questionamentos nos levam a pensar sobre a importância de uma Educação que se apresente mais resistente às formas de opressão, uma Educação que tenha mais ligação com a vida, com o fazer do sujeito, que leve a sério o Cuidado de Si como caminho de e para a realização desse sujeito.

Quantas vezes esvaziamos o sentido do Ensino de Filosofia, comprometendo-nos muito mais com o “alimentar o sistema” do que com o processo de cuidar de si. É muito importante pararmos para pensar nesses questionamentos, buscando uma mudança de atitude face àquilo com que nos deparamos diante dos processos educacionais que temos desenvolvido em nossas salas de aula. É urgente dar sabor e sentir o sabor do que estamos fazendo para podermos escapar desse tempo que esvazia as possibilidades do construir-se. A Educação, nesse sentido, pode ser entendida como exercício do pensamento que transforma gradativamente a vida, por meio de um processo constante a que chamamos de Cuidado de Si, por meio de exercícios conscientes que o sujeito assume na vida, aos quais chamamos de Práticas Críticas de Si, na Escola, no dia a dia, o que nos leva a viver uma verdadeira Estética da Existência. Podemos afirmar que um professor-filósofo ou um filósofo-professor traduz em expressão de vida aquilo em que acredita, situando e oferecendo uma nova pedagogia

educacional para ser observada, não, simplesmente, a partir de estudos e leituras, mas a partir de sua própria experiência de vida e da concretude de suas aulas.

4 PROPOSIÇÃO DIDÁTICA: O PROJETO “FILOSOFIA DE QUINTA” E A ESCRITA COMO CAMINHO DO CUIDADO DE SI

“Será preciso ocupar-se consigo durante toda a vida.”
(FOUCAULT, 2014).

4.1 O que é o Projeto?

O projeto de intervenção “*Filosofia de quinta*” é uma proposta para o ensino-aprendizagem da Filosofia, o qual visa a trabalhar com turmas de Ensino Médio, com alunos que estão concluindo mais uma etapa de suas vidas. Com esse projeto, pretendemos aproximar esses estudantes de si mesmos, partindo de exercícios práticos, na verdade, de uma série de 05 encontros orientados pelo professor/mediador. Esses exercícios deverão ser realizados seguindo alguns passos que descreveremos a seguir, obedecendo a um roteiro próprio. Esses encontros terão como base a categoria do Cuidado de Si de Michel Foucault, para que os estudantes possam também perceber-se responsáveis pelo cuidado de si mesmos, responsáveis pelo tornar-se sujeitos de si mesmos. Por isso, a cada encontro serão propostos caminhos para que, por meio de atividades orais e escritas, os estudantes possam vivenciar uma prática crítica de si, possam experimentar esse adentrar no Cuidado de Si, que não se esgota nessas atividades, mas têm a possibilidade de dar início a um acontecer, a um despertar. Assim, a escrita de si é caminho para o Cuidado de si, é uma atividade do Cuidado de Si que Foucault propõe e que estamos também propondo ao realizar o projeto “*Filosofia de quinta*”.

Não é muito raro constatarmos na nossa prática de professores que quem está de fora do processo educativo enxerga a Filosofia como uma disciplina pouco importante. Muitas vezes, os nossos próprios alunos sentem dificuldades de compreender a necessidade desse espaço de parar para pensar em si mesmos e na própria realidade, a necessidade desse *otium* vital, desse lugar das perguntas que precisam ser feitas. Nesse sentido, a Filosofia pode colaborar diretamente com o indivíduo que quer tornar-se sujeito de si mesmo. Por outro lado, vemos, ainda, por parte daqueles que nos governam, uma desvalorização tremenda, e, na verdade, um desejo expresso de retirar a Filosofia do Ensino Médio – o que foi uma árdua conquista de tantos que bravamente lutaram durante décadas para esse retorno da Filosofia (Ensino de Filosofia) ao currículo. Por isso, o nome que escolhemos para o nosso projeto significa uma provocação para pensarmos sobre a colocação da Filosofia na ordem das prioridades, como é considerada por muitos

estudiosos, sobre o próprio Ensino, sobre a questão da Educação nas escolas e, de modo mais genérico, em nosso país. O nome do nosso projeto deseja ser também protesto e resistência contra as violências cometidas contra a Filosofia em nosso país.

Por entendermos que a aula de Filosofia é um espaço adequado para momentos de reflexão, de tomada de decisões, inclusive, sobre os passos das etapas seguintes da vida dos estudantes, como de suas ações, é possível afirmarmos, com fundamento em Fischer (2003, p. 371), a respeito da atitude filosófica, que ela deve colaborar com a mudança de paradigmas, isto é, com o entendimento da linguagem e do discurso como lugares de lutas permanentes; o tratamento dos fatos como “raridades” e não como obviedades, pois a atitude de dúvida e de abertura é sempre importante nos passos a serem dados no trilhar filosófico. Na compreensão foucaultiana, o trabalho ou o papel do pensador, por conseguinte, do professor, é o ofício daquele que investe em pensar diferentemente do que se pensa no lugar comum, na verdade, em perceber-se diferentemente do que os outros afirmam. Por isso, todo o nosso referencial teórico foi pensado a partir dessa categoria do Cuidado de Si, do filosófico Michel Foucault, pois também entendemos que as aulas de Filosofia nos levam a questionar as práticas da sociedade, muitos de seus comportamentos e as verdades por ela impostas. Mas, além disso, essas aulas devem afetar, sobretudo, a cada um de nós, professores e alunos, porque não passamos ilesos quando entramos na órbita do pensar, quando esse pensar se torna, não simplesmente um conjunto de ideias externas a nós mesmos, mas, *uma cultura de si*²⁹, isto é, quando nos atinge de tal maneira que somos levados a fazer do pensamento uma prática crítica de si, um exercício que transforma aquilo sobre o que foi refletido, pensado, quando pensar e fazer já se confundem. Dessa forma, esses exercícios ou práticas, segundo Foucault e com base nas nossas experiências de sala de aula, ganham vida na nossa própria vida. Então, se isso acontece, fugimos da servidão, fugimos de amarras que prendem nossa prática de ensino, escapamos dos grilhões que tantas vezes impedem que o possuir-se a si mesmo se realize nas coisas simples do dia a dia³⁰.

²⁹Como nos recorda Foucault, a esse respeito: “[...] Pode-se caracterizar brevemente essa “cultura de si” pelo fato de que a arte da existência – a *techné tou biou* sob as diferentes formas – nela se encontra dominada pelo princípio segundo o qual é preciso “ter cuidado consigo”; é esse princípio do cuidado de si que fundamenta a sua necessidade, comanda o seu desenvolvimento e organiza a sua prática.” (FOUCAULT, 2014, p. 57).

³⁰ Nesse sentido, concordamos com Goergen, quando afirma: A pior das servidões da qual devemos fugir é a submissão do si ao que lhe é imposto de fora. Precisamos alcançar um recuo, um distanciamento, uma libertação que nos permita não tirar os olhos de nós mesmos nem do mundo ao qual pertencemos, mas que nos faculte alcançar regiões mais altas de onde possamos, de alguma forma, descerrar os segredos do todo e colocar sob suspeita os falsos valores, o comércio no qual estamos enredados. Isso nos serve não

Desde o início do nosso trabalho de pesquisa, insistimos que a descoberta de si e o Cuidado de Si são fundamentais para o viver autêntico, para um construir-se a si mesmo, para um sair da égide de opiniões rasas e imprecisas de outrem e, dessa forma, mergulhar em si mesmo para afirmar-se como sujeito de sua própria conduta, uma vez que “[...] a exposição do sujeito às influências externas, carregadas de interesses estranhos ao humano, faz dele um ser instrumentalizado e objetalizado, alienado de si mesmo. O ser humano pouco se ocupa de si nem se preocupa consigo [...]” (GOERGEN, 2016, p. 161). Por essa razão, o projeto “*Filosofia de quinta*” surge a partir dessa relação da sala de aula com as categorias foucaultianas, surge, exatamente, da observação das necessidades que os nossos estudantes apresentam no seu dia a dia na escola e, até mesmo fora dela. Para que o Cuidado de Si se torne realidade ético-existencial na vida desses estudantes, esse projeto propõe, a partir de exercícios práticos, esse convite do mergulho em si mesmo, sem fugir da realidade, com o objetivo de levar a um aprofundamento no conhecimento e na escrita de Si, a partir dos elementos próprios da realidade escolar e do cotidiano do aluno. Por isso, utilizaremos atividades que podemos chamar de “comuns”, uma vez que o que precisa diferenciá-las é o “como” enxergamos, o “como” realizamos tais atividades e, o “como” nos enxergamos diante delas. Portanto, é preciso que se desperte para o cuidado de si mesmo, saindo da condição de mero espectador do mundo e de si mesmo, e assumindo a tarefa de responsável por si mesmo, por conseguinte, pelo outro. Assim, podemos afirmar que o principal objetivo do nosso projeto é fazer com que os estudantes, envolvidos em atividades que tratem do Cuidado de Si, do conhecimento de si, da escrita de si, possam voltar-se para si mesmos, possam atentar para a prática do Cuidado de Si em seu fazer-se como sujeitos de si mesmos durante o seu processo educacional escolar e durante toda a sua vida.

O “*Filosofia de quinta*” surgiu a partir de outras experiências pedagógicas exitosas que propomos e aplicamos com turmas anteriores, de experiências que foram acumuladas ao longo dos anos em sala de aula. É resultado de observação do tratamento que é dirigido à Filosofia, ou mesmo, da pouca atenção que a Filosofia recebe por parte até mesmo de alguns professores e alunos. Nesse contexto, sempre sentimos a necessidade de uma experiência mais próxima da Filosofia, com atividades que a trouxessem mais para perto da realidade dos estudantes. Por isso, nas nossas aulas, já

para nos distanciarmos do mundo, mas para chegarmos a nós mesmos em meio às condições que nos são dadas enquanto seres sociais. (GOERGEN, 2016, p. 161).

existia uma experiência de trabalho nesse sentido de participação mais efetiva dos estudantes, em uma tentativa de alerta para a fala deles, com momentos de fala e de escrita, de socialização daquilo que foi entendido por parte dos estudantes e, muito mais importante, com momentos de questionar o que foi dito pelo professor e trazido em forma de conteúdo. Sempre priorizamos, nas nossas aulas, a criação de espaços para que os estudantes pudessem dizer aquilo que tinham vontade, falar sobre suas dúvidas ou curiosidades. Por essa razão, o projeto “*Filosofia de quinta*” sofre, agora, alterações com o embasamento teórico foucaultiano, ganhando mais corpo e aperfeiçoamento, mas deixamos claro que, em princípio, já existiam as suas bases, já existia, inclusive, com esse nome que sempre causou concordâncias e discordâncias entre colegas professores e até mesmo entre coordenação e direção escolar, por onde passamos.

Propor aos nossos estudantes uma participação neste projeto é desafiador, pois, pelo nome, pode-se denotar algo diferente do que realmente desejamos: “*Filosofia de quinta*” pode ser associado à ideia de algo de *quinta categoria*³¹. Pensar em coisas de “*quinta*” sempre nos remete a não quereremos nos empolgar ou mesmo dar crédito, valor a um projeto. Quem vai querer se ocupar com algo de tal natureza? Quem manifestará interesse por um projeto dessa ordem? Quando algo é de 5 estrelas, por exemplo, significa que é de muito boa qualidade, significa que é muito bom; quer dizer que a qualidade é de excelência e todos desejam, ou ao menos é o que se pensa. Todos desejam consumir produtos de 5 estrelas, por exemplo, hospedar-se em um hotel de 5 estrelas. O inverso acontece quando algo é denominado de *quinta*, o que significa que não desperta interesse. É como se não prestasse para nada, não tivesse valor algum; como se não ocupasse espaço na vida das pessoas. Mas nem tudo o que é de *quinta* pode ser considerado sem importância.

Como o papel do filósofo também passa pelo caminho do espantar-se, do enxergar o mundo por prismas diferentes, por encarar os fatos como raridades e, não como obviedades, decidimos manter nosso projeto com o mesmo nome, acrescentando novos formatos. Pensar em uma “*Filosofia de quinta*”, portanto, deve provocar o nosso público, os nossos estudantes, e até mesmo inquietar os nossos colegas professores. O nome do projeto sempre nos remete para um caminho que objetivamos alcançar durante o seu

³¹ No Brasil quando dizemos que algo é de quinta categoria estamos nos referindo ao fato de que a coisa descrita é de péssima qualidade. Assim, podemos dizer que um hotel, uma televisão, um programa de TV, um computador, etc são de quinta categoria quando forem realmente péssimos. Além da expressão de quinta categoria podemos ainda descrever as coisas de má qualidade como chinfrim, vagabundo, furreca, mequetrefe, xixelento, mixuruca, entre outras.

percurso, razão pela qual a escolha desse nome foi proposital, com a intenção de causar alguma reação no leitor: curiosidade, espanto, riso, críticas, comentários, ou mesmo rejeição, também para fazer pensar e causar algum interesse nos alunos e nos colegas professores. Mas, como “não dá para conhecer o livro apenas pela capa”, é preciso dar passos para poder compreender melhor o “*Filosofia de quinta*”, para compreender também essa proposta que lançamos para o Ensino de Filosofia, no Ensino Médio. Isso não se justifica porque ele não tenha nenhuma importância, mas, justamente, para que vejamos a importância da filosofia e, sobretudo, em tempos atuais, a necessidade e a importância do Cuidado de Si, a necessidade da vigilância sobre o fazer-se sujeito, quando se vive em tempos de apagamento dele e quando os números são mais interessantes e desajados do que o desejo de cada um.

Por isso, com o projeto “*Filosofia de quinta*” queremos colaborar para que os nossos estudantes estejam mais atentos à sua própria vida, para a condição do cuidado de si mesmo, para o conhecer-se que levará ao cuidado, para o libertar-se das opiniões que violentam a liberdade do construir-se a si mesmo, uma vez que o conhecimento e o Cuidado de Si passam por essas estradas de desconstrução de verdades dogmatizadas e impostas por outrem, principalmente, pelo cuidado consigo mesmo, pelo experimentar a sua vida, pelo saborear suas próprias histórias, pelo desvelar de si mesmo e pelo contemplar de suas possibilidades. O Projeto “*Filosofia de quinta*” deseja ajudar na descoberta de si, no conhecimento de si, por conseguinte, no Cuidado de Si, na nossa prática pedagógica com os nossos estudantes, na nossa vivência como professores e estudantes de Filosofia do Ensino Médio. Lembramos que essa proposta foi pensada para acontecer em 05 (cinco) encontros, preferencialmente, em um encontro por semana, com duração de 2hs aula cada encontro. Nos próximos passos, descreveremos mais detalhadamente todo o projeto.

4.1.1 Público Alvo do Projeto

A nossa proposta de intervenção foi pensada para ser vivenciada com alunos das turmas do Ensino Médio, na disciplina de filosofia. Neste caso específico, propomos aplicar na E.E.E.F.M Desembargador Arthur Virgínio de Moura, no Município de Matinhas/PB. Pensamos em trabalhar com este público por ser um período importante de passagem de etapa na vida desses estudantes, pois, a partir dos anos seguintes, estarão provavelmente na Universidade, em cursos técnicos, ou mesmo inseridos no mercado de trabalho, dependendo dos objetivos e possibilidades que cada um tem em mente e,

também daquilo que as condições deste nosso tempo possibilitarem para esses estudantes. Podemos afirmar que o nosso público-alvo compreende estudantes de faixa etária entre 15 a 23 anos de idade. São jovens oriundos de famílias que, em sua grande maioria, trabalham na agricultura de subsistência, pessoas que não têm boas condições financeiras. São adolescentes e jovens que enfrentam dificuldades até mesmo em relação ao acesso à Internet em suas casas, por habitarem na zona rural do município.

Quanto ao número de alunos, não são turmas numerosas, pois Matinhas é um município pequeno – cerca de 5 mil habitantes - e tem duas escolas públicas que ofertam o Ensino Médio em turnos diferentes, o que permite maior número de vagas para os estudantes. Por isso, sabemos da viabilidade de aplicação do projeto, da possibilidade do acompanhamento de cada etapa, do aproveitamento de suas fases, uma vez que objetivamos acompanhar (escutar) a experiência que cada um traz, para ser apresentada aos colegas e ao professor. Queremos ouvir cada um dos seus relatos, suas histórias de vida: alegrias e tristezas, inquietações filosófico-existenciais, suas perguntas – às vezes desconcertantes –, para as quais nem sempre temos respostas imediatas. Mas, podemos criar os espaços para reflexões e outras inquietações, os quais ajudarão na descoberta e no Cuidado de Si. De certa maneira, vamos acompanhar o itinerário que cada um deseja seguir, pois, nessa proposta – “*Filosofia de quinta*” – não estamos interessados apenas em quantitativos numéricos aos quais a intervenção possa ser aplicada, mas, em sujeitos que ela possa atingir, em vidas que ela possa alcançar. Neste ponto, ressaltamos que as práticas ou exercícios filosóficos são necessários para trazer transformações reais para a vida dos estudantes. Por isso, este projeto pode ser aplicado em uma ou mais turmas, em uma ou mais séries ao mesmo tempo. A exigência que se deve observar é a do acompanhamento das suas etapas com bastante atenção, para que cada aluno possa se sentir verdadeiramente integrante deste fazer-se.

Como dissemos, esse projeto foi pensado para ser executado com estudantes de quaisquer instituições de Ensino Médio³². Por isso, devemos ressaltar que os nossos estudantes são recebedores de grande atenção e dos nossos esforços, e que, no “*Filosofia de quinta*” que ora apresentamos, são alvos dos nossos trabalhos de pesquisa e aprimoramento da vida acadêmica, pois, através desse movimento, visamos a trazer maiores contribuições para a nossa prática de sala de aula. O nosso público-alvo não poderia ser outro, senão cada adolescente e jovem, sendo a nossa colaboração no sentido

³² Desejamos realizar com tais estudantes a nossa intervenção ou Proposição didática, num contexto pós-pandêmico, como constará em explicação em anexo.

de fazê-los se perceberem sujeitos da própria mudança, sujeitos de suas próprias vidas, conscientes de que a Filosofia leva a enxergar a vida de um outro modo, contribuindo, assim, para que os alunos se tornem capazes de tomar decisões que fogem das obviedades e das aparências. Aqueles que estimamos e com os quais buscamos colaborar na descoberta e no Cuidado de Si, nessas jornadas filosóficas que o projeto “*Filosofia de quinta*” propõe, compreendem que isso se dá por meio de um processo gradativo. Assim, esse projeto se torna motivador, no sentido de envolver a nossa própria vida com a Filosofia, pois somente quem cuida de si, quem faz o exercício da *psicagogia*, quem cuida da própria experiência do filosofar, do exercitar-se, do zelar pela atitude do estar consigo mesmo é capaz de dirigir-se adequadamente pelos caminhos da vida. Nesse sentido, os nossos alunos despertam também para a necessidade de viver não apenas a pedagogia e os exercícios pedagógicos, mas para contribuir para que vivamos um verdadeiro exercício *psicagógico*, isto é, um mergulho profundo e verdadeiro nas atitudes, no fazer-se educativo. Os nossos alunos são movedores deste projeto para o Ensino de Filosofia, são alvos da nossa atenção e da aplicação do “*Filosofia de quinta*”; eles são o nosso público alvo. O projeto “*Filosofia de quinta*” os olha com alegria e entusiasmo, tem-nos como parceiros e alvo dessa caminhada de descobertas e crescimento no Ensino de Filosofia. Eles, de fato, são alvos dos olhares e da atenção deste projeto, no percurso que desejamos fazer em busca do conhecimento de si e, sobretudo, na vivência do Cuidado de Si, à luz de um olhar foucaultiano. Na verdade, toda a vida escolar torna-se alvo do projeto, pois ela é vista como lugar privilegiado para o Cuidado de Si.

4.2 Passos do Projeto

O projeto está previsto para ocorrer especificamente em cinco momentos. Cada momento deverá ocorrer em datas específicas – pré-agendadas – e com sugestão de tempo de 2 horas/aula de duração. O primeiro e o último momento estão destinados à abertura e ao seu encerramento. Nesse sentido, o nosso intuito é colaborar com os estudantes no tocante ao Cuidado de Si, na sua vida prática, a partir de discussões, atividades, experiências que levem à escrita de si, ao encontro consigo mesmo, que envolvam a participação de todos em cada momento do encontro, trazendo à baila a importância do cuidado com a própria vida, a partir das contribuições dos pensadores que deverão ser abordados durante tais encontros, a exemplo de Sócrates, Santo Agostinho, Stirner, Nietzsche, Foucault, relacionando-os com a vida atual e trazendo a discussão para o âmbito do conhecimento e do Cuidado de Si. Dessa forma, ele estará colaborando para

que o espaço da sala de aula se torne mais propício para um fazer educativo de caráter *psicagógico*. Nesse itinerário do “*Filosofia de quinta*”, o professor/mediador apresentará os objetivos do projeto, o que deve ficar claro já no primeiro contato, isto é, no primeiro encontro, procurando estimular a participação estudantil e, ao final, avaliar as experiências realizadas, com vistas a verificar o aproveitamento das turmas, os pontos positivos e os pontos a serem melhorados em futuras edições dessa iniciativa.

Como dissemos, anteriormente, o projeto está organizado em cinco encontros, devendo acontecer, no primeiro encontro, a acolhida dos estudantes no local, seja uma sala, um auditório ou um teatro, devendo acontecer também a apresentação dos objetivos do projeto, o roteiro de trabalho para aquele dia, os passos que serão dados em direção ao caminho do Cuidado de Si foucaultiano que ele pretende atingir. Ressaltamos, ainda, que, nesse primeiro encontro, trazemos a “figura” de Sócrates e alguns aspectos da filosofia a ele atribuída, pois entendemos que, nesse primeiro momento, podem auxiliar no nosso itinerário metodológico. Podemos relacionar os conceitos socráticos à vida presente e às escolhas que precisamos fazer a cada instante, podemos fazer as perguntas socráticas (ironia e maiêutica), haja vista que elas permanecem atuais no âmbito da Educação e da vida cotidiana, provocando, desse modo, a discussão a respeito da importância do diálogo no dia a dia dos estudantes, a partir do que conhecemos no cotidiano da escola e das experiências trazidas das nossas realidades.

Os encontros de 02 a 04 (três no total) trazem exercícios adaptados e específicos à ideia da escrita de si, sabendo que esse também é um caminho seguro para se chegar ao Cuidado de Si. Nesses encontros, objetivamos exercícios que possam colaborar com os estudantes para despertar o Cuidado de Si. Nesse primeiro momento, queremos apenas fazer o encaminhamento de cada encontro, fazendo, posteriormente, o detalhamento de cada um deles. Assim, no segundo encontro, a proposta é tratar com os nossos estudantes sobre as experiências edificantes de encontros e desencontros, o que poderá levá-los a realizar atividades práticas ou exercícios de escrita de si. Por isso, dentre as atividades, vamos solicitar aos nossos alunos que descrevam algumas experiências de encontros e desencontros que somaram na construção da vida de cada um, bem como vamos organizar um debate que discuta a desvalorização do indivíduo em detrimento do coletivo, nos dias atuais. Como sugestão para o embasamento teórico, deixaremos alguns trechos das obras do filósofo Santo Agostinho para auxiliar nas atividades, seja em grupo, seja individuais.

No terceiro encontro, continuaremos com o mesmo intuito de trabalhar essa relação do conhecimento de si, da aceitação de si mesmo, não como os outros determinam, mas

como pode se conceber a si mesmo. Aqui serão abordadas atividades da escrita de si, através de alguns exercícios, objetivando o despertar para o verdadeiro Cuidado de Si que Foucault propõe como caminho de vida, como saída da violência imposta pelos sistemas vigentes. Desejamos trabalhar com os nossos estudantes um tema bem atual, que é a *inclusão*. A partir dessa temática, conversaremos com os alunos a respeito de situações de exclusão que, possivelmente, têm acontecido, na escola, em casa, na rua, com os colegas. Iremos organizar um roteiro para debates com os nossos estudantes, trazendo trechos da obra “O único e a sua propriedade”, do filósofo Max Stirner para colaborar com o roteiro do debate.

Chegando ao quarto encontro, já estaremos praticamente nos encaminhando para o término dos temas tratados no nosso projeto. Por isso, neste quarto encontro, apresentaremos como atividade concreta a montagem de uma “feira filosófica” com os alunos. Dessa forma, com o apoio de trechos de obras do filósofo F. Nietzsche, trataremos da importância do cuidado consigo mesmo e da transitoriedade da vida, para que possamos realizar as atividades propostas e, dessa maneira, dar passos em direção ao Cuidado de Si.

No quinto encontro, finalizaremos o nosso projeto com as considerações e também com as últimas avaliações, observando e registrando o que, de fato, foi positivo para esses momentos, e o que pode ser aprimorado, em outras experiências. Neste quinto encontro, decidimos concluir contando, também, com o filósofo Michel Foucault. Por isso, os nossos estudantes responderão a uma entrevista, de cunho pessoal, com elementos do Cuidado de Si, conforme detalhamento, a seguir, de cada um dos encontros previstos. Traremos um plano de atividades para uso do tempo, na forma de um passo-a-passo, uma lista de possíveis recursos a serem utilizados e uma sugestão de avaliação, com vistas aos resultados esperados.

4.3 Roteiro didático-metodológico

4.3.1 Encontro 01: Apresentação e orientações:

Ao iniciar o nosso projeto “*Filosofia de quinta*” queremos caminhar com os nossos alunos pela experiência do fazer-se, do construir-se, do libertar-se das violências que destroem o sujeito na sua autonomia. Ao iniciar esses encontros, gostaríamos de propor esse caminho que só poderá ser feito a partir de si mesmo, com a disposição de voltar-se para si mesmo. Nele, o professor/mediador caminha junto com os estudantes,

assistindo-os neste itinerário, sem se negar a usar a coragem da verdade – *parrhesía* -, sem se negar ao franco falar nos momentos em que ele for necessário. Por essa razão, por meio de exercícios assistidos de escrita de si, mediados pelo professor, daremos passos rumo ao Cuidado de Si, pois o objetivo deste projeto é fazer com que os estudantes e professores se voltem mais para si mesmos. Mesmo não apresentando duração tão longa, deve ter uma forte intensidade, no sentido de despertar os indivíduos envolvidos nele, para que, mediante atividades ligadas à escrita de si, propostas por Foucault, possam voltar-se para si, possam adentrar nesse caminho do fazer-se. Por isso, em cada encontro, haverá uma proposta de atividade, um roteiro a ser seguido, um passo a ser dado, uma vez que não é possível atingir o Cuidado de Si de uma só vez. Na verdade, o Cuidado de Si não é atingido nunca de maneira plena, como nos lembra Foucault em seus escritos, mas, são necessários esses exercícios que nos aproximam desse caminho. São necessários movimentos que sejam realizados de nossa parte, para que nos sintamos mais próximos de nós mesmos. Por essa razão, já no primeiro encontro, trouxemos a figura de Sócrates para, junto com os estudantes, pensarmos e exercitarmos um pouco mais sobre o fazer-se a si mesmo. Esse deve ser um movimento para fazermos a cada dia. De modo especial, Sócrates, ajuda a enxergar essa necessidade, pois questionou as estruturas vigentes, ajudou a pensar sobre si mesmo, sugeriu questionamentos sobre o fazer-se, trazendo indagações sobre como se vivia no seu tempo. É nesse sentido que podemos relacionar a figura dele com aquilo que precisamos fazer hoje, com o que o nosso projeto almeja: indagar a respeito daquilo que é imposto como verdade absoluta, na vida, na Educação.

Por isso, com o título “*Projeto filosofia de quinta: conhece-te a ti mesmo*”, vamos iniciar o nosso encontro apresentando o que desejamos realizar, acolhendo os nossos estudantes, apresentando a nossa proposta de atividades, nela contendo os seus objetivos, deixando claro que não são apenas dados teóricos, mas que desejamos partir da prática do nosso dia a dia, sentindo essa necessidade de transformação do indivíduo em sujeito. Objetivamos vivenciar exercícios que possibilitem transformações, não meramente externas, transformações que outros pediram, mas porque o estudante se enxerga como sujeito. Por isso, as atividades que serão propostas ao longo desse itinerário serão atividades que ajudarão ao reconhecimento de si mesmo, as quais levarão ao Cuidado de Si.

Título do encontro: “Projeto filosofia de quinta: conhece-te a ti mesmo.”

Descrição: No primeiro encontro, no primeiro momento, devemos insistir na acolhida dos estudantes. Os alunos deverão ser bem acolhidos no ambiente do encontro. Por isso, o professor/mediador precisa ter cuidado com as adequações do espaço no qual será realizado cada encontro, considerando que isso é muito importante para o encaminhamento das vivências e experiências desses alunos. Após refletir sobre alguns passos do nosso primeiro encontro e conhecê-los, vamos relatar como ele efetivamente se dará. Vamos descrever o *pari passo* (o passo a passo) desta experiência filosófico-metodológica. Ressaltamos que uma das nossas grandes preocupações será o entrosamento e a participação dos nossos estudantes nos encontros do projeto e, por conseguinte, nas atividades propostas em cada momento. Entendemos que o entrosamento deles possa resultar numa experiência do conhecimento de si e, por conseguinte, no caminho para o Cuidado de Si, gerando uma cultura de si no ambiente escolar em que atuamos, a partir de atividades de escrita de si. Vamos, desse modo, chamar de *passos ou etapas* os caminhos que iremos percorrer na aplicação de cada atividade, em relação ao tempo de que dispomos para cada encontro. Por isso, cada passo deve ser bem pensado e aproveitado, uma vez que não temos tanto tempo para executar os exercícios, sendo apenas 2 horas aula para cada encontro. Então, é bom pensar que a pontualidade do professor também ajuda na vivência que cada encontro propõe no projeto “*Filosofia de quinta.*”

Plano de atividades (detalhamento dos passos):

Primeiro passo: aqui propomos organizar uma faixa (ou cartaz colorido pintado e/ou desenhado) com a seguinte frase: “*PROJETO FILOSOFIA DE QUINTA: CONHECE-TE A TÍMESMO*” a qual ficará exposta na porta da sala de aula³³, no quadro, no piso, dependendo de como melhor ficar para a visibilidade dos estudantes, de tal forma que todos possam perceber, ler e até mesmo perguntar do que se trata, antes do início propriamente dito do encontro. Como foi dito anteriormente, os estudantes devem ser acolhidos no espaço do encontro, o projeto deve ser devidamente apresentado pelo professor/mediador, que já preparou, com antecedência, os objetivos do projeto e o

³³ Falamos em sala de aula, mas, não necessariamente precisa ser a sala de aula de sempre, por exemplo, a sala do 1º A ou do 2º B, que durante o ano inteiro já estão ali, no mesmo espaço geográfico. A nossa sugestão é que possa ser utilizado também um auditório, uma outra sala de que a escola disponha, ou outro espaço da escola. Pode, ainda, se tiver autorização da escola e dos pais ou responsáveis – quando são alunos menores – desde que seja preparado e adequado para comportar bem os estudantes e o professor, acontecer o encontro num museu, num teatro, desde que todos possam se escutar e tenham as condições de falar e conversar aquilo que propõe esse momento de encontro filosófico.

caminhar dos cinco encontros, para expor no quadro, no datashow ou para entregá-lo impresso aos estudantes, explicitando o que almeja com o “*Filosofia de quinta*”. Devem ser tiradas todas as dúvidas possíveis acerca do caminhar do projeto, devem ser apresentados os objetivos almejados, deixando bem claro para os estudantes que vamos trabalhar juntos com eles pelos passos do caminho do conhecimento de si, por meio de atividades (de escrita de si) que nos aproximem do Cuidado de Si. O tempo de acolhida dos estudantes e dessa primeira provocação deve ser 20min, permitindo, também, que eles conversem entre si, que perguntem, discutam, tirem algumas dúvidas entre eles mesmos. Como são turmas do Ensino Médio e, na faixa, aparece uma frase atribuída a Sócrates, certamente ela provocará conversas entre os estudantes. Vamos abordá-la a partir do viés do Cuidado de Si, da prática da vida, da tentativa de trazer uma transformação para a vida. Depois da apresentação do projeto e da provocação da faixa, vamos ao *segundo passo*.

Segundo passo: depois que os estudantes conversaram entre si, de modo livre, vamos convidá-los para conversarem com o professor. Assim, nesse segundo passo, vamos dispor a turma, de tal modo que eles possam interagir com o professor, momento em que comentarão com ele aquilo que conversaram com os colegas. Se eles já conheciam essa frase? Se esse pensamento do filósofo Sócrates já faz parte de suas vidas? Como isso faz parte? Devemos utilizar, para essa discussão, de 15 a 20min. Sabemos que, quando deixamos a palavra com os alunos, podemos ter ótimas surpresas. Geralmente eles contribuem muito para o desenvolvimento das aulas e, nesse momento, poderão contribuir para o encontro do “*Filosofia de quinta*”, principalmente quando o tema é próximo da realidade deles, não se tratando, simplesmente, de uma teoria ou fórmula pronta. Mas, quando se trata da própria vida, a partir da vida de um filósofo e de suas contribuições, a conversa filosófica toma conta da aula e o debate fica muito instigante. Por isso, é importante deixar tempo suficiente para que os estudantes possam dar suas colaborações, para que eles falem das suas práticas, das suas experiências de vida. É importante que as suas intervenções não sejam ignoradas, ou tidas como pouco válidas para a discussão. Mas, pensemos que se o aluno está expondo algo de sua vida é porque para ele é importante, naquele momento, socializar, trazer a conversa para o grupo, perguntar, participar ativamente. Precisamos, algumas vezes, fazer as conexões e as pontes com os textos e exemplos da filosofia da tradição, para ampliar ainda mais os horizontes dos nossos estudantes, apenas oferecendo elementos que eles identifiquem

como sendo mediadores para que possam assumir-se, também, como autores de seu trilhar filosófico. Por isso, esse projeto objetiva a construção do estudante, afastando-se de tantas imposições daquilo que é dado como pronto e acabado. Assim, é muito importante a fala deles. A partir dessas falas, eles mesmos vão se autoconhecendo e se transformando, cada vez mais, em sujeitos de si. Dessa forma, vai surgindo a possibilidade do Cuidado de si, de uma cultura de si, razão pela qual devemos ser bem atenciosos diante deles, ao seu olhar, mas, sobretudo, à fala de cada um dos que conosco estarão neste projeto da “*Filosofia de Quinta*”.

Terceiro passo: após o momento de fala e de socialização (*segundo passo*), os estudantes serão divididos em trios (ou quartetos), e cada um deles receberá um texto. Esses textos devem ser separados e levados para trabalhar neste momento com os estudantes, com base em sugestões que deixaremos a seguir no roteiro do projeto. É importante lembrar a quantidade de estudantes em cada turma em que será aplicado o projeto para confecção de materiais, permitindo que eles mesmos formem seus trios de acordo com suas preferências de convivência e amizades. Sugerimos a divisão da turma em trios para aumentar a possibilidade de conversas e assuntos, de partilhas de experiências trazidas por eles. Sempre existe a possibilidade de acontecer o que em Matinhas – e região do brejo – chamamos de “*morão*”, mas isso também será proveitoso para o momento do nosso projeto.³⁴ Cada trio pode ser contemplado com textos diferentes. Nesse terceiro passo, os estudantes, inicialmente, farão a leitura do texto e, no pequeno grupo, farão a discussão de cada texto, a qual será precedida de apresentação dos textos: de onde foram retirados, qual o objetivo para aquele momento e como será feito esse momento, respondendo a algumas perguntas, se elas forem feitas por parte dos alunos. Mais uma vez, ressaltamos que, neste *terceiro passo*, o foco maior deve ser uma boa disposição dos estudantes, além da orientação para uma boa discussão nos trios, a partir dos textos filosóficos que foram selecionados e trazidos. Esse é um momento que não necessita de muito tempo, carecendo apenas de 10 min, suficientes para organizar, distribuir e tirar as dúvidas dos estudantes.

³⁴ Chamamos de “Morão ou de fazer “Morão”, quando amigos ou colegas se juntam para conversar sobre muitos assuntos, para bater papo, para fazer comentários de suas vidas e da vida dos amigos. Fazer alguma atualização das conversas. Fazer Morão é sinônimo de partilhar assuntos, de partilhar a vida, ainda que sejam também assuntos da vida do vizinho. Mas, o assunto primeiro lugar é a própria vida e a vida do (s) amigo (s) que estão ali naquele momento.

Quarto passo: Nesse exercício ou prática, o professor, juntamente com os textos filosóficos, entregará também uma folha – de preferência em forma de “*rolo ou pergaminho*” – de acordo com sua criatividade, a imaginação e a liberdade que o nosso projeto permite, podendo utilizar cartolina, emborrachado ou outros materiais para confeccionar essa parte do exercício para os seus estudantes. Esse “pergaminho ou rolo” deve conter duas colunas com as palavras MOCINHO e VILÃO e, ao lado delas, respectivamente, sinais de positivo e negativo, ou até mesmo as figuras dos emojis que utilizamos em nossos celulares que representem tais ideias, o que vai contrastar com a ideia antiga do rolo ou pergaminho, pois vai nos lembrar que a filosofia tem origem em tempos remotos e, ao mesmo tempo, está tão perto de nós que podemos vivê-la nas nossas atividades e atitudes cotidianas. Para esse *quarto passo*, devem ser entregues, também, lápis de várias cores para o preenchimento do que será exigido na atividade. Além da entrega dos materiais, deve-se proceder à explicação da discussão que os trios devem fazer, bem como a atividade com o material que estarão recebendo. Em um primeiro momento, eles podem conversar sobre eles mesmos, sobre a vida de cada um, sobre os passos que têm dado na escola e o que eles entendem por “mocinho e vilão”. Devem discutir se é possível distinguir-se entre si mesmos e entre as outras pessoas e, “enquadrá-las” em boas e más. Acompanhadas dos textos filosóficos, tais perguntas podem ser entregues também para ajudar nas reflexões dos grupos. Depois, devem partir para os textos de Sócrates, analisando-os e procurando identificar no pensamento socrático o que eles consideram como positivo para uma vida que vale a pena, para uma vida saudável, para uma vida que – podemos dizer – nos convida também a viver a nossa vida de maneira semelhante. Por isso, numa coluna devem destacar aquilo que consideram aspectos positivos da vida de Sócrates, do seu comportamento, das suas escolhas na pólis, da relação com as pessoas, com os sofistas, com a família, com o poder (a política), e com a morte. Na outra coluna, devem colocar os aspectos que consideram negativos nesse mesmo Sócrates. Muito provavelmente, numa mesma coluna, vão aparecer, em grupos diferentes, valores contrastantes, ou, até mesmo, no mesmo grupo, pode surgir o debate sobre isso, considerando que isso vai suscitar como cada um vê o que é apregoado por outrem, o que vai ajudar a repensar o que realmente é importante na vida, como é necessário o cuidado da própria interioridade (as escolhas que tenho feito). Nesse sentido, podem surgir muitas perguntas (seja pelos alunos, seja pelo próprio professor): A partir de quais critérios Sócrates fazia suas escolhas? Sendo assim, posso chamá-lo de vilão ou de mocinho, ou dos dois? A partir de quais critérios tenho feito as minhas escolhas? A

partir também de quais critérios fazia isso, antes de pensar sobre filosofia? E, hoje, quais são os critérios para fazê-lo? Será que faço muitos julgamentos sem conhecer a realidade? No caso de Sócrates, cuidar de si, das suas escolhas lhe deu o direito de tomar certas posturas. E, por que, hoje, na nossa sociedade (na nossa escola, inclusive) existem tantos julgamentos diante das posturas de quem age diferentemente do que consideramos “normal ou correto”? Por que chamar de boas apenas as pessoas que agem igual a mim, e chamar de más, aquelas que insistem em enxergar a vida sob outro prisma – seja nas crenças, nos afetos, ou nas escolhas políticas? Nesse momento do exercício, a partir destes e de outros questionamentos que devem também ser levantados por eles, é preciso deixar que eles reflitam e deem suas posições, suas opiniões, suas contribuições. Lembramos que esse momento ainda é o debate nos trios, quando o professor fica acompanhando cada grupo, na medida do possível, e, claro, suscitando esse debate para que as colunas sejam preenchidas e, no *passo* seguinte, possam ser concluídas as atividades de apresentação. A respeito do tempo para essa atividade do encontro, sugerimos que se deixe, no mínimo, 25 mim

Quinto passo: Terminadas as discussões nos grupos menores (trios), o professor convida todos para o grupo maior, de preferência, em forma de círculo. No grupo maior, dispõe a sequência das falas dos estudantes para a socialização dos seus respectivos rolos ou pergaminhos. É bom ressaltar que não segue nenhuma ordem pré-estabelecida aqui no projeto, mas fica a critério do professor com seus estudantes decidirem como organizar a ordem das falas, desde que todos os grupos tenham assegurado o tempo necessário para apresentar o pergaminho ou rolo que confeccionam durante o passo anterior. Cada grupo deverá apresentar e, de certa forma, defender o porquê de tais características de um lado ou do outro da coluna, a respeito de Sócrates. Na defesa, é preciso sugerir também que eles façam suas intervenções associando-as ou relacionando-as com a vida cotidiana, trazendo, se possível, exemplos de como fazem suas escolhas. Se sofrem, demasiadas, pressões externas da sociedade, da parte de seus pais, professores, colegas, igrejas ou associações outras de que participam. Se alguns alunos se sentirem à vontade, podem partilhar histórias de preconceito/julgamento que cometeram ou que sofreram em algum momento na escola, na família, na rua, no trabalho, o que pode caracterizar também cada um como mocinho ou vilão, lembrando-o e relacionando-o ao pergaminho socrático. É importante que preparemos a turma para que, mesmo sendo um momento que traz esse tom de seriedade, não nos deixemos vencer pela timidez e pela vergonha na hora das partilhas, da exposição de opiniões, de falar, de perguntar, de intervir. Por outro lado,

sejamos cautelosos e precavidos quanto às questões de cunho particular, se eles não desejarem expô-las para a turma. É necessário criar um ambiente de confiança, pela importância que damos a cada um em sua individualidade, e de respeito em suas mais diversas situações. E, claro, insistir no respeito às dificuldades e às superações de cada um. Entendemos que o cuidado de si passa também por essa liberdade de falar de si, por essa liberdade de expressar aquilo que somos ou que desejamos ser integralmente, mesmo que ainda estejamos em construção, dando os primeiros passos nesse caminho. Nesse momento de fala, o professor pode também fazer anotações, se achar conveniente para suas observações posteriormente. Para esse passo, é importante que se reserve um tempo de 20 min.

Atividades dos estudantes:

Aqui o professor convida os estudantes a assumirem o compromisso da semana, o que não é necessariamente a atividade que vai gerar pontos para o SABER (caderneta), mas um compromisso firmado com o projeto *filosofia de Quinta* e consigo mesmo. Esse compromisso será composto de duas fases: a) uma visita à Cadeia Pública (no caso da escola na qual estarei aplicando o projeto, a cadeia mais próxima é a de Alagoa Nova/PB, a cerca de 13 km). Quanto ao transporte, é fácil consegui-lo, bastando enviar ofício ao poder público municipal; quanto à autorização dos pais e responsáveis não tem impedimentos até o momento; quanto à diretoria da Cadeia, esta também sempre faz parceria com as atividades da nossa Escola, já realizadas tantas outras vezes. Mas, mesmo assim, é preciso providenciar ofícios para autorizar a entrada dos alunos no espaço da Cadeia. Com relação aos pais ou responsáveis, é preciso fazer os encaminhamentos, em tempo hábil, de declaração de autorização. O objetivo de tal visita é, em primeiro lugar, é enxergar nas pessoas que se encontram privadas de liberdade, uma vez que cometeram infrações perante a lei, que elas tanto portam nas suas vidas aspectos negativos (vilão), como possuem características que as colocam como merecedoras de cuidados e de atenção de nossa parte (mocinho). Depois, por meio desse exercício, devemos mostrar aos nossos estudantes que a falta do cuidado com as escolhas pode trazer duras consequências. Daí, a importância do cuidado consigo mesmo. b) a segunda fase desse exercício prático consistirá na produção de um desenho e de um texto. Tal desenho será exposto no nosso segundo encontro do projeto, acompanhado por um pequeno texto que relate o mais fielmente possível a visita do aluno à Cadeia pública.

Aguardo vocês no próximo encontro. Até quinta, meu povo!

Recursos:

Em nossos encontros do *Filosofia de Quinta*, tudo deve ser preparado com bastante antecedência, assim também como no planejamento ordinário das nossas aulas de filosofia. Sabemos que podem acontecer imprevistos ou situações que fogem daquilo que foi planejado, o que é normal em qualquer área de atuação profissional. Mas, dentro das nossas possibilidades, é possível traçarmos um planejamento dos materiais que deverão ser utilizados em cada encontro. Pelo fato de ser um projeto e de contar com cinco encontros, podemos organizar os materiais que serão utilizados com mais segurança. É prudente solicitar da coordenação pedagógica ou da direção da escola, com antecedência, tudo o que será necessário para todos os encontros. Sejam espaços de outras salas ou auditório, datashows, sala de computadores (laboratório de informática), ginásio de esportes, jardins, liberação ou autorização para ausentar-se da escola. Dentre os materiais que utilizaremos no primeiro encontro, destacamos: uma faixa, que pode ser de tecido, material de banner, ou mesmo de cartolina, a critério do professor e de acordo com as condições financeiras de cada escola; E.V.A ou emborrachado, para a confecção dos rolos (lembrando de já levá-los prontos ou bem encaminhados, devido ao tempo de aplicação dos exercícios); lápis de cor, uma média de 3 caixas; canetas; papel A4 ou de outro tamanho, também a critério do professor; pincéis para quadro – quando for fazer os encontros em sala com quadro branco; apagador; fita adesiva; barbantes de sisal para pendurar os rolos, se possível; os textos de Sócrates já impressos e recortados; um cronômetro – que pode ser o do celular –, para organizar o tempo médio de cada exercício; a folha com as perguntas (sobretudo, no passo quatro) para conduzir alguns momentos das discussões; os ofícios (para o poder público municipal, solicitando o transporte e, para a direção da Cadeia, liberando a entrada dos estudantes) e, as declarações de autorização dos pais ou responsáveis.

Avaliação do encontro:

A avaliação do encontro será realizada mediante o recebimento e a análise dos desenhos e dos textos. Vamos descobrir se os nossos estudantes conseguiram, de alguma forma, dar passos em direção ao Cuidado de Si, a partir da atividade de escrita de si que propusemos. É uma primeira forma de avaliação, observando o envolvimento com o projeto e, por conseguinte, com situações difíceis da vida, o que poderá levá-los à reflexão de suas próprias vidas, à importância de cuidar de si mesmo.

Textos de apoio:

Utilizaremos os textos ou fragmentos de textos de Sócrates³⁵ que foram recolhidos de livros e/ou de sites, que se encontrarão referenciados ao final do roteiro do nosso projeto. Tais textos serão levados impressos e recortados para que os alunos possam lê-los, relê-los, comentá-los e debatê-los para discutir o tema proposto: “Sócrates: vilão ou mocinho?”. Desse modo, o texto filosófico tem a finalidade de colaborar com o aprofundamento do tema proposto. Na verdade, escolhemos 10 fragmentos ou frases atribuídas ao filósofo Sócrates, as quais poderão ajudar na reflexão do tema sobre o Cuidado de Si, amadurecendo nossa discussão no que diz respeito às mudanças de atitude, assunto que é muito prático e próximo da vida cotidiana dos nossos estudantes. A escolha desses fragmentos passou por esta preocupação: temas que falem da vida, da vida do pensador e de seu tempo, além de temas que toquem o nosso tempo e as nossas causas, como a amizade, a maldade, as relações de interesse, a juventude, o fingimento e a escolha de caminhos que queremos seguir. Tudo isso diz respeito ao modo de viver, de olhar para si mesmo, de cuidar de si mesmo, de fazer-se sujeito, de viver autenticamente, o que justifica a escolha desses textos e o interesse para que os nossos alunos possam falar de si, pensar sobre si e, de certa maneira, atinar para a cultura de si.

1. FILOSOFAR

- “Aqueles que, no sentido preciso do termo cuidam do filosofar, permanecem afastados de todos os desejos corporais sem exceção, mantendo uma atitude inflexível e não concedendo às paixões. A perda de patrimônios, a pobreza, não lhes causa medo, como acontece com a multidão dos amigos da riqueza; e nem a existência sem honrarias e sem glória que o infortúnio proporciona não é de molde a intimidá-los como acontece com aqueles que amam o poder e as honrarias. E, desse modo, eles se mantêm afastados dessas espécies de desejos.” (SÓCRATES).

2. MALDADE

- “Não é difícil escapar da morte. Todo soldado sabe, basta sair fugindo. O mais difícil é escapar da maldade, pois ela é mais rápida que nós.” (SÓCRATES).

³⁵ Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NzIyNDA2/> Acesso em: 13 set 2021.

3. O BOM HOMEM

- “A um homem bom não é possível que ocorra nenhum mal, nem em vida nem em morte.” (SÓCRATES).

4. O CONHECIMENTO

- “O verdadeiro conhecimento vem de dentro.” (SÓCRATES).

5. JUVENTUDE

- “O que deve caracterizar a juventude é a modéstia, o pudor, o amor, a moderação, a dedicação, a diligência, a justiça, a educação. São estas as virtudes que devem formar o seu carácter.” (SÓCRATES).

6. VIVER HONRADAMENTE

- “A maneira mais fácil e mais segura de vivermos honradamente, consiste em sermos, na realidade, o que parecemos ser.” (SÓCRATES).

7. FINGIMENTO

- “O caminho mais grandioso para viver com honra neste mundo é ser a pessoa que fingimos ser.” (SÓCRATES).

8. CONHEÇA A SI MESMO

- “Conhece-te a ti mesmo, torna-te consciente de tua ignorância e serás sábio.” (SÓCRATES).

9. QUEIXA

- “É costume de um tolo, quando erra, queixar-se do outro. É costume do sábio queixar-se de si mesmo.” (SÓCRATES).

10. (O QUE EU SEI?)

- “O que sei é que nada sei.” (SÓCRATES)

4.3.2 Encontro 02: Primeiro exercício de escrita de si

Título do encontro: Relatos de um encontro

Descrição:

Vamos, agora, descrever a proposta para o nosso segundo encontro do projeto “*Filosofia de quinta*”. Lembramos que, no encontro passado, ficou como compromisso para os nossos alunos uma breve atividade para introduzi-los na escrita de si. Por isso, antes mesmo de iniciar o nosso segundo encontro, é preciso acolher a fala deles a respeito da visita à Cadeia pública (no nosso caso específico, à Cadeia pública de Alagoa Nova), para saber um pouco o que eles viram e ouviram, quais as suas observações e impressões da experiência que realizaram desde o último encontro, e se isso os ajudou a observarem algo diferente em si mesmos ou não, pois, o objetivo filosófico da visita consiste, principalmente, num alcance do olhar para si mesmo, do conhecimento de si, que precisa ser sempre mais valorizado neste tempo em que fazemos tudo, ou quase tudo, com tanta pressa e rapidez. Nesse sentido, parar para conhecer a si mesmo, mediante situações que implicam reflexões, pode ajudar muito os nossos alunos no caminho do Cuidado de Si. No início do segundo encontro, acolhamos as falas desses estudantes e também os materiais escritos, textos e desenhos, que foram solicitados para a avaliação do encontro passado. Sugerimos, também, que esse encontro seja realizado em uma sala ou espaço à parte, que não seja necessariamente a sala de aula. Pode ser no auditório da escola, teatro – se for possível –, ou em um lugar que tenha um pequeno tablado ou palco, para as leituras ou declamações de poemas e frases que serão trabalhados nesse segundo encontro, para que se possa explorar essa dimensão da interação dos alunos e, por conseguinte, a vivência do exercício filosófico que está por trás: o cuidado consigo mesmo, a escrita de si, por meio da arte, da poesia. Os exercícios do nosso projeto sempre visam a envolver os nossos estudantes em atividades ou vivências que os levem a atitudes e práticas tão reais que os atinjam verdadeiramente, não os fazendo simplesmente pensar, mas fazendo-os pensar a partir do fazer e do fazer-se, pois essa é a proposta do Cuidado de Si, desde os antigos – que foi se perdendo ao longo dos séculos –, e que Michel Foucault retoma e nos propõe, com a sua vida, com o seu modo de ser sujeito, e que, nesse projeto, “*Filosofia de quinta*”, desejamos apontar novamente, agora como proposta para o Ensino de Filosofia no Ensino Médio.

Plano de atividades (detalhamento dos passos):

Primeiro Passo: após o primeiro contato, devemos chamar a atenção para o tema do encontro de hoje, propriamente dito, apenas lembrando que, além da visita, ficou o compromisso da confecção do desenho e do texto. Por isso, é importante começar esse momento fazendo a ponte com o encontro passado, fazendo do nosso projeto “*Filosofia de quinta*” um caminho de (re)descoberta e de construção para o Cuidado de si. Isso passa pelo conhecimento das várias realidades, passa pelo tocar a realidade do outro, do sentir as faces duras que algumas escolhas podem acarretar na vida. Podemos reservar de 10 a 15min para essas exposições, como resgate das experiências do encontro passado e de seus desdobramentos, lembrando que os rolos/pergaminhos podem ficar guardados com os estudantes ou com o professor/mediador, não precisando ser trazidos para este segundo encontro.

Segundo passo: vamos dar início ao tema do encontro a partir de frases e poemas de Vinícius de Moraes³⁶ – compositor, cantor e poeta brasileiro. Talvez alguns dos nossos alunos não conheçam a sua obra, outros podem conhecê-la e até gostar dela. Não vamos iniciar pelas suas músicas, mas pelas poesias e frases. Em suas poesias e frases, ele sempre fala da vida, dos encontros, dos desencontros, das alegrias, das tristezas, da saudade, dos romances, dos amores, das crenças. Vinícius de Moraes viveu como alguém que se apresenta sujeito de sua própria vida, autor de suas escolhas, alguém que cuida de si, que escuta e segue os seus orixás. Alguém que gosta do seu uísque, que fala de forma simples das coisas da vida, apesar de ter chegado a ocupar cargos importantes de governo (diplomata). Percebemos, em seus escritos, marcas de alguém que pode ajudar os nossos estudantes a atentar para esse cuidado consigo mesmo. Por isso, nesse primeiro passo, vamos nos aproximar de Vinícius de Moraes por meio de alguns trechos de sua obra. Esse momento de apresentação das frases e poemas pode ser realizado entre 10 a 15 minutos, começando por uma conversa mais descontraída e deixando os estudantes fazerem uma leitura mais “desinteressada” do que receberam. Seguem algumas sugestões:

- a) “A vida é a arte do encontro, embora haja tantos desencontros pela vida.” (VINÍCIUS DE MORAES).

³⁶ Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTA4NDA/> Acesso em: 13 set 2021.

- b) “Como dizia o poeta
Quem já passou por essa vida e não viveu
Pode ser mais, mas sabe menos do que eu
Porque a vida só se dá pra quem se deu
Pra quem amou, pra quem chorou, pra quem sofreu
Ah, quem nunca curtiu uma paixão nunca vai ter nada, não
Não há mal pior do que a descrença
Mesmo o amor que não compensa é melhor que a solidão
Abre os teus braços, meu irmão, deixa cair
Pra que somar se a gente pode dividir
Eu francamente já não quero nem saber
De quem não vai porque tem medo de sofrer
Ai de quem não rasga o coração, esse não vai ter perdão
Quem nunca curtiu uma paixão, nunca vai ter nada, não”. (VINÍCIUS DE MORAES).
- c) “É claro que a vida é boa... E a alegria, a única indizível emoção...” (VINÍCIUS DE MORAES).
- d) “Precisa-se de um amigo que diga que vale a pena viver, não porque a vida é bela, mas porque já se tem um amigo. Precisa-se de um amigo para se parar de chorar. Para não se viver debruçado no passado em busca de memórias perdidas. Que nos bata nos ombros sorrindo ou chorando, mas que nos chame de amigo, para ter-se a consciência de que ainda se vive” (VINÍCIUS DE MORAES)
- e) “Quanta tristeza
Há nesta vida
Só incerteza
Só despedida.” (VINÍCIUS DE MORAES).
- f) “Cuidado! A vida é pra valer. E não se engane não, tem uma só. Duas mesmo que é bom, ninguém vai me dizer que tem sem provar muito bem provado, com certidão passada em cartório do céu, e assinada embaixo: Deus! e com firma reconhecida. A vida não é de brincadeira, amigo.” (VINÍCIUS DE MORAES).

Terceiro passo: depois de convidar os estudantes para esse momento que será introduzido com a apresentação, pelo professor/mediador, de alguns aspectos da vida e da obra do Vinicius de Moraes, o professor entregará as frases e os poemas à turma. Na sequência, escolhem-se ou se faz o sorteio entre alguns alunos que possam fazer a leitura (ou declamação) dos poemas para os colegas. Nesse passo, o professor, junto com a turma, vai eleger os alunos que desejarem fazer essa leitura (declamação), lembrando que não existe nenhum problema em repetir as leituras (declamações) se assim o desejarem, o que vai aumentar a participação dos estudantes. O professor levará as frases e os poemas em folhas à parte para que a turma tenha acesso a eles com mais facilidade, ou pode enviá-los por arquivo em alguma plataforma digital de uso comum da turma, se houver, ou mesmo projetá-los em datashow, tudo isso dependendo do que for mais acessível e viável para a vivência da turma e para o projeto. Esse exercício levará 25 min. Estimamos que seja um tempo necessário para que os estudantes possam se familiarizar com os textos e, assim, conseguirem fazer a leitura individual e, depois, para que aqueles que forem escolhidos possam fazer a leitura para o grupo.

Quarto passo: quanto à ligação com o tema do dia desse encontro, é neste momento que se deve apresentá-lo. Cabe fazer a relação dos trechos de Vinicius de Moraes e os encontros que cada um tem com os colegas e consigo mesmo. Ainda não trataremos na perspectiva foucaultiana, mas na perspectiva de um outro filósofo: Santo Agostinho, que apresenta esse encontro de si mesmo com a sua razão e com Deus. É o que dá sentido ao caminhar de Santo Agostinho, o caminhar de sua razão que o liberta, mesmo que tendo como plano de fundo o seu Deus, que é maior do que a razão que o libertou. Nesse sentido, vamos trazer também essa discussão para nosso encontro de hoje: a importância de encontrar-se consigo mesmo. A figura de Agostinho é de grande importância para a filosofia e nos mostra essa imagem do sujeito (sob o aspecto religioso), que foi se “perdendo” ao longo do período moderno. Mas aqui vale observar a insistência do encontrar-se. É nisso que queremos falar com os nossos estudantes. A arte do encontro, o não fugir de si mesmo, a busca por (pelo) si; a insistência de um encontro consigo, o desejo de encontrar-se. É isso que Santo Agostinho nos aponta, a partir de sua perspectiva, indicando-nos, também, caminhos. Ele traz esse desejo, essa inquietação de um constante procurar-se, de um buscar-se. É verdade que ele é movido pela fé, por um sentimento do divino. Mas o sujeito que se busca a si mesmo é sempre digno de credibilidade filosófica,

pois aquele que se busca tem alguma motivação para o buscar-se. Por isso, aqui não vamos indagar as motivações de Agostinho, mas considerar a sua sede de buscar-se, o desejo que havia nele de encontrar-se, de ver-se buscando, de não parar de buscar-se. Esse vai ser o nosso interesse no projeto e na discussão com os nossos estudantes. Na obra *solilóquio*, ele aponta a valorização não de um isolamento do mundo e das relações com o outro, mas, justamente, da valorização de si mesmo e da sua relação com a razão. Nesse sentido, é possível fazer uma ponte com o que desejamos despertar em nossos estudantes: falar da valorização de si, não como abandono do outro ou do mundo, mas, justamente, como um caminho de perceber-se autor do seu próprio caminho. Na obra *Livre Arbítrio*, Santo Agostinho apresenta também essa capacidade que o sujeito possui de fazer escolhas, de estar para si, razão pela qual é importante o conhecimento de si mesmo, o cuidado de si mesmo. É também oportunidade de mostrar aos nossos estudantes que nos encontros e desencontros as nossas escolhas vão se tecendo, e, com isso, vão formando o cobertor que vamos utilizar contra o frio das tempestades que temos que enfrentar. A liberdade das escolhas, apontadas por Agostinho, exige de cada um de nós decisão e coragem. Por isso, ao estarem próximos de concluir mais uma fase de suas vidas, esses estudantes precisam pensar e se exercitar também neste aspecto das escolhas. Esse momento é de grande importância e pode ser muito enriquecedor, por isso podemos reservar 20 min. para as falas, perguntas e exposições.

Quinto passo: depois do entrosamento dos alunos, depois das leituras e declamações, depois das explanações do professor, agora vamos fazer os nossos relatos dos encontros. Mas, não de qualquer maneira. Vamos fazê-los como a filosofia de Agostinho nos ajudou a pensar, como a poesia de Vinicius de Moraes nos ajudou a falar e a ouvir. Vamos fazer os nossos relatos de encontro através de uma produção. Cada estudante ficará responsável por escrever no seu próprio caderno – ou em folha à parte – aqueles relatos de encontros mais difíceis que geraram nele tristeza, dor, perdas, amarguras, desapontamentos. Vamos, também, registrar relatos contrários: alegrias, contentamento, felicidade, prazer, satisfação. A proposta é que tais relatos possam ser feitos de diversas formas: depoimentos no feed (claro que não será postado), cartinha para uma pessoa que ama muito, versos, poemas ou ainda pode ser gravado em forma de *podcast*. Por isso, é bom que cada um fique mais à vontade para escrevê-los (no caso do *podcast*, gravá-lo). Aqui devemos reservar, no mínimo, 30 min. para a realização dessa

atividade, uma vez que produzir sempre requer mais tempo. Por isso, o produzir-se e o cuidar-se exigem tempo.

Atividades dos estudantes:

Os nossos estudantes estarão envolvidos na produção do *podcast*, na produção da cartinha que, supostamente, enviariam para um amigo, mãe ou pai, fazendo essa espécie de desabafo. Na produção do texto, como se esse texto fosse ser publicado na sua rede social, embora não se recomenda que o faça, eles devem proceder, também, à apresentação: aqueles que desejarem socializar suas histórias, seus momentos podem ser inscritos com ficha, que o professor já preparou, para subir no tablado, enquanto os demais alunos devem voltar para eles o máximo de atenção. Esse momento deve ser aproveitado para a interação dos estudantes e a valorização da escuta do outro, promovendo, na turma, o respeito às diferenças, cultivando o amor à identidade do outro, a acolhida do outro, a alteridade. Assim, vamos encerrando o nosso segundo encontro que chamamos de *Relatos de um encontro*, com as falas dos nossos alunos, a partir dos seus encantos e desencantos, dos seus encontros e desencontros. Eles perceberão, nessa atividade, aquilo que os constitui como sujeitos, aquilo que fere e cura. Por isso, a necessidade da busca, com pressa, de encontrar-se consigo mesmo, de cuidar de si mesmo. Isso deve ficar registrado nos relatos de um encontro. Aqui precisamos de 20 minutos para a apresentação das atividades

Aguardo vocês no próximo encontro. Até quinta, meu povo!

Recursos:

Cada encontro exige sua preparação, evidentemente, exigindo, também, seu material próprio. Por isso, para o segundo encontro, é preciso que se providencie, com antecedência, papel para uso dos estudantes; canetas; um tablado (se não houver palco na sala); microfone e som; o datashow, se achar necessário; os textos recortados para apoio do encontro (tanto os do filósofo, como os do poeta); apagador; pincel, se houver necessidade, e um aparelho para a gravação dos *podcast*, que pode ser o gravador do próprio celular.

Avaliação do encontro:

Os estudantes farão uma pequena síntese do encontro desse dia, para ser entregue, como forma de avaliação, podendo o professor recebê-la no próximo encontro.

Textos de apoio:

1. Interrogo a mim mesmo e me respondo, como se fôssemos dois: a razão e eu. (Solilóquio)
2. Prossigamos e vejamos agora como o homem está perfeitamente ordenado em si mesmo. (O livre-arbítrio)
3. Uma nação constitui-se de homens unidos entre si, sob uma única lei, que é, como foi dito, a lei temporal. (O livre-arbítrio)
4. Mas dize-me, primeiramente, se para ti é certeza absoluta o fato de viveres? (O livre-arbítrio).

4.3.3 Encontro 03: Segundo exercício de Escrita de si**Título do encontro: Eu sou?****Descrição:**

Vamos adentrando ao terceiro encontro, mais um exercício de escrita de si, mais um passo a caminho do Cuidado de Si. Aqui, pensamos em algo diferente dos encontros passados. Por isso, propomos, de início, assistir juntos ao videoclipe da música “Gita” do cantor e compositor Raul Seixas. Esse videoclipe tem duração média de 4 minutos e 50 segundos. Escolhemos tal música porque gostamos dela e entendemos que a grande maioria dos estudantes – pela pouca idade – não a conhecem. Vai ser uma surpresa para eles uma música “antiga” que fala de coisas tão atuais, que pode levar a questionar algumas de suas ideias já “organizadas”, pondo, diante deles, a possibilidade do mudar-se, do transformar-se, do fazer-se, do perguntar-se: Quem sou, de fato? Quem eu posso vir a ser? Dessa forma, estaremos abrindo os caminhos para pensar o sujeito e a sua construção, abrindo espaço para diálogos, para acolhida e para superação de si mesmo e do seu modo de pensar e agir.

Plano de atividades (detalhamento dos passos):

Primeiro passo: de modo breve, vamos apresentar o tema, já que é em forma de pergunta, sem oferecer muitas explicações, mas, fazendo algumas provocações e a exibição do videoclipe da música “Gita”. Após esse momento, podemos convidá-los a expor as suas opiniões acerca do tema, após a apresentação do videoclipe, mas, não para

resumir ou explicar a música, uma vez que isso não torna um exercício filosófico propriamente dito. Vamos convidá-los a fazer ligação dela com a própria realidade, com o cenário social, com o cenário político, com o cenário ético. Podemos abrir espaço para as suas intervenções, a partir dessas perspectivas, com perguntas simples a respeito de suas situações mais próximas, como eles se veem em casa, na escola, no trabalho, na rua, com os amigos. Devemos abrir os leques de atuação e de entendimento de cada um sobre si mesmo, em torno da pergunta: *Eu sou?* Esse momento pode durar cerca de 25 minutos.

Segundo passo: Neste momento, vamos entregar os textos do Max Stirner. Queremos fazer uma confrontação entre aquilo que eles afirmam ser e aquilo que Stirner, em sua filosofia, também afirma ser, sobretudo, na obra “O único e a sua propriedade”. Aqui, podemos situar, de modo muito breve, histórica e filosoficamente, o pensador, solicitando que os nossos estudantes se posicionem, concordando ou discordando do pensamento stirnereano. É importante que o professor faça algumas provocações à turma: “Por que Stirner se considera o único? O que significa ser único para Stirner? Por que Stirner se afirma a única causa dele mesmo? Qual a minha verdadeira causa? Eu tenho coragem de enfrentar os meus medos interiores? *EU sou* mesmo importante para mim? A essas perguntas, deixar espaço para as respostas. E, o mais importante, deixar que os alunos façam as suas próprias perguntas. Sugerimos 25 minutos para esse exercício.

Terceiro passo: Aqui a turma deve ser dividida em grupos, de preferência, em quatro ou cinco grupos para facilitar na hora das apresentações. Em cada grupo, deve ser eleito um relator, que ficará responsável para as anotações do roteiro. Após a divisão dos grupos, o professor solicitará que montem seus textos para a encenação da peça. Cada grupo pode usar sua criatividade, a partir também dos elementos que foram trabalhados no início do encontro. Podem utilizar outras músicas e textos de filósofos que conhecem e cujos conceitos têm condições de dominar, para fazer relações com o tema desse encontro. Deve ser estabelecido o tempo que cada grupo tem para realizar essa atividade, indicando, também, o tempo do qual eles disporão para apresentá-la. Como sugestão, indicamos que, para a montagem da encenação, sejam reservados, reserve, no mínimo 30 minutos.

Quarto passo: apresentação das peças. Cada grupo terá apenas até 7 minutos para apresentação da encenação que preparou, permitindo-se que esse espaço seja conduzido

pelas apresentações. Cabe ao professor fazer intervenções, se achar conveniente, ao final de cada apresentação. Como a turma será dividida em 4 ou cinco grupos, o tempo utilizado para esse exercício será de 20 minutos.

Atividades dos estudantes:

As atividades, neste terceiro encontro, serão concentradas em debates em torno do tema *Eu sou?*, o qual entendemos muito pertinente para trabalhar com os estudantes do Ensino Médio, por entendermos que perpassa muitas questões de interesse dos adolescentes e jovens, como inclusão, exclusão, construção de si mesmo, aceitação e negação de si. Neste encontro, será proposto assistir, ao videoclipe “Gita”, comentá-lo e analisá-lo, relacionando-o com a realidade dos dias atuais. Também será proposto o contato com pequenos trechos da obra do filósofo Max Stirner e sua relação com o sujeito, a sua libertação de imposições e amarras. Além disso, a encenação deve ser a principal atividade do terceiro encontro, devendo os estudantes ser estimulados a assumir, de verdade, o compromisso com essa atividade.

Aguardo vocês no próximo encontro. Até quinta, meu povo!

Recursos:

Caixa de som, pendrive ou outra mídia com arquivo de videoclipe, notebook com acesso à Internet ou vídeo clipe já salvo em arquivo do notebook, tela de projeção com Datashow, papel com a pergunta tema: *Eu sou?* – (digitada ou escrita), que será entregue aos grupos para a criação dos roteiros da encenação. Também folhas com os textos filosóficos de Max Stirner, para a apreciação e a discussão dos estudantes; roteiro com perguntas para a avaliação que será feita pelos estudantes dos grupos que não estão participando da encenação.

Avaliação do encontro:

Deixaremos com os estudantes a responsabilidade de participarem com o professor, de fazerem comentários, no sentido de avaliar as apresentações dos outros grupos. Cada aluno fará comentários (orais) e anotações dos grupos dos quais não estará participando. A avaliação escrita será entregue ao professor, como um critério para o andamento do projeto. Claro que essa avaliação tem peso na vida do aluno, na sua maneira de valorizar e respeitar o fazer do outro e também o seu fazer-se, como caminho para o Cuidado de Si, sendo uma atividade de escrita de si, uma vez que, ao analisar os seus

colegas, o estudante tem a possibilidade de rever atitudes que o fazem prisioneiro de outrem, sem viver a condição de sujeito. A avaliação que será entregue ao professor não precisa ser lida ou socializada.

Textos de apoio³⁷:

- A. “Eu sou minha causa [...], eu que sou o meu tudo, eu que sou o único.” (MAX STIRNER).
- B. “Nada é a causa de Deus e da humanidade, nada a não ser eles próprios. Do mesmo modo, eu sou minha causa, eu que, como Deus, sou o nada de todo o resto, eu que sou o meu tudo, eu que sou o único.” (MAX STIRNER).
- C. “O divino é a causa de Deus, o humano é a causa ‘do homem’. Minha causa não é nem o divino nem o humano, não é o verdadeiro, o bom, o justo, o livre etc., mas exclusivamente o que é meu.” (MAX STIRNER).
- D. “Esta não é uma causa universal, mas, sim... *única* tal como eu. Para mim, nada está acima de mim.” (MAX STIRNER).

4.3.4 Encontro 04: Terceiro exercício de escrita de Si

Título do encontro: Na feira com Nietzsche

Descrição:

É importante que o professor prepare bem o espaço junto com seus alunos, para que a sala de aula se torne, de fato, um ambiente propício para a realização de uma feira filosófica, algo simples, mas bem organizado, com todos os materiais já bem vistos com antecedência. Como já foi sugerido anteriormente, a realização deste encontro pode ser na sala de aula ou em outro espaço adequado para ele. Sabemos que a feira faz parte da vida de milhares e milhares de brasileiros, inclusive, da vida de grande parte dos nossos alunos. Quantas pessoas estão em suas cidades, nos contrarturnos das aulas, ajudando os seus pais e familiares no trabalho em feiras livres? O projeto “Filosofia de quinta” pensou

³⁷ Disponível em: <https://machinedeleuze.wordpress.com/2014/08/29/max-stirner-e-sua-suposta-influencia-sobre-nietzsche/> Acesso em: 13 set 2021.

nessa Feira com Nietzsche, justamente por isso, porque a feira é lugar da vida, lugar de cada dia. Nesse sentido, também pode ser lugar da filosofia. Por isso, é preciso organizar a sala, começando pelas “bancas” ou “bancos” da feira. Como sugestão, podem ser preparados cinco bancos. Em cada banco, combinar dois ou três vendedores responsáveis, de acordo com o número de estudantes que houver na turma, de tal forma distribuídos que todos possam participar na venda e na compra da nossa feira filosófica. Devemos realizar, também, o sorteio dos temas que desejamos que sejam comercializados nos bancos, pelos nossos jovens “comerciantes”/estudantes. Não é necessário que todos os temas estejam ligados a textos de Nietzsche, mas é interessante que sejam temas que envolvam também a filosofia nietzscheana. Deixamos, aqui, alguns exemplos, a título de sugestão: A verdade a preço de banana; A religião em xarope; A angústia em caldas; Juventude: cringe ou caramelo?; O “pacote” de internet, com mil e uma soluções. Muitos outros temas podem ser trabalhados e levantados pelo professor/mediador e pelos alunos. Sabemos que a feira é o lugar da propaganda, por isso cada um, de forma criativa, pode fazer a montagem do seu produto para “vendê-lo”.

Plano de atividades (detalhamento dos passos):

Primeiro passo: esse é o momento ideal para que cada dupla ou trio possa combinar suas estratégias de vendas e como farão para realizar a comercialização de seus produtos em suas bancas. O momento de estratégia é sempre muito importante para a filosofia, sempre muito importante na vida, na construção do sujeito. Diferentemente também do que muitos pensam, a feira precisa de preparação. Na verdade, muitos nem param para pensar nisso. Mas, toda a aglomeração de pessoas, antes de estar ali com os seus produtos, esteve antes se organizando para trazer suas mercadorias para expor. Assim, também os nossos alunos precisam dessa preparação. Não falamos simplesmente em preparar-se para chegar a um futuro longínquo, mas preparar-se cotidianamente, porque a vida acontece a cada dia, como aquela feira livre e como nossa feira filosófica. O fazer-se sujeito exige que façamos escolhas para nós mesmos, que coloquemos nas nossas cestas de compras produtos que nos ajudem a alimentar a nossa prática de viver melhor a cada dia. A nossa cesta de compras, em cada feira, precisa estar sempre abastecida de atitudes que nos levem a um construir-se com mais sabor. A organização dos espaços e das estratégias de vendas, da logística da feira vai demandar um certo tempo para se pensar, pois os estudantes também deverão opinar nessa construção. Aqui são necessários 30 minutos para a elaboração das estratégias.

Segundo passo: Nas chamadas feiras livres, as pessoas andam entre os bancos, oferecem suas mercadorias, negociam seus preços. Por isso, vamos deixar, nesse primeiro momento, que cada um possa explorar o tema que escolheu para apresentar e vender, que possa andar pela sala vendendo, apresentando o seu tema, junto com seus colegas, podendo até mesmo sair da sala e oferecê-lo aos outros professores, aos colegas de outras turmas e ao maior número possível de pessoas que eles conseguirem “vender”. Não vai existir uma ordem estabelecida: cada estudante vai tentar convencer o outro. Aqui vamos deixá-los estabelecer suas próprias regras. Sobre o valor de cada mercadoria, esse será deixado, também, a cargo de cada dupla ou trio. Mas o professor levará cédulas que preparou, com valores e a efigie de pensadores, por exemplo: cédula de 5,00 (estampa do Platão); 10,00 (estampa do Kierkegaard); 50, 00 (com estampa do Foucault), assim por diante. A moeda pode se chamar *Transparência real*. Outro detalhe: todos recebem os mesmos valores para as primeiras negociações, em suas bancas. Lembramos que as bancas devem ter algo também material, seja uma notícia, um recorte de jornal, uma folha escrita, um desenho, mas sempre algo com que se possa endossar a argumentação que cada um vai utilizar para convencer os compradores, ficando claro que o que mais importará será essa argumentação. Vamos deixar cerca de 30 minutos para o momento de venda e negociações.

Terceiro passo: momento de voltar para ver os lucros, o que se conseguiu vender e se todos obtiveram algum lucro, se alguém não conseguiu convencer os colegas a comprar, sendo necessário detectar as perdas e descobrir se os preços foram mesmo justos. Por fim, discutir se valeu mesmo a pena participar dessa feira. Mas, por que chamamos feira com o Nietzsche? Como o pensamento do filósofo está ali presente, como as nossas ações remetem aos seus escritos? Então, o terceiro passo desse encontro pode ser chamado de ação “avaliativa” de si. Por isso, ele será muito importante para os nossos alunos. Sugerimos que o professor leve, por escrito, para ser entregue aos estudantes, as seguintes perguntas: a) O que foi bom nessa experiência? b) O que não valeu a pena? c) Como podemos melhorar? Esse momento pode durar cerca de 20 minutos.

Atividades dos estudantes:

Os estudantes deverão realizar diversas atividades nesse encontro, desde a preparação/ornamentação dos espaços, juntamente com o professor, até a montagem das

estratégias de vendas. Eles deverão pensar na escolha dos argumentos, nas “negociações”, isto é, nas vendas. O exercício de avaliação de si mesmo também é outra atividade importante para eles. Tudo isso são atividades que os próprios estudantes deverão realizar, ao longo desse quarto encontro.

Recursos:

Bancas ou mesas que podem ser as das salas de aula ou outras que sejam providenciadas; toalhas (de TNT ou malha), para ornamentar as bancas, podendo ter um arranjo em cada uma delas; bastantes jornais e revistas para os recortes; livros para consultas; as cédulas para as compras (Transparência Real); um som para deixar uma música no momento de preparação dos argumentos, e, no momento da feira, folhas com questões de avaliação.

Avaliação do encontro:

O professor solicitará um breve relatório de como foi o encontro, de como foi a feira, do que poderia ter sido melhor organizado, quais estratégias poderiam ser adaptadas à realidade dos estudantes. Essa avaliação poderá ser enviada por e-mail ou por outra plataforma utilizada pelo grupo.

Textos de apoio:

A. “Ó homem! Atenção!

Que diz a profunda meia-noite?

Eu dormi, dormi,

De profundo sono eis-me acordado:

O mundo é profundo

Tão profundo como nunca supôs o dia.

Profundo é o seu mal,

A alegria – mais profunda ainda que a pena:

A dor diz: Passa!

Mas toda a alegria quer a eternidade,

Quer a profundidade, bem profunda eternidade!” (NIETZSCHE, Assim falou Zaratustra).

B. “Nós fizemos um progresso decisivo, em estética, quando compreendemos, não como uma ação da razão, mas com a imediata certeza da intuição, que a evolução da arte está ligada ao dualismo do apolinismo e do dioninismo, como a geração está ligada à dualidade dos sexos, à sua luta contínua, cortada de acordos provisórios. Nós tomamos emprestados esses dois termos dos gregos: a bem dizer, eles exprimem, não em conceitos, mas nas formas distintas e convincentes das divindades gregas, as verdades secretas e profundas de sua crença estética. As duas divindades protetoras da arte, Apolo e Dionísio, sugerem-nos que, no mundo grego, existe um contraste prodigioso na origem e nos fins, entre a arte do escultor, ou arte apolínea e a arte não escultural da música, a de Dionísio. Esses dois instintos tão diferentes caminham lado a lado, mais frequentemente num estado de conflito aberto, exercitando-se mutuamente a criações novas e mais vigorosas, a fim de perpetuar entre eles esse conflito dos contrários que recobre em aparência apenas o nome de arte que lhes é comum; até que finalmente, por um milagre metafísico do “querer” helênico, eles aparecem unidos, e nessa união acabam por engendrar a obra de arte ao mesmo tempo dionisíaca e apolínea, isto é, a tragédia grega” (NIETZSCHE, Nascimento da tragédia).

4.3.5 Encontro 05: Encerramento e avaliação

Título do encontro: Entrevistando Foucault

Descrição:

Esse é o nosso último encontro do projeto. Estamos finalizando a nossa jornada, ao passo que apenas iniciando o caminho para o constante Cuidado de Si, almejando, por meio dos exercícios de escrita de si, aqui apresentados não para parar de olhar para si, não parar de conhece-se, não parar de cuidar-se, de promover-se como sujeito de si mesmo. Por isso, vamos convidar os nossos alunos para participarem de uma entrevista. Pode ser realizada da seguinte maneira: dividir a turma em duplas para facilitar os ciclos de entrevistas. Se, por acaso, ficar alguém sem dupla, o professor pode realizar a entrevista. Cada um faz as perguntas e anota as respostas. Depois de 15 minutos, faz a rodada inversa: os entrevistadores se tornam entrevistados. É importante que as respostas sejam anotadas e entregues ao próprio estudante que foi entrevistado, para que ele, posteriormente, possa fazer análise das suas respostas. O exercício levará cerca de 40

minutos para ser concluído. Acompanhemos o passo a passo desses momentos de finalização e avaliação do projeto.

Plano de atividades (detalhamento dos passos):

MODELO DE ENTREVISTA:

Entrevista do aluno (a)

- A. “Me tornei aquilo que mais temia”. Como a filosofia pode nos ajudar a viver uma vida autêntica? Que atitudes tomar diante das opiniões alheias?
- B. “Minha família, minha (meu)! Como você se vê no mundo, a partir de suas relações com os seus familiares, com seus amigos e aqui na escola?
- C. O que você pensa sobre Deus, sobre fé e religião? Isso o ajuda no dia a dia ou não traz qualquer acalento?
- D. “Já pensou se você fosse presidente?” O que você faria para mudar o que não gosta no cenário político (do nosso País, Estado e Município)? O que você seria capaz de mudar?
- E. Enquanto você não pode assumir tais cargos, o que podemos fazer para melhorar as nossas aulas de filosofia? E o que poderíamos fazer para melhorar a nossa escola?
- F. Você se acha justo nas relações com os amigos e consigo mesmo? Tem se “cobrado demais” ou nunca pensou nisso?
- G. Você se sente livre? O que concretamente pode tirar sua liberdade? Dê exemplos.
- H. O que você pensa para além da morte? Como devemos viver esta vida, em termos de “aproveitar” a vida? Como você entende a expressão: “viver bem a vida”? Exemplifique.

- I. É possível demonstrar o amor de um modo prático? Dê exemplos. É possível amar os outros antes de se amar a si mesmo?
- J. Esse tempo de estudos (Ensino Médio) tem-no ajudado de que maneiras a construir-se? Nesse sentido, qual o papel da Filosofia?

Primeiro passo: após a realização da entrevista, neste momento do nosso encontro, devemos discutir as impressões que eles tiveram, ao ser entrevistados e ao entrevistar. O que sentiram, o que pensaram sobre si e sobre o colega. Não seria bom ler as respostas, mas, apenas, uma breve socialização. Podemos fazer esse exercício em torno de 10 minutos.

Segundo passo: depois da socialização, o professor deve apresentar à turma o filósofo Michel Foucault e, de modo especial, o Cuidado de Si. Na verdade, o Cuidado de Si já vem permeando todo o “*Filosofia de quinta*”. Mas, deve ser o momento de provocar os alunos a perceberem (nos encontros passados) e, de modo especial, neste quinto encontro, a necessidade e a urgência do apelo que Foucault nos faz. Esse momento de fala do professor deve ser em torno de 25 minutos.

Terceiro passo: sugerir, como produção dos próprios alunos, a elaboração de um questionário, em forma de entrevista, para ser aplicado com o filósofo Foucault. Fazer a proposta, com perguntas, como se pudessem ser feitas ao filósofo, seja num bate papo, seja ao vivo, seja online.

Atividades dos estudantes:

A entrevista que os estudantes organizarem, com certeza, são questões de sua própria vida, inquietações do seu dia a dia, situações que falam do cuidado consigo mesmo – ou da falta dele, dos seus medos, alegrias e insatisfações, de preconceitos, de exclusão e de dores que trazem das experiências traumáticas. Assim, ninguém melhor para encontrar as respostas do que eles mesmos. Por isso, eles nem imaginam receber de volta as suas entrevistas, os seus questionamentos. Serão eles – a luz do cuidado de si – que encontrarão – passo a passo, dia a dia – as respostas para as suas perguntas. Havendo perguntas sobre questões mais teóricas, dados específicos, o professor deve ajudá-los, indicando bibliografias, sites e revistas que os ajudem nesse sentido. Mesmo assim, são

os próprios alunos que farão seu caninho, que cuidarão da escala de aprendizagem, do saber que desejam ter a respeito de Foucault ou de qualquer outro filósofo. O Cuidado de si passa, mais uma vez, por esta ponte que parece muito estreita, que balança, que até nos amedronta, mas que não tem outro jeito: é preciso encará-la. O Cuidado de Si é esse convite que o “*Filosofia de quinta*” propôs – como início – para esses estudantes do Ensino Médio, mas que o propõe para todos aqueles que desejam sair da condição de espectador da vida, assumindo a condição de sujeito de si mesmo.

Até mais, meu povo! O *Filosofia de Quinta* fica por aqui!

Recursos:

As entrevistas impressas, em número suficiente; canetas reserva; material impresso para entregar aos estudantes (texto filosófico); folha em branco para elaboração da entrevista com Foucault, pincel e apagador.

Avaliação do encontro:

Para finalizar as avaliações dos encontros, é importante que cada estudante seja convidado a expressar sua fala, sua opinião, que manifeste em que aspecto(s) o projeto contribuiu para sua vida, nesses cinco encontros. Por isso, é necessário que a primeira parte da avaliação seja feita de maneira oral e livre, que a segunda parte da avaliação seja feita por meio de uma atividade de escrita, com a coleta das entrevistas, para análise posterior, por parte do professor, e também que sejam entregues aos estudantes as perguntas já contidas nesse roteiro. Assim, eles poderão registrar as experiências boas do projeto, possibilitando que outras experiências aconteçam a partir do que foi implantado, podendo registrar o que precisará melhorar, aperfeiçoar e adequar, também deixando registradas sugestões para as próximas edições do projeto.

Textos de apoio:

A. “O cuidado de si é uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência.” (FOUCAULT, 2010, p. 9).

B. “O princípio do cuidado de si foi formulado, convertido em uma série de fórmulas como ‘ocupar-se consigo mesmo’, ‘ter cuidados consigo’, ‘retirar-se em si mesmo’,

‘recolher-se em si’, ‘sentir prazer em si’, ‘buscar deleite somente em si’, ‘permanecer em companhia de si mesmo’, ‘ser amigo de si mesmo’, ‘estar em si como uma fortaleza’, ‘cuidar-se’, ou ‘prestar culto a si mesmo’, ‘respeitar-se’.” (FOUCAULT, 2010, p. 13).

C. “É claro que, no curso dessa história, a noção ampliou-se, multiplicaram-se suas significações, deslocaram-se também. [...] Primeiramente, o tema de uma atitude geral, um certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar as ações, de ter relações com o outro. A *epiméleia heautoû* é uma atitude – para consigo, para com os outros, para com o mundo. Em segundo lugar, a *epiméleia heautoû* é também certa forma de atenção, de olhar. Cuidar de si mesmo implica que se converta o olhar, que se o conduza do exterior [...] dos outros, do mundo para si mesmo. O cuidado de si implica uma certa maneira de estar atento ao que se pensa e ao que passa no pensamento. Há um parentesco da palavra *epiméleia* com *meléte*, que quer dizer, ao mesmo tempo, exercício e meditação. [...] Em terceiro lugar, a noção de *epiméleia* não designa simplesmente essa atitude geral ou essa forma de atenção voltada para si. Também designa sempre algumas ações, ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos.” (FOUCAULT, 2010, p. 11-12).

4.4 Referências para o projeto

AGOSTINHO, S. **O Livre-arbítrio**. Tradução, organização, introdução e notas de Nair de Assis Oliveira; revisão de Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística).

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). Edição estabelecida sob a direção de Francois Ewald, Alessandro Fontana e Frédéric Gros. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. (Obras de Michel Foucault).

MORAES, V. de. **Samba da bênção**. São Paulo: Som Livre: 1967. (duração 06:49).

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

NIETZSCHE, F. **O Nascimento da tragédia**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANCHEZ, M. **O julgamento e a morte de Sócrates**. Disponível em: <https://opiniaocentral.wordpress.com/tag/resumo-do-pensamento-de-socrates/>. Acesso em 15 jul 2021.

SEIXAS, R. **Gita**. São Paulo: Som Livre: 1974. (duração 04:48).

STIRNER, M. **O único e a sua propriedade**. Tradução de: João Barrento. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho partiu da experiência de sala de aula – do chão da escola –, da observação dos nossos estudantes e de suas dificuldades de enxergar a Filosofia (Ensino de Filosofia) como esse caminho de construção de si mesmo, como possibilidade de superar-se a si mesmo, como caminho que possibilita um novo olhar sobre o indivíduo que se permita tornar sujeito de si mesmo. Podemos afirmar que partimos, também, das várias problemáticas que encontramos nas experiências realizadas como educador ao longo de anos, mas consciente de que necessita melhorar a cada dia a sua prática. Nesse sentido, enxergamos a sala de aula como espaço privilegiado para uma prática crítica de si, um caminho seguro para a formação de um sujeito mais livre e autônomo. A nossa maneira de entender a Escola e o Ensino de Filosofia passa pelos caminhos da observação, da necessidade de transformação, da resistência àquilo de que discordamos e pelo desejo de modificar o que é possível. Por isso, nos aventuramos a pesquisar, mesmo permanecendo na ativa com as aulas, pois temos a consciência de que o professor precisa manter-se sempre pesquisando para ampliar horizontes, trazer novos olhares e lançar novas luzes para sua prática em sala de aula.

Assim, a nossa pesquisa foi desenvolvida com os olhos voltados para a sala de aula, com a inquietação a respeito do que tudo isso acrescentaria às práticas das nossas aulas no Ensino Médio, ao mesmo tempo, voltados, também, às nossas aulas do mestrado e às novidades que nos foram acrescentadas, isto é, ao que as aulas e as leituras do PROF-FILO foram trazendo a cada dia. Nesse sentido, o PROF-FILO trouxe uma visão mais ampliada acerca do Ensino de Filosofia, do olhar para a sala de aula como espaço para o fazer educacional; trouxe muitos autores que desfizeram mentalidades antigas acerca das nossas concepções pedagógico-metodológicas. Com certeza, as aulas e pesquisas do Programa ajudaram-nos a pensar melhor a nossa prática, a perceber a necessidade da formação contínua do professor, do aperfeiçoamento a cada dia, da qualificação, do tornar-se sujeito de si mesmo, do olhar para si mesmo. Podemos afirmar que as pesquisas e as aulas despertaram o nosso desejo de construirmos uma Educação com mais liberdade, isto é, com mais qualidade, com mais possibilidade de colaborar com os adolescentes e jovens no despertar de si mesmo, no interesse de cuidar de si mesmos. Assim, a necessidade de construir um texto para apresentar como conclusão do curso de Mestrado em Filosofia no Programa de Pós-graduação (PROF-FILO) não se configurou apenas como mais um item das disciplinas, como um item obrigatório: esse texto foi o resultado

de um prazeroso percurso de ensino-aprendizagem. Apesar das muitas dificuldades encontradas, – devido ao tempo corrido em detrimento das atividades em sala de aula, bem como a tudo que veio com a pandemia e suas drásticas consequências – foram muitas lições e aprendizagens, como novas maneiras de conceber a Educação, sobretudo, o Ensino de Filosofia, as abordagens em sala de aula, o tratamento com os nossos estudantes e a necessidade de não parar de buscar-se, isto é, de continuar em constante processo de construção de si mesmo, de busca de si mesmo, de cuidado consigo mesmo.

Nesse percurso que fizemos, como estudantes do Programa de Pós-graduação, cada um dos alunos do PROF-FILO teve a oportunidade de se identificar com alguma área de pesquisa em Filosofia e afins da Educação e do Ensino de Filosofia, com algum filósofo ou pensador, para poder relacioná-lo com sua prática de educador. Conosco aconteceu tal aproximação com o filósofo Michel Foucault e o seu modo de se perguntar acerca do sujeito e de entender esse sujeito e seu modo de fazer-se, de investigar o fazer-se de cada um, de pensar as mais diversas situações. Chamou-nos a atenção as possibilidades que Foucault oferece no que diz respeito ao cuidado de si mesmo, por meio dos exercícios ou práticas que possibilitam essa vivência de si mesmo. Por essa razão, ao adentrar um pouco mais em suas categorias, fomos compreendendo que a categoria do Cuidado de Si nos ajudaria porque correspondia à nossa proposta de melhorar o modo de fazer o Ensino de Filosofia em nossa prática educativa. Fomos percebendo que a filosofia foucaultiana e a Educação têm muitos pontos de convergência e aproximação. Por isso, quisemos intitular o nosso trabalho de “*Uma proposta do ensino de filosofia à luz do cuidado de si de Foucault*”, entendendo que, a partir da categoria do Cuidado de Si foucaultiano, teríamos condições de falar de uma Educação que retrata a própria vida e que se relaciona com ela. Todo o trabalho foi permeado pela filosofia de Michel Foucault, a partir do tema do Cuidado de Si, numa busca incessante de uma reflexão filosófico-pedagógica que atingisse o refletir-viver, uma filosofia que partisse dos conceitos, da tradição, e que também partisse da realidade concreta das vivências dos estudantes. Compreendemos que não se pode falar de uma pesquisa consistente que aconteça sem a aplicação de um produto (a nossa intenção sempre foi a aplicação do produto). Mas, fomos impedidos de fazê-lo, devido à pandemia da Covid 19), sem falar de uma questão *ético-existencial*, pois a experiência passa pela concretude, passa pelo dia a dia da nossa sala de aula e da vida dos nossos estudantes.

Desse modo, a nossa dissertação foi organizada em três momentos principais. No primeiro momento ou primeiro capítulo, abordamos *Foucault e o Cuidado de Si*, a partir

da investigação do termo/categoria foucaultiana, do olhar que Foucault lança sobre o Cuidado de Si e a sua importância para o sujeito, compreendendo que o Cuidado de Si é verdadeiramente uma escolha de vida, e que, ao menos, precisa tornar-se uma escolha de vida para quem o descobre, uma escolha ou modo de viver para aqueles que fazem a experiência, por meio dos exercícios ou práticas que levam a um libertar-se das verdades e dogmatismos impostos pelo nosso tempo. Nesse mesmo capítulo, trabalhamos a questão do sujeito e da verdade, uma vez que, para Foucault, não existe uma verdade absoluta, imposta e acabada que seja trazida do “alto”, mas, a partir da construção do sujeito existe essa relação com a verdade. Assim, a verdade perde esse aspecto *metafísico e lógico*, passando a acontecer na relação com o sujeito, no que ele chamou de aspecto psicológico, no transcorrer dos dias. Ainda na dimensão da construção do sujeito e da verdade, abordamos a *parrhesía e a psicagogia*, intitulando-as como coragem da prática, como seguros caminhos que autenticam o fazer e o viver do sujeito. A *parrhesía* ou o franco falar afasta o sujeito de ciladas que o prendem à dominação da *stultitia* e da retórica. Ou seja, subordina-o a vontades alheias e a mentiras, razão pela qual a *parrhesía* torna-se importante no fazer do sujeito que caminha para o cuidado de si mesmo. Por sua vez, a *psicagogia* é fundamental no processo educacional, haja vista que a pedagogia antiga afastou-se de sua força libertadora, surgindo, então, a *psicagogia*, como essa nova necessidade de uma prática educativa que não seja mera aquisição ou imposição de conteúdo, de repasse de fórmulas. Ela deseja conduzir o sujeito à sua liberdade, ao fazer-se, ao construir-se a si mesmo, ao fazer uma relação entre conteúdo e vida, ligando o saber ao fazer, no dia a dia do sujeito. Assim, concluímos a primeira parte do texto tratando sobre *as práticas de si* que colaboram para o fazer do sujeito e mencionando, também, aquelas que são impedimento desse fazer-se. Ressaltamos, por fim, que as práticas críticas de si são as que permitem ao sujeito uma transformação autêntica.

No segundo momento, ou segundo capítulo, optamos por fazer uma relação entre o pensamento de Foucault e a Educação, observando algumas aproximações e também algumas implicações, ou seja, as distâncias que acontecem entre elas. Por essa razão, intitulamo-la *Foucault e a Educação: aproximações e implicações*. É verdade que Foucault, ao escrever, não estava necessariamente preocupado com as questões diretamente ligadas à Educação, embora apareçam muitos elementos em várias das suas obras que podem ser relacionados à questão da Educação. Dessa forma, como nosso trabalho tem o olhar voltado a Educação e o Ensino de Filosofia, entendemos que seja pertinente observar essa ligação ou convergência. Destacamos, já no início, O

pensamento foucaultiano e a Educação: caminhos que convergem, em que apresentamos elementos que nos possibilitam fazer algumas associações entre o pensamento desse filósofo e a educação. Por isso, citamos algumas obras de Foucault que se destacam com esse viés para a Educação. Posteriormente, apontamos alguns aspectos do sujeito e as relações de poder, o que existe de implicações e aproximações na formação do sujeito, aqui denominados de *O sujeito e a Educação na perspectiva das relações de poder*. Em seguida, destacamos a *Educação como um meio de constituição de subjetividades*, apresentando alguns aspectos desse fazer, dessa constituição, desse caminhar. Por fim, concluímos a segunda parte, destacando *O Cuidado de Si: um espaço para a resistência*, uma vez que entendemos, realmente, que o Cuidado de Si foucaultiano representa esse caminho seguro de resistência contra as violências impostas ao fazer do sujeito.

No terceiro momento ou terceiro capítulo, apresentamos o projeto de intervenção, o qual se constitui como parte do Programa de Pós-graduação do PROF-FILO: a exigência de uma proposta de intervenção. O nosso terceiro capítulo foi intitulado de *Proposição didática: o projeto “Filosofia de quinta” como caminho de escrita e si*. O nosso projeto consiste justamente em uma proposta de ensino-aprendizagem para a disciplina de filosofia no Ensino Médio. Ele foi estruturado com base nas necessidades que encontramos em sala de aula. Foi também resultado de outras experiências exitosas no caminhar pelo Ensino Médio. É dividido em cinco encontros; em cada um desses encontros, pretendemos trabalhar atividades de escrita de si, envolvendo um trilhar para as vivências do Cuidado de Si que Foucault apresenta e que desejamos levar para a sala de aula em cada atividade realizada. O Projeto *“Filosofia de quinta”* propõe realmente colaborar com os estudantes na descoberta de si, no conhecimento de si, por conseguinte, no Cuidado de Si, na nossa prática pedagógica, na nossa vivência como professores/as e estudantes de Filosofia do Ensino Médio. A proposta é que os encontros sejam realizados durante cinco semanas, sendo, ao todo, cinco encontros, cada um deles com duração de duas horas aula.

Acreditamos que a Filosofia e o Ensino de Filosofia podem contribuir grandemente para a vida dos nossos alunos, e, por conseguinte, o projeto que ora apresentamos vem somar nesse caminho do Cuidado de Si, uma vez que: “[...] fazer pesquisa em ciências humanas e educação é ocupar-se do visível e do enunciável, do não-discursivo e do discursivo, entendendo que ambos estão em plena e permanente conexão entre si. [...]” (FISCHER, 2003, p. 380). Desse modo, à luz da categoria foucaultiana do Cuidado de Si, propomos ideias para que o nosso projeto possa ser exequível em qualquer

escola onde houver necessidade de uma intervenção e que apresente, por parte de professores e alunos, a abertura de caminhar para a vivência do Cuidado de Si.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M.; VEIGA-NETO, A.; SOUZA, A. de F. **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BLACKBURN, S. **Dicionário Oxford de filosofia**. Tradução de Desidério Murcho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CARVALHO, A. F. de. **Pensar a função-educador: aproximações foucaultianas voltadas para a constituição de experiências de subjetividades ativas**. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO - ANPEd, 2008, Caxambu. Constituição Brasileira, Direitos Humanos e Educação, 2008. p. 1-17. Disponível em: <https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt17-4509-int.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2021.

CARVALHO, F. J. Educação e cuidado de si: anotações em vista de uma estética da existência. In: MEDEIROS, A. L.; SILVA, J. P. (Orgs.). **Foucault e a educação: acerca de disciplina, governo e cuidado de si**. Campina Grande: EDUEPB, 2020, p. 191-232. (Recurso eletrônico). Disponível em: <http://eduepb.uepb.edu.br/e-books/> Acesso em: 21 jun. 2021.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Tradução de Ingrid Muller Xavier. Revisão técnica de Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

CERLETTI, A. **O Ensino de filosofia como problema filosófico**. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (Ensino de filosofia).

CÉSAR, M. R. de A. Pensar a educação depois de Foucault. **Revista Cult**, São Paulo, n.134, p. 54-56, abr. 2009.

DIAS NETA, A. G. O cuidado de si: [re] existência na educação. **Cadernos Walter Benjamin**, v. 17, p. 94-110, 2016.

FISCHER, R. M. B. Foucault revoluciona a pesquisa em educação? **Perspectiva**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 371-389, jul./dez. 2003.

FOUCAULT, M. **O nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. Tradução de Eduardo Brandão. Revisão de tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. (Ditos & escritos, v. III).

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)**. Edição estabelecida sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros. Tradução de Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. 3ª tiragem. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014. (Obras de Michel Foucault).

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2014. (Leituras filosóficas).

FOUCAULT, M. **Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Organização, seleção de textos e revisão técnica de Manuel Barros da Motta. Tradução de Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. (Ditos & escritos, v. IX).

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREITAS, A. S. Michel Foucault e o “cuidado de si”: a invenção de formas de vida resistentes na educação. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 12, n. 1, p. 167–190, 2010. DOI: 10.20396/etd.v12i1.847. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/847>. Acesso em: 21 jun. 2021, p. 167-189.

GARCIA, M. M. A. **Pedagogias críticas e subjetivação**: uma perspectiva foucaultiana. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GOERGEN, P. O *cuidado de si* como papel formativo da filosofia. In: **O papel formativo da filosofia**. Organizado por Antônio Joaquim Severino, Marcos A. Lorieri e Sílvio Gallo. Jundiaí: Paco: 2016, p. 149-166.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. Censo Demográfico 2010. Matinhas: IBGE, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/matinhas/panorama>. Acesso em: 10 set. 2021.

JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

KOHAN, W. O, **O mestre inventor**: relatos de um viajante educador. Tradução de Hélia Freitas. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. (Coleção educação: experiência e sentido).

LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T.T. **O Sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35-86.

REVEL, J. **Dicionário Foucault**. Tradução de Anderson Alexandre da Silva. Revisão técnica de Michel Jean Maurice Vincent. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

REVEL, J. **Foucault**: conceitos essenciais. Tradução de Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovesani. São Paulo: Claraluz, 2005.

SÍLVIO, G. **Metodologia do ensino de filosofia**: uma didática para o ensino médio. Campinas, SP: Papirus, 2012.

TAYLOR, D. **Michel Foucault: conceitos fundamentais**. Editado por Dianna Taylor. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a educação**. 2. ed. 1. reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

YAZBEK, A. C. **10 lições sobre Foucault**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2013.



ANEXO 1:

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**

REQUERIMENTO DE DISPENSA DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Ilustríssimos membros do Colegiado do Mestrado Profissional em Filosofia do PROF-FILO da UFCG

JOSÉ JORGE SANTOS RODRIGUES, brasileiro, solteiro, estudante da Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Campina Grande, matrícula:3102201906, portador do CPF 069.545.694.61, RG 3253493, SSP/PB. Residente na Rua Maria de Lourdes Aguiar Loureiro, 393, Apto. 404. CEP: 58410-488, Catolé - Campina Grande / PB, vem, por meio deste instrumento legal, requerer ao Colegiado Local do PPG PROF-FILO, núcleo UFCG, a dispensa da **aplicação da intervenção pedagógica**, atinente ao projeto de pesquisa intitulado *Uma proposta do ensino de Filosofia à luz do cuidado de si em Foucault*, tendo como base o Memorando-Circular nº 1/2021/UFPR/R/CH/PPGFMP, o qual “flexibiliza a aplicação do previsto no Art. 46 do Regulamento Geral do PROF-FILO, a saber: ‘O trabalho de conclusão do curso de mestrado profissional em Filosofia do PROF-FILO, apresentado na forma de uma dissertação, versará sobre um processo planejado e implementado pelo aluno no contexto de sua prática docente como professor de Filosofia, com o objetivo de alcançar resultados e suscitar discussões que movem outras intervenções similares em favor da expansão e da melhoria do ensino de Filosofia.’”

É preciso registrar alguns acontecimentos e fatos, não apenas no âmbito local, mas de ordem nacional e global, o que embasa, com consciência e justeza, o nosso pedido de dispensa de aplicação da intervenção pedagógica. Tal intervenção, desde o ingresso no curso de mestrado, já era pensada e gestada com atenção e cuidado, já era embrionariamente presente em conversas com professores e colegas nas aulas e seminários, nas atividades e partilhas de experiências de colegas com realidades diferentes, no anseio de tornar-se efetiva. Mas, infelizmente, não será possível a sua aplicação, em decorrência da pandemia da Covid 19, que nos tomou a todos de maneira inesperada, chegando de modo grave e muito rápido em nosso país, ceifando muitas e muitas vidas e impedindo a convivência, o contato, a realização das atividades presenciais. Por isso, o enfrentamento de uma situação dramática e caótica que se instaurou no mundo inteiro afetou, evidentemente, a educação, com consequências sobre a nossa maneira de lidar com os nossos alunos. Na verdade, impediu o nosso contato em sala de aula com eles, trazendo, por conseguinte, prejuízos ao andamento da pesquisa em curso e ao modo como ela seria executada.

Depois, devemos registrar a inviabilidade de aplicação da intervenção pedagógica de forma presencial, devido à suspensão das aulas, ocorrida no dia 17 de março de 2020³⁸, mediante decreto do governo do Estado da Paraíba. Sem dúvidas, tudo isso acarretou danos à aplicação da intervenção, inviabilizando a aplicação prática do projeto de pesquisa, uma vez que a escola Desembargador Arthur Virgínio de Moura, localizada no Município de Matinhas/PB, onde faríamos a intervenção pedagógica fruto de nossa pesquisa, em conformidade com sucessivos decretos estaduais, continua com o ensino remoto, sem previsão de retorno às aulas presenciais, bem como acontece em toda a rede estadual de ensino básico.

Sem aulas presenciais, encaminhamo-nos para o ensino remoto³⁹, única via possível de acesso aos estudantes para que não fiquem de todo ausentes da educação

³⁸ “As instituições de ensino da Paraíba decidiram tomar medidas de prevenção ao contágio do novo coronavírus. Universidades, faculdades, escolas da rede pública e privada anunciaram, a maioria delas a partir de terça-feira (17), a suspensão de aulas e adoção de precauções entre alunos, professores e demais funcionários.” (Portal de Notícias G1 Paraíba).

³⁹ “O Regime Especial foi estabelecido na Portaria nº 418 diante da suspensão de aulas presenciais como medida restritiva que visa conter a disseminação do novo coronavírus na Paraíba, e vai vigorar por todo o período em que as aulas presenciais estiverem suspensas. O calendário do ano letivo será estabelecido com o retorno das aulas presenciais. O Regime Especial teve início nesta segunda-feira (20), com a abertura da formação sobre o uso de tecnologias educacionais, disponível para todos os professores da Rede. Por meio de edital, 100 tutores foram selecionados e treinados no mês de abril para serem responsáveis pela formação dos demais professores na utilização das tecnologias educacionais para planejamento pedagógico e organização das aulas. As atividades para os alunos começarão no dia 27 de abril de 2020.” (Portal de Notícias G1 Paraíba).

escolar formal e do contato com a comunidade escolar. Entretanto, a aplicação de nossa proposta de intervenção pedagógica não pode ser feita por via remota, pelas seguintes razões:

1 – Nossa proposta de intervenção se embasa no Cuidado de Si, que é um conceito do filósofo Michel Foucault. Na sua filosofia, Foucault enfatiza a necessidade de pôr em prática o cuidado, ressaltando as práticas do cuidado de si. É inviável concretizar tal experiência pelas telas dos nossos aparelhos eletrônicos. Para implementar tal projeto, é necessária a convivência, o “tocar” o seu mundo e o mundo do outro. Precisamos, da experiência física, da vivência.

2 – Nossa proposta visa a um trabalho coletivo que, por si só, exige a interação dos estudantes com colegas e com o professor. Um cultivar-se e um cultivar o outro, um escrever (a si mesmo) contínuo que passa pelo encontro (de si mesmo) e pelos desencontros das experiências da sala de aula e da vida, e que não pode se prender ao relato de textos que lemos em frente às nossas “telas frias”, os quais não possibilitam a interação. Por essa razão, sentimos prejuízo na interação do ensino pela via remota, uma vez que o acesso a esse tipo de ensino apresenta dificuldades como problemas de conexão, de internet, de celulares ou tablets utilizados pelos estudantes, o que causa entraves às atividades propostas e à interação professor-estudante.

3 – Ressaltamos, ainda, a faixa etária dos estudantes envolvidos em nossa proposta de intervenção pedagógica, a qual seria realizada nas turmas de 3º ano, com alunos cuja idade é sempre entre os 16 e 17 anos. Nesse aspecto, percebemos certa dificuldade dos nossos alunos, no sentido de se manterem nas salas de aulas virtuais por muito tempo, o que não acontece quando as aulas são presenciais, uma vez que eles sentem necessidade do real, pois já gastam muito tempo nos espaços virtuais, não conseguindo conciliá-los com o tempo da aula. Além disso, estando em casa, eles se atrasam no início das aulas, saem antes do seu término, dispersando-se das aulas para ajudar em atividades domésticas ou em outros compromissos familiares.

4 – O processo de aplicação do projeto é constituído por etapas, as quais requerem leituras, discussões, debates, conversas, produções de textos. O espaço do aluno, no ensino remoto, em casa, faz surgirem inconvenientes, tais como o barulho próprio de uma casa ou da rua, que chega a interferir nas atividades. Ademais, outros problemas, pelo fato de o estudante estar em casa, findam por gerar uma espécie de desprezo pela aula, ocasionando a desvalorização do que acontece nela.

5 – Temos vivenciado e percebido que o ensino remoto, por outro lado, gera dificuldade de comunicação entre o professor e os estudantes, por vários motivos: a) - Por vezes, os microfones são esquecidos ligados; b) – O barulho de casa, por vezes não raras, interfere nas atividades; c) – problemas próprios de tecnologia atrapalham a comunicação; d) A dificuldade de acesso à internet; e) Os estudantes, ou não querem ou não podem acionar as câmaras e os microfones. Nem todos os alunos conseguem chegar na mesma hora na sala online, pois, sendo o ensino remoto, têm a errônea impressão de que dispõem de mais tempo, razão pela qual muitos assumem alguma atividade para ajudar os pais, já que muitas famílias perderam renda durante esta pandemia.

6 – Muitos dos nossos alunos são da zonal rural do município de Matinhas. Isso dificulta a cobertura da rede de internet. Mesmo quando tem cobertura de internet por perto, nem todos têm condições de instalá-la em casa, pois não têm meios de pagar a sua mensalidade. Vale salientar que grande parte do nosso alunado é oriunda de família com poucas condições financeiras. Essas famílias têm encontrado ainda mais dificuldades nestes tempos de pandemia, com a queda das receitas de suas casas. Assim, o que pagam assistir às aulas com dados móveis (para aqueles que podem adquirir um pacote) não é suficiente para o mês inteiro de aulas.

7 – Nossa proposta de intervenção é baseada numa cronometragem que viabilize todos os passos nela apresentados. Temos notado que a relação com o tempo varia entre estar na sala de aula e estar na plataforma digital de ensino. Devido ao formato remoto, o tempo tornou-se escasso, de modo que, em uma aula de 50 minutos, perdemos muito desse tempo no modo remoto, pelos problemas citados nos itens anteriores.

8 – Podemos afirmar, ainda, que a aplicação do projeto, de fato, só poderá ser chamada de produto se acontecer numa prática que ajude os alunos nesse crescimento de si mesmos, nessa percepção de cuidar de si mesmo, de que suas vidas são importantes, de que seu presente importa, de que suas vidas importam. Mas, o ensino remoto não nos possibilita desempenhar esse papel, uma vez que não dá aos alunos essa segurança de realidade, passando sempre essa imagem de virtualidade e efemeridade que temos vivido durante esta pandemia.

Essas razões ensejam o pedido de não-aplicabilidade da intervenção pedagógica, cuja execução será completamente explicada em detalhes na dissertação de nosso curso de mestrado, ora em fase de conclusão. Vale acrescentar que este pedido conta com a anuência do Orientador da pesquisa, Professor Doutor Valter Ferreira Rodrigues, e do Coorientador, Professor Doutor Flávio José de Carvalho.

Termos em que
pede deferimento.

Campina Grande, 09/ julho/2021

José Jorge Santos Rodrigues

José Jorge Santos Rodrigues

Matrícula: 3102201906